

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

***Cuadernos de Marcha* (Primeira Época, Montevideu, 1967-1974): uma
“trincheira de idéias” desde o Uruguai para o mundo**

Cristiano Pinheiro de Paula Couto

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lize Brancher

Ilha de Santa Catarina, junho de 2008.

RESUMO

As revistas político-culturais na América Latina formaram incontestável *locus* de “sociabilidade intelectual” e fecundo meio de propagação de idéias. Imerso nos grandes movimentos da história, o periodismo latino-americano foi testemunha ocular e protagonista de muito daquilo que sacudiu a vida política e cultural do subcontinente, como a reforma universitária dos estudantes de Córdoba, a Revolução Cubana, o Aprismo, o Arielismo rodoniano, o Antiimperialismo, o Socialismo indo-americano, o Nacionalismo revolucionário e o Latino-americanismo, acontecimentos e idéias que tiveram enorme repercussão no campo intelectual da América Latina e que irrigaram as narrativas construídas nessas revistas. O estudo dos projetos que germinaram no interior de publicações como *Repertorio Americano*, *Estética*, *Klaxon*, *Amauta*, *Sur*, *Contorno*, *Crisis*, *Mundo Nuevo* e *Encontros com a Civilização Brasileira*, apenas para citar alguns exemplos, constitui instrumento privilegiado para o conhecimento da história intelectual latino-americana. Publicação mensal surgida em 1967, os *Cuadernos de Marcha*, objeto deste estudo, abraçaram a divisa de Pompeu, *navigare necesse, vivere non necesse*, que estampou todos os seus números. Aprofundamento do periodismo independente do semanário *Marcha*, fundado em 23 de junho de 1939 por Carlos Quijano, os *Cuadernos* erigiram um projeto que defendeu a tradição de um socialismo democrático enraizado em modelos nacionais. Tanto *Marcha* como os seus *Cuadernos* apareceram em Montevideu e absorveram os rumores da cultura do Rio da Prata. Egresso das hostes do Partido Nacional, particularmente da sua fração social-democrata, Quijano abandonou os meandros da política oficial e criou no periodismo uma “nova forma” de fazer política. Herdeiro do principismo liberal uruguaio e fervoroso seguidor do pensamento de José Enrique Rodó, imprimiu nos *Cuadernos* a marca da independência crítica.

Palavras-chave

Periodismo político-cultural

Pensamento latino-americano

Campo intelectual

Uruguai

Projetos de nação

ABSTRACT

The cultural magazines in Latin America were an incomparable *locus of sociabilité intellectuelle* and provided a rich way to spread ideas. Immersed in important historical moments, the Latin American cultural magazines acted as eye-witnesses and protagonists to influential events in subcontinent politics and culture, such as the Córdoba student's university reform, the Cuban Revolution, Aprism, *Arielismo rodoniano*, anti-imperialism, indo-american Socialism, revolutionary nationalism, and Latin Americanism. These events and ideas had an enormous impact on Latin American intellectuals and would become a part of the cultural magazine's narratives. Studying the projects that germinated from publications such as *Repertorio Americano*, *Estética*, *Klaxon*, *Amauta*, *Sur*, *Contorno*, *Crisis*, *Mundo Nuevo* e *Encontros com a Civilização Brasileira*, to name a few examples, is fundamental to understanding the intellectual history of Latin America. A publication started in 1967, the *Cuadernos de Marcha*, object of this study, embraced Pompeu's maxim, *navigare necesse, vivere non necesse*, a phrase written in all of its editions. Started on the 23rd of June of 1939 by Carlos Quijano as an extension of the weekly independent cultural magazine *Marcha*, *Cuadernos* defended the democratic socialism rooted in national models. Both *Marcha* and its *Cuadernos* appeared in Montevideo and were influenced by the tendencies of the Rio de la Plata culture. Former member of the National Party, particularly of its social-democrat faction, Quijano left the official politics path and created in the cultural magazines a "new way" of making politics. Heir of the Uruguayan *principismo liberal* and a zealous follower of José Enrique Rodó's ideas, he left the mark of independent criticism in the *Cuadernos*.

Key words

Cultural magazines

Latin American thought

Champ intellectuel

Uruguai

Nation projects

AGRADECIMENTOS

Pensar em agradecimentos é sempre uma tremenda roubada. É claro que eles são imprescindíveis; um sujeito que é incapaz de sentir gratidão só pode mesmo é ser um tremendo invejoso, já dizia Melanie Klein. A grande encrenca, todos já estão carecas de saber, é lembrar de todas as pessoas a quem devemos agradecer, sem esquecer o nome de ninguém. É um risco que temos que correr. Vale a pena o esforço de memória.

Eu quero agradecer em primeiro lugar à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Lize Brancher, com quem venho convivendo desde a graduação e a quem devo um reconhecimento muito grande pelo estímulo sempre efusivo ao estudo da literatura e da história da América Latina e pela sua inestimável delicadeza em nossas conversas além da atenção com o desenvolvimento de minha pesquisa.

Há um professor que me incentivou muito nos últimos anos pelo seu modelo de conduta intelectual, pela garra e contumácia com que desafia o “pensamento único” dentro e fora da universidade, o Dr.^o Waldir Rampinelli. Uma benção para você Rampa, que tem aquele dom de unir a ação ao pensamento.

Quero agradecer à Prof.^a Dr.^a Cláudia Wasserman pela cordial atenção com que atendeu ao meu convite para participar da banca de defesa deste estudo e pela simpatia e gentileza que manifestou em nossa correspondência.

Seria indecente deixar de mencionar uma pessoa que foi determinante na minha trajetória acadêmica e que me introduziu na investigação do periodismo político-cultural, a Prof.^a Dr.^a Maria Lucia de Barros Camargo, um farol na minha formação humana e intelectual.

À Prof.^a Dr.^a Philomena Gebran devo agradecer por ter segurado a minha mão quando me deparei com uma encruzilhada. À Philomena agradeço o encorajamento que me deu para que eu decidisse estudar História. Uma benção para você Philomena.

A todos os colegas do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC) tenho que deixar aqui um abraço e um caloroso agradecimento, particularmente ao Jeferson Candido, pela paciência com que me ajudou na confecção dos fac-símiles que acrescentei aos anexos. Graças a ele, os meus leitores poderão conhecer melhor os *Cuadernos de Marcha*.

Aos “profanos goliardos” do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) devo agradecer pelas blasfêmias e heresias que insistem em trazer à tona para despertar a reflexão

sobre a realidade. Mais do que escandalosas, são a pura levedura enriquecedora do pensamento crítico.

Mando uma saudação para a Prof. ^a Dr. ^a Carmen de Sierra pela hospitalidade e carinho com que me recebeu em seu apartamento e pelas cálidas conversas nos frios entardeceres do inverno de Montevideú.

Deixo um abraço muito ternurento para a minha amiga Isabel. Agradeço-lhe o apoio em uma hora de apuros. Bebel, obrigado pela disposição em verter meu resumo para o inglês. Foi uma ajuda e tanto.

Ao meu amigo portenho, Rodri, e aos seus pais, Hugo e Elsa, que, durante minha estada em Buenos Aires, motivada por este estudo, foram anfitriões maravilhosos e contrariaram todos os estereótipos que eu tinha a respeito dos portenhos. Ao Rodri quero agradecer a camaradagem. Ao Hugo as perambulações pela capital argentina e por seus cafés e rincões perdidos. À Elsa quero agradecer o carinho e as comidinhas saborosíssimas que preparava com tanta dedicação. De Buenos Aires quero agradecer também à minha amiga Janieke, luminosa sensibilidade e inteligência, por sua companhia sempre carinhosa.

Quero agradecer à Eva, companheira de todas as horas, por todo o alento e carinho que me deu no término deste estudo.

À minha família agradeço o afeto incondicional e o apoio constante.

SUMÁRIO

Impressões de Montevideú	8
Introdução	
Al que vendrá: prelúdio ao regresso	21
I – Testemunho	21
II – Os <i>Cuadernos de Marcha</i> e o “nó histórico da América Latina”	24
Cap. 1: A “geração crítica” nos <i>Cuadernos de Marcha</i> e o revisionismo histórico	
1.1 Artigas traído: o prócer solitário e as escaramuças pela memória	41
1.1.1 Os frágeis resquícios da verdade	41
1.1.2 Artigas redivivo	46
1.1.3 Uma “geração implacável”	52
1.2 José Enrique Rodó e Carlos Vaz Ferreira: interpretação crítica e resignificação de tópicos fundadoras	53
1.2.1 Formadores de gerações	53
1.2.2 O “maestro” da juventude da América	55
1.2.4 “Elaboremos nuestro propio vino”	63
Cap. 2: Pensamento rodoniano nos <i>Cuadernos de Marcha</i> e considerações sobre a conjuntura brasileira	
2.1 Política internacional e ideologia nos <i>Cuadernos de Marcha</i>	67
2.2 A política brasileira expressa nos <i>Cuadernos de Marcha</i>	82
Cap. 3: As linhas de força do pensamento latino-americano nos <i>Cuadernos de Marcha</i>	
3.1 Vozes do Rio da Prata: consciência histórica e nacionalismo no “grupo de <i>Marcha</i> ”	94
3.2 A integração da América Latina no pensamento de Carlos Quijano: utopia, retórica e realismo	105
Considerações finais	113

Fontes	117
Páginas Web visitadas	120
Referências bibliográficas	122
Anexos	126
Logotipo da <i>Marcha</i>	
Capa do primeiro número dos <i>Cuadernos de Marcha</i> - Maio de 1967	

Impressões de Montevidéu

E o que resta não destrói a memória.

W. G. Sebald

Cheguei em Montevidéu no mês de junho de 2007, durante um inverno frio. Depois de cruzar a monotonia dos pampas, desci no terminal rodoviário de Tres Cruces e ainda não havia amanhecido. Resolvi esperar um tempo antes de ir para o Red Hostel, um casarão antigo construído perto da Intendência Municipal, onde havia decidido passar minha estada. Com receio de andar nas ruas escuras de uma cidade desconhecida, sentei-me e tomei um volume qualquer nas mãos para ler distraído. Quando surgiu o *lucero del alba*, o céu estava cinzento e dominado por uma luz baça. Uma chuva fina caía, oprimindo a atmosfera. Mais tarde, em um zás-trás, ao pisar na rua à procura de um ponto de ônibus, veio-me à mente uma imagem que havia lido sobre Montevidéu, em resenha acerca da nova edição brasileira do romance *A Trégua*, de Mario Benedetti. Lá, no texto de Sylvia Colombo¹, dizia-se que “Montevidéu é, por natureza, uma cidade melancólica, onde o tempo parece se arrastar.” O comentário da historiadora e jornalista da *Folha de São Paulo* é análogo ao que escreveu Carlos Real de Azúa em seu ensaio sobre a cidade:

Ciudad del “debo” y el “no puedo” que tiene ante sí – siempre – un “brillante porvenir” hasta que un día se encuentre en el callejón sin salida de su escuálido presente, Montevideo parece en esto el dechado y casi símbolo del frágil desarrollo latinoamericano. En realidad, toda su historia podría cifrarse en los términos de una antítesis muy melancólica.²

Há um abatimento que paira sobre a urbe platina. Foi a sensação que me tomou de imediato, ao me deparar com uma cidade plúmbea, recoberta por uma massa espessa de umidade. Um comentário dessa resenha dizia que em 1959, quando Benedetti escreveu *A Trégua*, esse abatimento representava não só o desânimo dos uruguaios, submersos em um longo ciclo de crise econômica que carcomia o passado de prosperidade fundador do mito da “Suíça da América”, como também insinuava o prenúncio ominoso de tempos obscuros. Os sinais agourentos pressentidos por Benedetti não eram devaneios infundados. Na década de 60, quando emergiram os *Cuadernos de Marcha*, os setores produtivos do país estavam

¹ COLOMBO, Sylvia. “Obra de Benedetti traz melancolia uruguia”. *Folha de São Paulo*, 21 de março de 2007, p. E4.

² AZÚA, Carlos Real de. *Montevideo: el peso de un destino*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1987. p. 26.

estancados (a agropecuária desde várias décadas, a indústria definhava há algo mais de duas) e, entretanto, campeavam a inflação e os protestos sociais. O produto total estancado, volumosas transferências entre setores e o salário real em baixa são o fermento mais eficaz para que a tensão social se agudize e estale. Antes de a erupção social provocar um abalo sísmico no frágil equilíbrio entre os setores da sociedade uruguaia, inflamou-se a Parca autoritária; em 1973, varreu o país uma ditadura duríssima que se perpetuou até 1985.³

Antes de viajar, entre as leituras que havia feito para a minha pesquisa sobre os *Cuadernos*, estava o poema *Montevideo*, de Borges. Um verso dele me intrigou: “Puerta falsa en el tiempo, tus calles miran al pasado más leve.” Lido hoje, o poema, concebido pela sensibilidade de um homem que vislumbra em Montevideú a nostalgia idílica de uma plácida Buenos Aires que se perdeu, parece não ter mais sentido. A cidade quase bucólica de Borges se desvaneceu no oblívio. Nem o enorme e austero pórtico que se ergue no limiar da parte antiga de Montevideú, como remanescente que protegia a cidadela, um símbolo da engenharia militar de defesa, conseguiu deter a decadência inexorável da economia uruguaia e a ditadura que se instaurou no país.

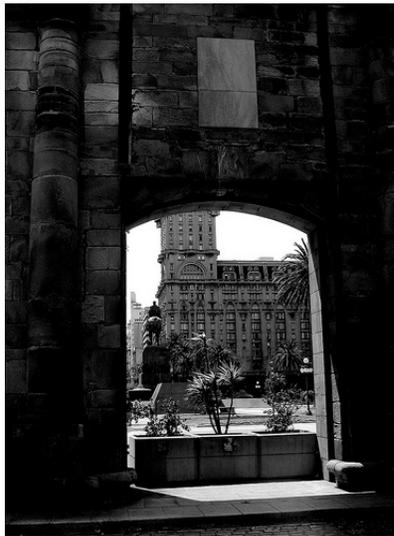


Fig. nº 1. Foto de Paulo Heuser. O pórtico da cidadela, s/d.

³ Desde o semanário *Marcha*, em 1973, pouco antes do golpe de Bordaberry, em um momento político em que a instauração do estado de exceção havia se tornado norma, Carlos Quijano sentiu os fragores da história: “Lo comprendan o no los orientales, lo quieran o no los protagonistas, una nueva era se ha abierto, en esta tierra. La era de los militares que puede durar no poco. Todo proceso tiene su dinámica propia. Los hombres manejan los hechos - a veces es sólo creencia - hasta cierto punto. Después el engranaje, como en las novelas de ciencia ficción, sigue caminando por su cuenta y cuando no tritura a sus creadores, los empuja o arrastra. Es posible por ejemplo, que en los sucesos de estos días algunos de los actores hayan ido, hayan tenido que ir, más allá de lo que preveían o querían.” Cf. QUIJANO, Carlos. La era de los militares. Publicado originalmente em *Marcha*, 16 de fevereiro de 1973. In: *Los golpes de Estado (1973)*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. II, 1988, p. 245.

Logo que comecei a deambular pela cidade, pensei de imediato no romance de Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, que descobri ao ler o ensaio perturbador de um crítico literário uruguaio incontornável para quem quer entender a formação social e intelectual latino-americana. O ensaio ao qual me refiro é *A cidade das letras*, e seu autor é Ángel Rama. No momento em que Rama quer compreender e interpretar as marcas das construções ideológicas cravejadas na paisagem urbana, nas suas edificações e ruas, reporta-se ao livro de Calvino para dizer que o observador atento da cidade é aquele que procura incessante e incansavelmente entrever nos vestígios os significados sub-reptícios que se insinuam e se desvelam nas ranhuras da sua materialidade onipresente:

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem. Há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem.⁴

Pensando em Rama e em Calvino⁵, saí em busca desses significados encobertos, dos indícios que pouco a pouco pudessem me revelar sentidos conectados com a história social e política uruguaia e com a história da publicação que me propus estudar, os *Cuadernos de Marcha*. Ao passo que me adentrava nos “labirintos” de Montevideú, paulatinamente me deparava com ricos remanescentes que me arremessavam de encontro aos mitos e valores da sociedade uruguaia. É óbvio que os resquícios do passado, espalhados pelo espaço urbano, não expressam uma narrativa histórica unívoca. A maior parte, porém, carrega impresso o signo do poder. A cidade alberga tensões sociais e políticas e edifica em seu leito, cristalizando essas tensões, a marca indelével do passado e do presente. Cada resquício seu constitui um documento/monumento que conta uma versão da história.⁶ Ao descrever Zaíra, Calvino ilumina as filigranas vítreas de um caleidoscópio, mostra como o passado surge arrebatadora, entorpecedoramente no detalhe sutil do traçado das cidades:

⁴ RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 53.

⁵ Outra referência bastante enriquecedora para minhas reflexões sobre Montevideú pode ser encontrada no ensaio que a crítica literária argentina Beatriz Sarlo dedicou à cidade de Buenos Aires. O texto, que inicia com um sobrevôo nos detalhes oníricos de quadros de Xul Solar, influenciou muito minha maneira de enxergar os meandros de Montevideú. Foi publicado em: SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

⁶ Sobre a relação documento/monumento, conferir: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987 e LE GOFF, Jacques. *Documento/monumento*. In: *História e Memória*. São Paulo, Unicamp, 1990.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.⁷

Acima de um frio mausoléu de granito escuro, o imenso bronze de Artigas, que repousa sólido sobre um compacto bloco de concreto, guarnecido com todas as insígnias de um herói romântico, no centro da Praça Independência, cavalga célere ao encontro de outra figura escalavrada na memória coletiva do povo oriental, o cavaleiro gaúcho, que assoma na encruzilhada da principal Avenida de Montevideú, a 18 de Julio, com a Avenida Constituyente. Entre esses dois ginetes, o prócer traído e solitário e o campeão dos pampas infindos, ergue-se, longilínea, consagrando um encontro fundador da nação, a estátua da liberdade, esculpida pelo artista italiano Giuseppe Levi, que encima um capitel no centro da Praça Cagancha.



Fig. nº 2. Foto de Paulo Heuser. Artigas, s/d.

Houve uma manhã em que percorri grande parte da Rua Paraguay, caminhando por um leve declive em direção à zona portuária ao norte da Praça Independência onde a península forma uma grande baía. Pensava no livro *El Astillero*, de Juan Carlos Onetti, uma novela sobre desolação e declínio. A região é inóspita e o abandono lança um sopro de decrepitude pelas redondezas. Nos sinais de decadência, nos escombros esparramados estão os restos de um tempo próspero. Andei mais um pouco pelas calçadas muito sujas e cheias de buracos da avenida em frente ao porto. Não havia quase ninguém. Apenas carros e pouca

⁷ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 14-15.

gente, tentando se abrigar do frio. Avancei sem ver outra coisa senão os amontoados de contêineres e os imensos guindastes usados para suspendê-los. Não muito longe do Mercado do Porto há velhos galpões e ruínas encobertas pela poeira, fungos e heras selvagens. Pela grande estrutura de metal em forma de arco que sustenta a cobertura, não é difícil descobrir que ali havia uma antiga estação de trens. Agora uma vegetação seca e bravia cobre quase tudo. Pensei em como as coisas se passaram desde os dias em que as sólidas embarcações da marinha mercante inglesa eram onipresentes na baía de Montevideú, quando o império britânico se esforçava para transformar a cidade platina em escoadouro de seu comércio até o dia em que toda aquela desolação sombria de aço enferrujado e retorcido deitou-se sobre finos capitéis acinzentados e robustas mãos francesas. As coisas mudaram: surgiu um novo sistema internacional e caiu o império britânico. A substituição de importações provocou mudanças radicais. O que a marcou mais foi a tentativa de industrialização. As ferrovias, projetadas para fornecer ao comércio britânico a infra-estrutura necessária à sua logística de distribuição, tornaram-se inúteis. Aos poucos, os trens e as malhas de trilhos desgastaram-se. Havia desaparecido o mundo que concentrou toda a economia platina em Buenos Aires e em Montevideú, e que ao mesmo tempo modernizou os centros urbanos e empobreceu a economia rural. Agora só há sinais de decadência e um gélido silêncio.⁸



Fig. nº 3. Foto do autor. Estação Artigas, junho de 2007.

⁸ “En los años cincuenta comenzaba la crisis del Uruguay; terminaba la “era inglesa” o “eurocéntrica” de su historia, que se consolida desde Latorre, Battle y Herrera en la primera mitad del siglo XX, y se cerraba en ese tiempo, dejando al país sin ningún mercado comprador estable.” Entrevista ao historiador Alberto Methol Ferré. In: BASSO, Luisa Peirano. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001, p. 330. O desmoronamento do próspero liberalismo uruguaio também não passou despercebido por Rama: “En momentos distintos, en situaciones que admiten diferencias muy claras, dos promociones han ido cumpliéndose dentro de este proceso que hoy nos parece nítidamente dibujado como la curva de descomposición del liberalismo, producida justamente en el país que había llevado a su ilusoria perfección una economía y una sociedad liberal que patrocinó Inglaterra y que culturizó Francia, por lo cual su desmoronamiento adquirió una significación paradigmática para todos los intentos de cambio y transformación considerados dentro de América Latina.” In: RAMA, Ángel. *La generación crítica 1939 - 1969*. Editorial Arca, Montevideo, 1972.

A sociedade uruguaia está dividida. Parece que Tabaré Vázquez quer acabar com o dragão e ficar com o tesouro sobre o qual ele está adormecido; quero dizer, a impressão que se tem é que o presidente está à procura de algum ganho político ao sugerir uma reconciliação dos uruguaios, isto é, a reconciliação da sociedade civil com os militares. No dia em que se celebra o nascimento de Artigas, 19 de junho, houve duas manifestações em Montevideú. Pela manhã, Tabaré Vázquez deixou uma coroa de flores sob o monumento de Artigas e abraçou Pedro Bordaberry, filho de Juan Bordaberry, um velho político que hoje é acusado pelas organizações de direitos humanos por crimes perpetrados durante a ditadura. Carcomido por alguma enfermidade, refugia-se no Hospital Britânico. À tarde, houve uma marcha que saiu da Praça dos Desaparecidos e foi até o Obelisco. Houve uso da palavra. As lideranças refutaram o ato oficial do governo e sublinharam que a memória é implacável e que a história não será fechada até que os culpados sejam punidos. Enquanto não forem punidos os torturadores, não haverá *punto final*; foi o que defenderam. Para mim, foi um grande impacto entrar em contato com a polêmica sobre a ditadura uruguaia. Cada um dos lados procurou invocar a memória do prócer nacional em favor de sua causa. Como observador das duas manifestações, entrei no meio de uma luta encarniçada pela herança política de Artigas.

A cidade de Montevideú, embora tenha declives suaves, é quase toda tomada por uma planície que se estende ao longe. Há, porém, um lugar elevado de onde se pode ver toda a sua parte antiga. Chama-se Cerro. Fui até lá com a intenção de visitar uma velha fortaleza que há neste lugar. O Cerro é um bairro distante e muito pobre. Tomando a baía de Montevideú como referência, fica do lado oposto ao da Cidade Velha. Do alto do promontório, com o céu azulado e uma luz tênue tingindo a paisagem, fiquei algum tempo absorto, pensando nas vicissitudes da história uruguaia que delinearam o destino do país. Como todo Estado latino-americano, o Uruguai tem um povo que ainda persegue o sentido de sua nacionalidade. País pequeno, com poucos recursos naturais e premido pela circunstância geográfica que o situa entre dois Estados muito maiores e mais populosos, o Uruguai não pode ser seduzido pelo chamado do nacionalismo centrípeto. Sua vocação nacional só pode existir em comunhão com o anelo da integração continental; aqui o nacionalismo deve se confundir com o continentalismo, como defendeu Carlos Quijano, o diretor de *Marcha*, a utopia de uma grande nação de Repúblicas:

El Uruguay, nuestro Uruguay - a él hemos de referirnos, especialmente porque en él vivimos - tan o más que otros países del continente, no tiene posibilidades de

sobrevivir, de salvaguardar aquello que le es esencialmente propio, de encontrar salida y salvación, sino en el campo de la integración, ora regional, ora continental.⁹

O palimpsesto de Montevideú, suas camadas ou substratos que se sobrepõem uns aos outros, tem o condão de fazer aflorar, depois de escarafunchada a textura aparente da cidade, os veios aquosos que circulam sob a terra. A metáfora do velho pergaminho reutilizado que justapõe manuscritos é incontrastável para quem pretende enxergar o que está oculto abaixo de toneladas de aço, concreto e vidro. Edificado no mesmo lugar onde havia uma prisão, onde também estiveram encarcerados presos políticos, o shopping Punta Carretas é um emblema trágico, cuja presença terrível é capaz de fazer desfalecer quem o contempla. É um ícone uterino do ímpeto de obnubilar a história. É assim que se tenta asfixiar o latido do passado. A memória, porém, é implacável.¹⁰ À obsessão por soterrar o passado, o historiador opõe o chamado da memória; lá a história é enterrada viva, sedimentada em crostas de esquecimento, aqui ela é o tempo incandescente, cinzel em brasa que escarifica a paisagem, ferida que não cicatriza, dor que persevera.

Em todas as leituras que fiz sobre Carlos Quijano e sobre o grupo de *Marcha* havia infalivelmente uma referência ao nome do escritor e ensaísta uruguaio José Enrique Rodó, particularmente ao seu *Ariel*. Cada artigo, cada comentário passageiro e cada nota breve destacam a importância do ensaio mais conhecido de Rodó, escrito crucial na formação do pensamento de Quijano e de sua geração, cuja influência não se restringiu apenas ao Uruguai, mas repercutiu em toda a América Latina. A escritura apaixonada e messiânica de Quijano, além de haver pegado carona nos vagões de Carlos Vaz Ferreira, nos navios de Simón Bolívar, de haver mergulhado na inquietante trajetória de Artigas, já havia tirado um cochilo no leito de folhas da relva arrumada por seu austero e reverente conterrâneo, José Enrique Rodó. Quando cheguei em Montevideú, ao abrir um mapa precário da região central, não foi surpresa esbarrar com um parque com o nome de Rodó. Além das crianças que costumam

⁹ QUIJANO, Carlos. La nostalgia de la patria grande. Publicado originalmente em *Marcha*, 28 de outubro de 1966. In: *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989, p. 210.

¹⁰ Em março-abril de 1984, Quijano publicou, nos *Cuadernos de Marcha*, um texto em que comentou a anistia aos presos pelas ditaduras latino-americanas nos anos da Guerra Fria. Do exílio no México, ele rechaçou qualquer possibilidade de conciliação da sociedade civil com os militares, descartando o diálogo: “Si transamos con la dictadura seguiremos siendo sus prisioneros.” Para Quijano, a libertação dos presos políticos não implicava indulto aos responsáveis pelo terrorismo de Estado; da indulgência derivaria a impunidade: “Argentina ha emprendido la necesaria tarea de castigar a los criminales que la asolaron. Nosotros tenemos que hacer lo mismo. Dejémonos pués de imaginar conciliaciones y no olvidemos. Los pueblos que olvidan o ignoran la historia están condenados a repetirla.” Cf. QUIJANO, Carlos. Libertades. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1988), p. 384.

brincar satisfeitas no parque de diversões e da gente que enche seus caminhos nos fins de semana para andar pela feira de artesanato, há em uma colina baixa uma escultura inspirada nitidamente na tensão e na disjuntiva que perpassa todo o *Ariel*. Ladeado por dois grupos, um que representa a razão especulativa, a intuição poética e o espiritualismo redentor do mundo europeu e outro que representa o utilitarismo e o pragmatismo da sociedade estadunidense, o busto solene de Rodó contempla com o olhar fleumático do bronze os caminhantes despreocupados que o ignoram. Saberão as novas gerações quem foi este homem e qual o significado de seu pensamento? Pode-se dizer que *Ariel* é a obra inaugural da história do pensamento latino-americano no século XX¹¹, e que sua mensagem suscitou enorme impacto moral nas primeiras décadas desse século, sobretudo na formação intelectual da juventude da América Latina, a quem se dirigiu o ensaio, com aberta intenção pedagógica. “‘Ariel’ fue proclamado el ‘evangelio intelectual’ de la juventud del continente”.¹² Seguramente as crianças devem continuar a lê-lo nas escolas do Uruguai. Resta saber dentro de que perspectiva, já que, ao longo do tempo, suas idéias, assim como as de Artigas, foram apropriadas e reivindicadas por diferentes segmentos da intelectualidade latino-americana, para atender a interesses inconciliáveis. Minha análise dos *Cuadernos de Marcha* não passará ao largo da interpretação do significado do Arielismo rodoniano para o grupo da publicação uruguaia. A edição de dois números dedicados a Rodó é índice da importância que seu pensamento teve na formação da “geração crítica” uruguaia, e a leitura desses números revela que a compreensão de seus principais postulados pelo grupo de *Marcha* não foi homogênea: há análises entusiastas e também considerações mais reservadas.

O caminhante que parte da monstruosa e deformada torre do Palácio Salvo, com suas protuberâncias, suas gárgulas medonhas e sombrias arcadas, em direção à outra extremidade da Avenida 18 de Julio, onde está o Obelisco, encontra no meio do percurso a Biblioteca Nacional, o prédio da Faculdade de Direito e do outro lado da avenida o acesso para a Rua Tristan Narvaja, vertiginosa aglomeração de livrarias e antiquários. Entre Colonia e 18 de Julio encontrei a livraria Napolivros. Procurava um texto de Alejo Carpentier, *Los*

¹¹ Uma análise densa da história do pensamento latino-americano na primeira metade do século XX pode ser encontrada em: DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo veinte. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Tomo I. 1ª ed., Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

¹² S. P. MAMONTOV. “Jose Enrique Rodó y la formación de la conciencia nacional de los pueblos latinoamericanos en el transito del siglo XIX al XX”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 50, junio de 1971, p. 66.

Convidados de Plata, da editora Sandino e números dos *Cuadernos de Marcha*. Quando indaguei ao senhor que atende prestimoso a todos que chegam, proprietário da livraria, imagino, sobre o livro de Carpentier, e depois de indicar o nome da editora, ele me disse que seria muito difícil consegui-lo porque a Sandino havia sido fechada durante os anos da ditadura. Convidou-me para acompanhá-lo até o depósito. Lá, mostrou-me pilhas de volumes com encadernações simples. Empilhados nos fundos de uma livraria, estavam todos os números do semanário *Marcha*. Folheei alguns deles para selecionar artigos que poderia examinar posteriormente nos microfílmes da Biblioteca Nacional. Saí da Napolivros com a impressão de que aquele senhor guardava os volumes de *Marcha* sem a intenção de vendê-los.

Há uma anedota bastante burlesca sobre o Palácio Salvo. Conta-se que, quando Le Corbusier esteve em Montevideú, em 1930, caminhou com um séquito pelas imediações do edifício projetado pelo arquiteto italiano Mario Palanti. De acordo com a anedota, Le Corbusier observou em silêncio aquele gigante opressor até que parou e disse abruptamente: - “Aqui!” O séquito que o acompanhava, entre espantado e curioso, perguntou: - “Aqui o quê, senhor?” Ao que ele, irreverente, respondeu: - “É aqui que devem ser posicionados os canhões para destruírem esse edifício.”



Fig. nº 4. Foto de Cecilia Brum. Palácio Salvo, maio de 2007.

Ao cruzar o trajeto entre o Palácio Salvo e a Rua Tristan Narvaja, o caminhante percebe, com a nitidez translúcida da água pura, o que Carlos Real de Azúa intuiu a respeito do processo de modernização da cidade de Montevideú: a cidade é repleta de elementos híbridos ou sincréticos, termos mais crus do que a palavra ecletismo, que os historiadores da arquitetura com frequência empregam para caracterizar com pudor o amálgama desordenado e

às vezes vulgar das construções muito em voga no século XIX e início do século XX tanto nas cidades européias como nas latino-americanas, e que, segundo Azúa, expressa o filisteu e inexaurível afã das elites de copiar as últimas tendências, misturando tudo sem critério.¹³



Fig. nº 5. Foto do autor.

Prédio da Faculdade de Direito da Universidad de la República Oriental del Uruguay, junho de 2007.

Na portada retangular da Biblioteca Nacional, protegida pelas estátuas de Cervantes e de Sócrates, havia um cartaz com um desenho representando o rosto do escritor Juan Carlos Onetti. Nele, podia-se ler uma saudação de boas-vindas aos manuscritos do autor de *El Astillero*. Depois da tomada do poder pelos militares, Onetti cruzou o Rio da Prata, buscando refúgio em Buenos Aires. A nuvem do militarismo não tardou a lhe encontrar na capital argentina, e, acossado, partiu para o exílio na Espanha, de onde nunca mais retornou. De certo modo, o regresso tardio de seus manuscritos inscreve-se no desejo de reconciliação do Estado uruguaio. Onetti foi diretor da primeira coluna cultural de *Marcha* desde sua criação, em 1939, até 1941. Sob o pseudônimo de *Periquito el Aguador*, dedicava-se a “fustigar a cultura uruguaia”, como indicou Mirian Pino.¹⁴ Cáustico e infalivelmente crítico, Onetti recorda uma anedota que exprime o sentido de sua participação no semanário *Marcha*:

¹³ “De la labor de José del Pozo, de Tomás y José Toribio, de Carlos Zucchi, de Bernardo de Poncini, de Aimé Aulbourg, de Víctor Rabu, de Luis Andreoni y otros podría deducirse la típica actitud sincrética que caracteriza toda la cultura latinoamericana. Pero lo más ostensible es la postura que nuestra historia del arte llama pudorosamente 'eclecticismo historicista' – esto es: la sucesión, la yuxtaposición y a veces la mixtura de estilos renacentistas, paladescos, neoclásicos, neogóticos, barrocos, chinos, moriscos, estructuras de hierro, etc. - es la inevitable mezcolanza y el mimetismo de un grupo social asomado dócilmente a todas las modas de afuera.” In: AZÚA, Carlos Real de. *Op. cit.*. (1987), pp. 35-36.

[...] la culpa la tuvo Quijano. Pero como todo el mundo sabe que los desastres sufridos por el país en los últimos treinta años los provocó Quijano con *Marcha* y por control remoto, una culpa más - aunque tan grave como ésta - poco pesará en su conciencia. En la época brillante del semanario [...] el suscrito cumplía holgadamente sus tareas de redacción con solo dedicarles unas veinticuatro horas diárias. A Quijano se le ocurrió, haciendo numeritos, que yo destinara tiempo de holganza a pergeñar una columna de alacraneo literario, nacionalista y antiimperialista, claro. Recuerdo haberle dicho a Quijano, con tímida excusa, que desconocía la existencia de una literatura nacional. A lo cual contestome, mala palabra más o menos, que lo mismo le sucedía a él con la política y que no obstante, sin embargo y a pesar podía escribir un macizo y matemático editorial por semana sobre la nada. Así nació Periquito el Aguador, empeñado en arrojar su piedra semanal en la desolación del charco vacío.¹⁵

Enquanto Quijano, renitente, faz finca-pé na necessidade de a coluna cultural absorver as linhas timoneiras da publicação uruguiaia, Onetti, lúcido e realista, pensa fixamente em um único propósito: alvejar impiedosamente um passado artístico que ele considera imprestável: “[...] lo que necesita una literatura rioplatense. Una voz que diga simplemente quiénes y qué somos, capaz de volver la espalda a un pasado artístico irremediabilmente inútil y aceptar despreocupada el título de bárbara”.¹⁶

Em outro momento de minha estada em Montevideú, quando fui à Cidade Velha para visitar o museu Torres García, ocorreu-me que o anseio de Onetti não foi o anseio de uma voz solitária perdida nos páramos do âmbito consagrador das artes. Escritor do *boom* da literatura latino-americana, Onetti pertenceu a uma geração que recebeu o empuxo das vanguardas germinadas na América Latina com a modernização capitalista do começo do século XX. Qual o ímpeto que animou as vanguardas? Emersas do movimento de emancipação e dissidência da “cidade letrada”, que insuflou no campo intelectual uma fase de questionamentos de valores sociais e culturais estabelecidos, crenças atávicas, as vanguardas nutriram tenazmente a vontade de criar o novo sob o signo da ruptura. Vista neste contexto, a anedota sarcástica e a sentença acrimoniosa de Onetti adquirem um outro sentido e densidade: constituem um ponto de convergência de posicionamentos estéticos inelutavelmente hostis aos cânones calcificados da arte latino-americana. Ele queria uma outra forma, livre de qualquer constrangimento, livre de qualquer compromisso a não ser com a própria literatura. Quem se detém para ver os quadros de Torres García, consegue acompanhar o amadurecimento de sua sensibilidade, consegue palmilhar os passos que o artista deu ao

¹⁴ PINO, Mirian. “El semanario *Marcha* de Uruguay: una genealogía de la crítica de la cultura en América Latina”. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, Año XXVIII, nº 56, 2º Semestre de 2002, p. 143.

¹⁵ ONETTI, Juan Carlos *apud* PINO, Mirian. *Op. cit.*, p. 143.

¹⁶ *Ibidem*, p. 144.

abandonar a estética apolínea, fruto da admiração pela tradição clássica, acalentada pelo influxo do movimento Novecentista¹⁷ catalão, em direção a um mundo de velozes engrenagens, metrópoles vertiginosas, luminescências hipnotizantes, a rica experiência visual que proporcionou a cidade moderna. Daí surgiu a matéria bruta de seu *Universalismo Constructivo*. Como Onetti, seu conterrâneo, Torres García queria encontrar o relâmpago coruscante do “descobrimento de Si mesmo”, título de um de seus textos.¹⁸ Testemunha da crise que acometeu as vanguardas européias, aterradas pela guerra, e desencantado com os mitos da modernidade niveladora, encontrou na cultura latino-americana o resplendor puro e faiscante que incendiou sua visão de mundo e a maturidade de sua produção artística. Na descrição que fez de Montevideú em *La ciudad sin nombre* (1941),¹⁹ Torres Garcia conservou a admiração pela cadência e pela irisada gradação policromática das cidades modernas. O artista, porém, distanciou-se do deslumbramento acrítico e incondicional pelo apelo da modernidade, que o dominou em sua estada em Nova York. Maria Lúcia Kern estudou o percurso do pensamento de Torres García e revelou como o artista uruguaio, ao desbordar os limites de suas próprias percepções, passou a observar a diluição da diversidade dos espaços urbanos cada vez mais uniformizados e descaracterizados, e incontornavelmente pendeu para o desejo de retorno às origens, identificado com o ímpeto de criar uma arte para a América Latina:

É neste sentido que ele propõe reconstruir o pensamento primitivo, voltando ao conceito de mundo e de vida pré-colombiano, anterior à conquista do continente, em que a arte se integrava à vida cotidiana e à noção de cosmos. Neste momento, em Montevideú, a sua concepção de modernidade estética vincula-se às culturas pré-colombianas e aos símbolos arcaicos, já pesquisados quando vivia em Paris, que aliados aos conceitos estéticos do *Universalismo Constructivo* fundamentam a sua prática artística. A partir da construção do novo tendo por base o passado, Torres García aspira erigir uma arte própria e total para a América, independente da arte européia.²⁰

¹⁷ Mediterraneísmo/Novecentismo é a estética que surge em 1906 com o fim de construir o universo simbólico nacionalista, recuperando as tradições greco-romanas a fim de concretizar o projeto de autonomia da Catalunha. Os principais teóricos são Eugênio D’Ors e Torres García. Cf. KERN, Maria Lúcia. Os artistas platinos e as vanguardas espanholas. In: *Jornadas de Teoria e Historia de las Artes*, Buenos Aires: UBA, 1992, pp. 19-20.

¹⁸ Conferir o URL do Museu Joaquín Torres García. Disponível em: <http://www.torresgarcia.org.uy/noticia_119_1.html>. Acessado em: 22 de outubro de 2007.

¹⁹ Apesar de compartilhar o mesmo nome, *La ciudad sin nombre*, de Torres García, não tem nada a ver com a *The Nameless City*, o romance gótico de Lovecraft. Dividem a referência à mítica Cidade dos Pilares, Irem, que os árabes dizem estar em algum lugar ao sul nos desertos da Península Arábica. Cidade invisível para olhos comuns, mas, segundo Lovecraft, revelada ocasionalmente a viajantes afortunados. O texto de Torres García está em uma publicação escrita à mão e pontilhada de desenhos.

²⁰ KERN, Maria Lúcia. “O mito da cidade moderna e a arte: Torres-García e Xul Solar”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXX, nº 2, dezembro 2004, pp. 80-81.

Do umbroso prédio do Cabildo de Montevideu pode-se ver a Praça Matriz e a Catedral. Quem toma o caminho da Praça, depois de cruzar com a fonte que Benedetti injuriou em *A Trégua*, chega à Rua Rincón. Do Museu Romântico, erigido na esquina com a ladeira Juan Carlos Gomez, andei algumas quadras à procura de um endereço. Buscava o número 577, indicado no dossiê inaugural dos *Cuadernos de Marcha*, uma compilação de textos dedicados à análise do pensamento de Rodó. Minha motivação não era a do historiador-antiquário o qual, com uma dose de ironia, Marc Bloch mencionou em um de seus encontros com Henry Pirenne. Não pretendia apenas descobrir o prédio onde estive por um tempo a redação dos *Cuadernos de Marcha*, mas simplesmente percorrer as ruas da Cidade Velha para ver o que ela é hoje. Sabia também que na Rua Piedras 524 havia estado a redação²¹ dos *Cuadernos de Marcha* em sua Terceira Época (1985-2001). Cruzei a Rincón sem encontrar o endereço que procurava. Depois descí a Juan Carlos Gomez para chegar à Piedras. Caminhei por ela até esbarrar com o número 524. Lá, apenas encontrei um edifício de portas fechadas, nenhum vestígio do que procurava. Havia lido que a sede mítica da Rua Piedras seria restaurada paulatinamente para alojar um Museu *Marcha/Cuadernos de Marcha*. Não sei com que pernas anda o projeto, se ainda existe, ou se fez água após o desaparecimento trágico de Mercedes Quijano. A Cidade Velha com a qual me deparei em minha passagem é hoje o centro financeiro do Uruguai ao redor do qual gravitam vários escritórios de agências de comércio e sucursais de bancos. Em suas ruas circulam inquietos funcionários da bolsa de valores, investidores e visitantes estrangeiros.

Deixei Montevideu na metade de julho não apenas atado às recordações que a cidade havia inscrito em meu pensamento, mas consumido pela consciência de que minhas impressões dela derivam do que ela mesma quis revelar-me, como a Tamara de Calvino: “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.”²²

Montevideu, Inverno de 2007.

²¹ PETIT, María Angélica. De *Marcha* a *Cuadernos de Marcha*: Un proceso ideológico inscripto en el tiempo histórico. In: MORAÑA, Mabel & MACHÍN, Horacio (orgs.). *Marcha y América Latina*. Universidad de Pittsburgh/ Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Biblioteca de América, 2003, pp. 215-252.

²² CALVINO, Italo. *Op. cit.*, p. 18.

Introdução **Al que vendrá: prelúdio ao regresso**

I - Testemunho

No primeiro semestre de 2005, matriculei-me na disciplina Pensamento Político e Literário Latino-americano, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. A participação nos seminários dessa disciplina colocou-me em contato com autores e textos que não havia conhecido ou com os quais havia travado um contato muito raso durante a graduação: Simón Bolívar, José Martí, José Carlos Mariátegui, Ruy Mauro Marini, Raúl Prebisch, Michael Löwy e Angel Rama. Entre os textos que li, um despertou em mim particular interesse. Refiro-me a um texto de Ana Pizarro sobre Rama.²³ Por que a centelha da curiosidade, essa chispa teimosa e pândega que assedia os historiadores, provocou meu interesse pelo texto de Pizarro? Ele é bastante laudatório; não tem outra ambição além de incensar a trajetória intelectual do crítico uruguaio. Não poderia ser diferente, óbvio, afinal de contas foi apresentado em um evento realizado em homenagem a Rama. Embora esteja submerso nas consagradas fórmulas da lisonja, o texto de Pizarro é bem escrito e não cai na beataria de mau gosto. No meio de muitas referências ao percurso intelectual de Rama, uma teve especial ressonância em mim: em algum momento de sua argumentação, Pizarro comenta a participação dele no semanário *Marcha* e o situa como um dos representantes da “geração crítica” uruguaia. A troco de quê trago à baila o texto de Pizarro?

Em parte me remeto a ele porque sua leitura desencadeou minha vontade de estudar a Primeira Época dos *Cuadernos de Marcha*.

Digo em parte porque não foi apenas a leitura do texto de Pizarro a mola propulsora que me conduziu ao estudo dos *Cuadernos* e à reflexão sobre a história intelectual da América Latina. Melhor dito, a leitura desse texto é, para mim, ao mesmo tempo um ponto de chegada e de partida. Já havia enveredado pela senda dos estudos históricos do periodismo político e cultural. Em minha participação como bolsista de iniciação científica entre os anos de 2002 e 2003, no projeto de pesquisa “Poéticas Contemporâneas”, do Núcleo de Estudos Literários e

²³ PIZARRO, Ana. Ángel Rama: a lição intelectual latino-americana. In: AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Ligia (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, Centro Ángel Rama, 1993.

Culturais²⁴ (NELIC), coordenado pela professora Maria Lucia de Barros Camargo, indexei os doze primeiros números da *Revista Civilização Brasileira*, dirigida por Ênio Silveira, e, por meio de sua leitura, pesquisei a atuação política dos intelectuais brasileiros na década de 60 e a repercussão das matrizes teóricas marxistas nas linhas de análise de sua seção literária. Em fevereiro de 2004, essa pesquisa deu origem a meu trabalho de conclusão de curso: *Revista Civilização Brasileira: a supremacia do intelectual engajado ou o império da história*.²⁵

Aproximei-me paulatinamente da pesquisa histórica sobre a América Latina. Quando estava em Brasília, em junho de 2004, realizando estudos, soube que Adauto Novaes, como costuma fazer há um bom tempo, estava organizando um ciclo de conferências, cujo título era *Oito Visões da América Latina*.²⁶ Participaram do ciclo o filósofo Eduardo Subirats, os economistas Carlos Altamirano e Ana Esther Ceceña, a antropóloga Beatriz Perrone-Moisés, os sociólogos Francisco de Oliveira e Aníbal Quijano, o cientista político Emir Sader e o jurista Fernando Martínez Heredia. Recordo-me que Aníbal Quijano empregou uma metáfora para dar título a sua conferência. Chamou-a de *Os fantasmas da América Latina*. Penso que essa metáfora não foi usada como acessório ou instrumento retórico. De significante abstrato, emergiu poderosamente, numa imagem poética inspirada em Shakespeare e em Marx e Engels, como significado prenhe de valor histórico:

[...] os fantasmas históricos, como o habitante das sombras de Elsinor, ou como o que fora convocado em 1848 por Marx e Engels no *Manifesto*, têm uma espessa, obscura e complexa densidade. E, quando entram na cena da história, causam sempre turbulências violentas e algumas vezes mutações sem volta. [...] Não se convocam, pois, impunemente os fantasmas criados pela história. Os da América Latina já deram muitas mostras de sua capacidade de conflito e de violência, precisamente porque foram produto de violentas crises e de mutações sísmicas históricas cujas seqüelas de problemas ainda não conseguimos resolver.²⁷

²⁴ Desde 1996, o Núcleo de Estudos Literários e Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina vem se dedicando ao mapeamento da crítica literária e cultural brasileira a partir dos anos 70, através da catalogação e estudo de periódicos com esse caráter (literário e cultural), e que circulam ou circularam no país a partir desse período. Esse trabalho, realizado por uma equipe de pesquisadores em diversos níveis, busca, fundamentalmente, refletir sobre a constituição dos cânones na área da literatura e da cultura, bem como analisar as mudanças de olhar que configuram o objeto literário e sua função – mudanças de perspectiva estas que atribuem significações e valores que só o tempo pode fornecer a esses textos, através de análises que acabam por considerar o próprio periódico um grande tecido semântico cuja leitura só se efetiva *a posteriori*, através do cruzamento de dados, realizando um ciclo de leitura da crítica literária e cultural: ciclo este que visa a crítica dessas críticas, encerrando um movimento que vai do texto ao texto. Cf. o URL do NELIC: <http://www.cce.ufsc.br/~nelic/index.htm>. Arquivo consultado em 09 de julho de 2008.

²⁵ O trabalho foi publicado integralmente e está disponível em um dos enlaces do URL do NELIC: http://www.cce.ufsc.br/~nelic/TCC_Cristiano/index_cristiano.htm. Arquivo consultado em: 09 de julho de 2008.

²⁶ Todas as conferências do ciclo foram publicadas e estão coligidas no volume: NOVAES, Adauto (org.). *Oito visões da América Latina*. São Paulo: Editora do SENAC, 2006.

²⁷ QUIJANO, Aníbal. Os fantasmas da América Latina. In: NOVAES, Adauto (org.). *Op. cit.*, pp. 58-59.

Ao falar da história da América Latina, das suas lutas sociais, dos seus avanços e retrocessos, como diria Braudel, o sociólogo peruano situou a noção de “colonialidade do poder” como elemento estrutural da formação sociohistórica e geocultural latino-americana. Nessa metáfora, os espectros que vagueiam pela América Latina representam a irrupção violenta das forças históricas efervescentes. Se o fantasma do *Manifiesto Comunista* de Marx é a alegoria do avanço do comunismo sobre a Europa, na América Latina é a representação dos seus movimentos sociais, de seus embates políticos, de seus processos revolucionários e de seus dilemas e paradoxos culturais:

Pode-se, assim, assinalar que *a identidade, a modernidade, a democracia, a unidade e o desenvolvimento* são os fantasmas que povoam hoje o imaginário latino-americano. Com eles começou a coabitar, desde o final do milênio passado - a rigor, desde que fizemos quinhentos anos -, um novo e mais sombrio, definitivamente mais temível: o da continuidade ou sobrevivência do próprio processo de produção da identidade latino-americana.²⁸ [grifo do autor]

Para o sociólogo peruano, a construção da subjetividade latino-americana é inseparável da empresa colonizadora que alçou a Europa Ocidental à condição de centro de poder no sistema-mundo que se propagou do século XV ao século XX. A formação da identidade latino-americana está, portanto, atrelada inexoravelmente à emergência do capitalismo como modo de produção hegemônico na economia internacional. Toda a tentativa de sondar a sua história precisará levar em consideração as conseqüências que daí advém. Se não exorcizar os seus fantasmas, enfrentando seus dilemas e paradoxos, a América Latina poderá soçobrar aos novos desafios que se lhe apresentarão, poderá fracassar na tarefa de desatar o seu “nó histórico”, para usar outra vez uma das metáforas de Aníbal Quijano:

Por tudo isso, tais fantasmas nos habitam entrelaçados uns nos outros, inextricavelmente. E parecem estar sempre ali. Desse modo, acabaram se tornando familiares, na verdade íntimos, e fazem parte de nossa experiência e de nossas imagens. Seria possível dizer, por isso, que agora são virtualmente inerentes à materialidade e ao imaginário de nossa existência histórica. Nesse sentido, formam o específico *nó histórico da América Latina*.²⁹ [grifo do autor]

A participação nesse ciclo de conferências ajudou a fermentar meu interesse pela América Latina. Ao esbarrar com o texto de Pizarro, já havia começado a trajetória que me levaria aos *Cuadernos de Marcha*. Quando o li, considerei muito interessante a possibilidade de realizar um estudo sobre uma publicação que me pudesse conduzir a temas relacionados com a história e com a cultura latino-americanas. Graças à pesquisa sobre a *Revista*

²⁸ *Ibidem*, p. 76.

²⁹ *Ibidem*, p. 77.

Civilização Brasileira, tinha em mãos todo o forro metodológico da investigação histórica do periodismo político-cultural. Além do mais, a perspectiva de estudar uma publicação uruguaia que permeou parte da década de sessenta e setenta, coetânea da publicação de Ênio Silveira, pareceu-me uma idéia fecunda.

II - Os *Cuadernos de Marcha* e o “nó histórico da América Latina”

Publicação que surgiu em Montevidéu, em maio de 1967, com periodicidade mensal, circulando até junho de 1974, os *Cuadernos* apareceram como aprofundamento do projeto de periodismo independente levado a cabo pelo grupo reunido no semanário *Marcha* desde 1939.³⁰ No suplemento n° 43 de uma publicação do Colegio Nacional de Buenos Aires, chamada *Página/12*, María Inés González, ao falar do cenário histórico em que amadureceu o jovem escritor uruguaio Eduardo Galeano, traça uma genealogia de *Marcha* e expõe os objetivos do projeto político e intelectual que o nortearam:

Desde su fundación en 1939, expresó con coherencia una línea: la soberanía de los estados nacionales. la protección de las economías regionales, la afirmación cultural. Su creador fue el abogado uruguayo Carlos Quijano, quien, años antes, en París, había conocido al peruano Haya de la Torre, al venezolano Betancourt, a los guatemaltecos Asturias y Arévalo y al cubano Mella, y había sedimentado con ellos un pensamiento latinoamericanista que se reflejará en su publicación, a lo largo de 35 años. El lema de *Marcha*, la sentencia latina “Vivir no es necesario, navegar es necesario”, fue su cauce y derrotero de la revista. Su meta, la creación de un frente político nacional capaz de quebrar la eterna opción de “Colorados” o “Blancos” y, luego, de un pensamiento continental.³¹

³⁰ Conforme Hugo Alfaro, quando o semanário *Marcha* foi fechado pela ditadura militar, sua tiragem aproximava-se dos 30 mil exemplares; com uma média de quatro leitores por exemplar, isto é, perfazendo 120 mil leitores. Cf. ALFARO, Hugo R. *Navegar es necesario: Quijano y el Semanario Marcha*. Ed. de la Banda Oriental. Uruguay, 1985, p. 63. Aproveito o ensejo para fazer uma breve descrição sobre os *Cuadernos de Marcha*. De acordo com Luisa Peirano Basso, a tiragem inicial dos *Cuadernos* foi de 15 mil exemplares. Quijano preocupou-se em tornar a publicação acessível. Seu valor oscilou entre 25 e 360 pesos. Basso ainda aduz que o público leitor dos *Cuadernos* esteve situado nos setores médios da sociedade uruguaia: “[...] son los profesores de enseñanza media, los estudiantes, los profesionales, los profesores universitarios, quienes constituyen el sector más importante de personas que leen los *Cuadernos*.” Cf. BASSO, Luisa Peirano. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001, p. 111. A publicação manteve um formato uniforme ao longo de todo o período em que circulou, com uma medida de 19 cm de largura e 26,5 cm de altura. Seus editores mais de uma vez expressaram orgulho com os sucessivos esgotamentos das tiragens do periódico de Montevidéu e valorizaram a aceitação contundente dos *Cuadernos* na medida em que o colocaram em pé de igualdade com um livro, pois seu volume oscilou entre 64 e 128 páginas.

³¹ GONZÁLEZ, María Inés. “Eduardo Galeano - La escena americana”. *Página/12*, Colegio Nacional de Buenos Aires, n° 43, s/d, p. 675.

Animada por uma forte motivação política, concentrada principalmente no esforço de erigir um projeto nacional uruguaio e continental, *Marcha* e seus *Cuadernos* se inseriram na história do periodismo uruguaio:

Desde la publicación de los siete números de *The Southern Star* - periódico bilingüe editado por los ingleses durante la ocupación de Montevideo en 1807 - hasta fines del siglo XX, el periodismo uruguayo está íntimamente vinculado a la evolución política del país. [...] Muchos de los periódicos tienen vida efímera, otros perduran durante décadas, pero generalmente es un ideal político lo que mantiene viva la fuerza inicial que lleva a su creación.³²

Conforme Pablo Rocca, “un modelo periodístico quizá haya sido el de *Le Monde*, dada la gravitación de la cultura francesa en Montevideo, a la que Quijano conocía al dedillo por una larga estadía en el Viejo Continente”.³³ Se o semanário *Marcha* teve como provável influência o jornal francês, as matrizes dos *Cuadernos de Marcha* são mais difíceis de serem rastreadas. Haveria alguma influência de *Temps Modernes*, a revista que Sartre dirigiu? Talvez. Não seria espantoso encontrar um elo entre os *Cuadernos de Marcha* e a publicação francesa. O que é evidente é que teve como antecessor os *Cuadernos de Acción*, publicação dirigida por Quijano na década de 30 durante a ditadura de Gabriel Terra contra a qual o juvenil periódico atuava. Em seu testemunho sobre *Marcha*, Hugo Alfaro, que foi administrador dos *Cuadernos*, mostra como na publicação dos anos trinta estava em germe a extensão mensal de *Marcha*:

Hojeamos viejos números de “Acción” y no sólo se descubren, inequívocos, los rasgos que devendrán en el rostro de “Marcha” - ese fragante aire de familia -, sino que se asiste, con alegre emoción, a la primera noticia (4 de abril del 38) de que un semanario, “un gran semanario”, habrá de suceder al juvenil periódico antidictatorial [...] También se anuncian, y luego plasmarían en realidad, la iniciativa de crear la “Editorial Acción”, con el propósito de difundir y esclarecer de un modo orgánico las cuestiones políticas de la actualidad, a través de libros y folletos; y de crear los “Cuadernos de Acción”. Están naciendo, con el mismo aire inconfundible de familia, la “Biblioteca de Marcha” y los “Cuadernos de Marcha”.³⁴

Foram publicados, em sua Primeira Época, 78 números dos *Cuadernos*. O primeiro, um dossiê sobre o ensaísta uruguaio José Enrique Rodó, influência incontornável para a formação da “conciencia generacional” de Quijano, saiu em maio de 1967, e o último, sobre o assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti durante a Itália de Mussolini, saiu em junho de 1974, quando a ditadura interrompeu a circulação dos *Cuadernos* depois de haver

³² BASSO, Luisa Peirano. *Op. cit.*, p. 25.

³³ ROCCA, Pablo. “La independencia y la crítica (Ardao antes y durante Marcha)”. In: *Anuario de Filosofía Argentina y Americana*. Mendoza, Instituto de Filosofía Argentina y Americana, vol. 20, 2002, pp. 65-84. [Impreso en 2005]

³⁴ ALFARO, Hugo R. *Op. cit.*, p. 24.

proscrito outras publicações de esquerda, como o jornal montevidense *Época*, em 1973. Em 1977, Quijano partiu para o exílio no México. Voltou a publicá-los, em maio-junho de 1979, agora em sua Segunda *Época*, que se perpetuará até 1984. Além de manter sua intensa atividade periodística, aprofundando a reflexão sobre o concerto político latino-americano e internacional, permaneceu envolvido com a vida cultural da América Latina e com suas redes de sociabilidade, aproximando-se de escritores e intelectuais, que, assim como ele, haviam sido acolhidos pelo México. Nos anos da militarização dos Estados latino-americanos, a Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), onde Quijano ensinou economia política, converteu-se em um ponto de convergência para onde confluíram muitos intelectuais. País que viveu uma revolução social no início do século XX, cujas marcas se engastaram na Constituição de 1917, o México, berço de uma experiência política radical com o Cardenismo, foi o anfitrião de muitos exilados dos regimes militares que sacudiram a vida política na América Latina durante a Guerra Fria. “Há males que vêm para bem”. Talvez o refrão popular seja um pouco infeliz aqui porque a condição de exilado não é nada fácil. A experiência do exílio no México, porém, de um jeito ou de outro, acabou por facilitar a aproximação da comunidade intelectual latino-americana. Depois de quase uma década longe do Rio da Prata, Quijano morreu antes de retornar ao Uruguai. Em junho de 1985, em meio ao recente processo de democratização que havia começado, a publicação apareceu novamente em Montevidéu, dirigida pelo neto de Quijano, Carlos Vargas Quijano (1963-2001), e por sua mãe, Mercedes Quijano (1936-2001). A primeira tiragem, de 18000 exemplares, esgotou-se em um dia. Uma nova tiragem foi às ruas poucos dias depois e também se esgotou. Recebida com euforia, a publicação, em sua Terceira *Época*, deixou de circular no ano de 2001, quando, no mês de junho, em decorrência de um trágico acidente automobilístico, pereceram os herdeiros de Quijano. Hoje, o semanário *Brecha* reúne parte das hostes que participaram dos *Cuadernos de Marcha*. Em Montevidéu, estive com a crítica de arte e curadora da sala Carlos Federico Sáez, Maria E. Yuguero. Conversamos um pouco. Ela me disse que foi colaboradora dos *Cuadernos de Marcha* e que, embora *Brecha* siga uma orientação diferente, suas prédicas ressonam as enunciações da publicação que lhe antecedeu. Em seu estudo sobre os trinta e cinco anos da crítica literária em *Marcha*, Pablo Rocca expressa uma opinião semelhante:

El semanario *Brecha* apareció en Montevideo en octubre de 1985 dirigido por Hugo Alfaro, viejo administrador de *Marcha*, y con la mayoría del equipo (muchos de ellos recién entrados al país luego de largos años de exilio) que había colaborado en

aquél. Nació con la expresa voluntad de continuidad. Los tiempos y las exigencias, pronto pudo verse, eran distintos, el periódico también.³⁵

Tanto a *Revista Civilização Brasileira* como os *Cuadernos* aglutinaram intelectuais marcadamente influenciados por Sartre. A relação entre elas é evidente: as duas são publicações de resistência e de revisão crítica. Por quê? Bem, foram de resistência porque tanto uma como outra eclodiram no contexto do colapso da democracia latino-americana, no momento álgido da tensão bipolar no cenário internacional, testemunharam as atrocidades no Vietnã e seus articulistas posicionaram-se sempre em defesa dos princípios da autodeterminação dos povos e da não-intervenção. Houve colaboradores, como Bertrand Russel, que dedicaram páginas de análise densa da conjuntura política internacional ora na publicação uruguaia, ora na brasileira. O filósofo britânico foi o principal articulador do movimento pela criação de um Tribunal Internacional para Crimes de Guerra. Ao lado de Sartre, Russel invocou a Convenção de Genebra e apresentou os julgamentos de Nuremberg como jurisprudência para condenar os responsáveis pelos massacres perpetrados no Vietnã.³⁶ Foram de revisão crítica porque seus articulistas dedicaram-se seja à releitura de interpretações mitificadas da história, seja ao questionamento de posições políticas endurecidas. Desde o exílio no Uruguai, o brasileiro Paulo R. Schilling, redator internacional de *Marcha* durante seis anos, escreveu no número 37 dos *Cuadernos*: “Las izquierdas latinoamericanas han vivido a base de mitos, de mitos generalmente importados, transplantados mecánicamente y que en muchos casos, nada tienen que ver con nuestras realidades. Consecuencia del subdesarrollo cultural.”³⁷ Na *Revista Civilização Brasileira*, a publicação de uma série de artigos de Caio Prado sobre as teses defendidas em seu livro *A Revolução Brasileira* e ao mesmo tempo dos textos que Assis Tavares escreveu para impugnar os postulados de Caio Prado revelam uma propensão a questionar velhos paradigmas. Segundo Silviano Santiago, a *Revista Civilização Brasileira* “tinha explícito seu programa, se não me engano, com uma crítica ao populismo, uma autocrítica do populismo, ponhamos ou mesmo uma autocrítica da esquerda até 64 e das possibilidades depois de 64,

³⁵ ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha (Crítica y Literatura en Marcha y en Uruguay 1939-1974)*. Montevideo: Intendencia Municipal de Montevideo, 1991, p. 273.

³⁶ Cf. RUSSEL, Bertrand. Um apelo ao povo norte-americano: Johnson e seus cúmplices devem ser julgados como criminosos de guerra. *Revista Civilização Brasileira*, nº 09/10, ANO I – set./nov. de 1966, pp. 65-74 e RUSSEL, Bertrand. Las circunstancias de la intervención de EE.UU. en Vietnam. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 02, junio de 1967, pp. 05-15.

³⁷ SCHILLING, Paulo R. “El militarismo en Brasil”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 37, mayo de 1970, p. 05.

etc.”³⁸ Santiago vai ao encontro do que Ênio Silveira escreveu ao apresentar os propósitos de sua publicação: “a necessidade de rever análises, conclusões, conceitos, rumos, métodos, surge como imperativa. Verificamos que conhecemos menos a realidade brasileira do que supúnhamos.”³⁹

Carlos Quijano, o diretor de *Marcha*, como Ênio Silveira, não foi um *promeneur solitaire*; congregou em sua equipe de articulistas um grupo de intelectuais que compartilhavam posições próximas à sua visão de mundo. Além dos colaboradores regulares, recebeu contribuições de vários escritores de todo o continente, entre os quais Augusto Roa Bastos, Miguel Angel Astúrias e Julio Cortázar.

Os *Cuadernos de Marcha* circularam, em sua Primeira Época, de 1967 a 1974, somando-se ao semanário. “Las temáticas allí tratadas estaban en estrecha relación con las expuestas en la publicación de frecuencia semanal; sin embargo, la extensión y el estilo de los escritos reunidos en los cuadernos los convertía en aportes de cierto vuelo teórico y analítico que el formato mismo del semanario excluía de sus páginas.”⁴⁰ Em dezembro de 1967, em uma das seções de *Marcha*, Quijano apresentou as bases programáticas ou o projeto dos *Cuadernos*, justificando sua existência pela necessidade de ampliar os limites que embaraçam a escrita usual dos periódicos de circulação menos espaçada. Seu anseio era dar mais densidade às análises dos temas que considerava cruciais para pavimentar a reflexão sobre a história uruguaia, sobre a nacionalidade e sobre a América Latina:

Preocupa a la dirección de *Cuadernos*, quizá por encima de toda otra cosa, la defensa de la nacionalidad, y por lo tanto el combate antiimperialista. Conocemos mal nuestro pasado y sepultamos en el olvido las razones primeras, las que quizá sean nuestra razón de ser. La indagación del ser nacional es, pues, la tarea previa, la que en cierto sentido condiciona las demás. Y no se trata sólo del ser nacional uruguayo, sino, sobre todo, del ser nacional latinoamericano y de nuestra inevitable integración - seamos o no concientes de ella - con los otros países del Tercer Mundo. Los cercanos, a los que nos une un origen común y un común destino; pero también los extraños y lejanos, de los que poco sabemos excepto que padecen, como nosotros, la exacción de los poderosos, o del poderoso. Defensa de la nacionalidad, pues, repetimos, quiere decir lucha antiimperialista. No es tarea, como se comprende, que sólo puede ser realizada dentro de los límites tiránicos del semanario. El objetivo es el mismo, el alma que impulsa el trabajo también; pero *Marcha*, sin perder nunca el rumbo, está obligada a planear sobre las urgencias del día, y *Cuadernos de Marcha* pretende hacerlo sobre el tiempo todo.⁴¹

³⁸ SANTIAGO, Silviano. “José no espelho”. *José – Literatura, crítica e arte*, Rio de Janeiro, nº 09, dezembro de 1977, p. 08.

³⁹ Cf. a abertura do primeiro número da *Revista Civilização Brasileira*.

⁴⁰ BRUNO, Paula G. *La experiencia de los Cuadernos de Marcha*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.rodelu.net/lahoja/lahoja88_2.htm. Arquivo consultado em 29 de junho de 2005.

⁴¹ QUIJANO, Carlos *apud* BASSO, Luisa Peirano. *Op. cit.*, p. 99.

Mais tarde, ao repassar os temas dos primeiros 50 números, sublinhou novamente os princípios que regeram a linha editorial dos *Cuadernos*:

Acaso corresponda en la ocasión subrayar que esa variedad temática y la deseada objetividad de los planteos no desmienten - al contrario, confirman - el propósito primero y último de los “Cuadernos”, por otra parte el mismo de “Marcha” y de la “Biblioteca de Marcha”: liberar o ayudar a liberar, por la información y el estudio, a la patria chica oriental y a la gran patria latinoamericana, de la explotación imperialista, de la dependencia y la miseria de nuestros pueblos.⁴²

Se meu objeto de análise é a Primeira Época dos *Cuadernos*, presume-se que feche o cerco sobre os seus limites, evitando abandoná-los. Não posso, contudo, encerrar-me em um arco temporal intransponível. Essa premissa é difícil de ser obedecida cabalmente por um historiador, porque ele manuseia dimensões temporais diacrônicas, e essas dimensões, como bem exprimiu Lucien Febvre, não podem ser encerradas em uma redoma, porque se irradiam tanto para o passado como para o futuro. Os marcos cronológicos e temáticos são apenas referenciais norteadores, mas não impermeáveis. Embora o foco esteja voltado para os *Cuadernos*, devo transitar por outras fontes. A mais importante delas é o semanário *Marcha*, condição que se torna imprescindível em virtude de uma particularidade dos *Cuadernos*: é rara ou apenas eventual a aparição de declarações formais em seu âmbito.

Por dois motivos minha investigação não abarca todos os 78 números da publicação uruguaia. Em primeiro lugar, considerando que cada um dos números, como foi dito até por seus editores, é um livro, a leitura de todos eles, mesmo para o mais contumaz leitor, é tarefa inexequível dentro dos limites de uma pesquisa breve. Em segundo lugar, como delimitei a temática política, não examinei os números dedicados a questões estritamente culturais, embora tenha convicção de que a política no seu sentido lato penetra em todas as manifestações da sensibilidade e da ação humanas, ainda mais na época que contextualiza o periódico que estudo. Seria ingenuidade supor o contrário. Faço, portanto, uma análise por amostragem. A indicação dos números sobre os quais me detenho está relacionada entre as fontes que utilizei, disponibilizada nos anexos.

É difícil tratar do particular sem uma noção mais abarcadora, sobretudo quando o particular, os *Cuadernos*, é uma extensão do geral, o projeto periodístico de Carlos Quijano, que teve como marco o semanário surgido em 23 de junho de 1939, poucos dias antes da Segunda Guerra Mundial invocar o espírito de Clausewitz. Mais difícil talvez seja entender os *Cuadernos* sem levar em consideração o próprio Quijano, seu pensamento, suas opções

⁴² QUIJANO, Carlos *apud* ALFARO, Hugo R. *Op. cit.*, p. 65.

teóricas e ideológicas, o que propalou e o que silenciou. Sigo, dessa forma, no que se refere à abordagem metodológica, parâmetros semelhantes aos que nortearam a pesquisa de Luisa Peirano Basso. Isto quer dizer que deverei me preocupar com os antecedentes que tiveram repercussões sobre o meu objeto de análise. Não há como entender os *Cuadernos* sem situá-los no horizonte maior do projeto editorial do semanário *Marcha*, assim como não há como reduzir as proposições do grupo de *Marcha* ao Uruguai, pois permeava e impulsionava esse projeto a crença inarredável na integração latino-americana. Quijano, porém, não eludia a economia lingüística do contexto no qual estava imerso: “Claro, la realidad tiene sus exigencias. Ahora no es común que se hable de unidad latinoamericana o de patria grande. Ahora se habla de integración.”⁴³ O ponto de partida de toda a reflexão desse grupo, eivado pela influência das correntes históricas do pensamento continentalista, Bolívar, Torres Caicedo, Martí, Vasconcelos, Rodó e outros é a consideração sobre a viabilidade do Uruguai como nação, a grande inquietação que perseguiu Quijano ao longo de toda a sua vida. Testemunha do surgimento de projetos oficiais de concertação econômica entre os países latino-americanos, como a ALALC (Associação de Livre Comércio da América Latina), percebeu com acuidade em suas análises os desafios e as fragilidades das iniciativas oficiais:

¿Cuáles son las posibilidades de una integración de la misma? ¿Cuáles los resultados y las perspectivas de ALALC? ¿Cuál el destino de Uruguay, ese destino que nos acucia y nos atormenta? ¿Cuál es nuestro espacio? ¿El espacio donde Uruguay pueda sobrevivir y salvar sus definiciones y sus esencias? América Latina es un gran espacio territorial; en cierto sentido un gran espacio histórico-cultural y lingüístico. ¿Puede ser también un gran espacio económico y político?⁴⁴

Até agora o estudo de Peirano Basso é a única publicação sobre a Primeira Época dos *Cuadernos*. Constitui, portanto, uma referência obrigatória de qualquer investigação subsequente seja para refutá-lo, seja para referendá-lo. Minha intenção não é entrar em polêmica com as linhas gerais desse estudo. Apenas considero útil afirmar que seguirei, com discernimento, a mesma orientação metodológica. Dito isso, não posso deixar de assinalar o que afasta o tratamento que dou ao tema do enfoque dado por Peirano Basso. Enquanto a autora, com pretensões de objetividade, fez uma leitura prosopográfica desde um velado prisma católico e conservador⁴⁵, procurarei fazer uma leitura mais analítica e enquadrá-la nos

⁴³ QUIJANO, Carlos. Una nación de repúblicas - El SELA, punto de partida. Publicado originalmente em *Excelsior*, 31 de maio de 1976. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 265.

⁴⁴ QUIJANO, Carlos. Los grandes espacios: ALALC y América Latina. Publicado originalmente em *Marcha*, 21 de outubro de 1966. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), pp. 206-207.

⁴⁵ ROCCA, Pablo. “Libro sobre Cuadernos de Marcha: una investigación a contramano”. *El País Cultural*, Montevideo, Año XIII, n° 625, 26 de octubre de 2001, p. 07.

parâmetros de um ensaio historiográfico, assumindo as conseqüências que essa escolha implica, ou seja, não me constrangerei com a imparcialidade, essa divindade que faz muitos historiadores corarem. A escrita da história, tal como quis Ranke, tem como premissa a neutralidade; restringe-se à mera descrição asséptica dos fatos, seguindo o aforismo de Tácito segundo o qual “a história deve ser escrita sem amor e sem ira”. Pois bem, aqui buscarei replicar esse aforismo, escrevendo um texto desde uma perspectiva interessada na melhor compreensão do pensamento latino-americano como instrumento teórico rigoroso para se refletir sobre a realidade da América Latina na atualidade, mas sem evitar expor posicionamentos.

Surgida no século dos embates ideológicos, *Marcha* foi uma “trincheira de idéias”. François Dosse sustenta que o ano de 1968 representa o marco de transição entre a modernidade e a pós-modernidade. Mesmo que o projeto intelectual do belicoso periódico de Montevideú tenha transposto esse marco, os intelectuais que tomaram o seu timão (Quijano, Ardao, Azúa e Castro)⁴⁶ formaram-se todos sob o influxo do *zeitgeist* da primeira metade do século XX; foram, portanto, na acepção dada por Zygmunt Bauman⁴⁷, “legisladores”, isto é, aferrados na necessidade constante de emitir juízos morais e éticos. Para eles, a resistência às injustiças era um dever, um compromisso profundo. Tinham uma concepção de mundo de carácter polifônico, baseada na crença na natureza inseparável da literatura e da política, da

⁴⁶ **Arturo Ardao** (1912-2003). Filósofo uruguaio pouco conhecido no Brasil, foi historiador do pensamento latino-americano com grande prestígio na América Latina hispanófono. Doutor em Direito e Ciências Sociais pela Universidad de la República (Udelar), em Montevideú, foi professor de várias universidades latino-americanas. De 1968 a 1972 foi Membro do Conselho Central da Udelar e Decano da Faculdade de Humanidades e Ciências da mesma universidade. Formou parte da Delegação do Uruguai na Assembléia da UNESCO (Paris, 1958) e da Delegação da Udelar por Convênio com a UNESCO (Paris, 1967). Entre suas obras destacam-se: *Espacio e inteligencia* (1976), *Espiritualismo y positivismo en el Uruguay* (1950), *España en el origen del nombre América Latina* (1992) e *Génesis de la idea y el nombre de América Latina* (1980). **Carlos Real de Azúa** (1916-1977). Ensaísta uruguaio, cujo campo temático abarcou a teoria e a crítica literária e diferentes aspectos das ciências sociais, foi uma testemunha penetrante de seu tempo, do nacional e do latino-americano. “Ser que gustaba del diálogo, alegre, reflexivo y de actitud apasionada, matizaba su vasta erudición con una visión satírica de los hombres y de las cosas.” Cf. BARRIOS PINTOS, Aníbal. Carlos R. de Azúa. In: AZÚA, Carlos Real. *Op. cit.*, (1987), p. 05. **Julio Castro** (1908-1977). Foi precursor, no Uruguai, de um pensamento pedagógico de corte social, que situou a pedagogia no âmbito concreto da sociedade e de seus problemas. Dedicou-se à análise das condições socioeconômicas e educativas do espaço rural uruguaio, bem como da realidade latino-americana. Preocupou-se particularmente com o fenômeno do imperialismo estadunidense na América Latina e com suas conseqüências sobre a cultura, irmanando-se a Carlos Quijano, que escreveu estas palavras sobre o seqüestro e o desaparecimento de seu confrade durante a ditadura militar, em 1977: “Un día nosotros haremos justicia a Julio. Y si el tiempo se nos va, otros lo harán por nosotros”, como lembrou Miguel Soler Roca, em ato realizado em homenagem a Julio Castro na Udelar, no dia 28 de agosto de 1987. In: ROCA, Miguel Soler. Julio Castro, persona buscada a seguir buscando. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.juliocastro.edu.uy/24%20de%20julio/JULIO%20PARANINFOSoler.pdf>. Arquivo consultado em 09 de julho de 2008.

⁴⁷ *Passim* BAUMAN, Zigmunt. *Legisladores e intérpretes - Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

estética e da ética. Martí, em seu arrebatador ensaio que defende a afirmação da identidade latino-americana, valoriza o primado do pensamento nos confrontos impostos pelos novos tempos à América Latina, ao afirmar que “trincheiras de idéias valem mais do que trincheiras de armas”.⁴⁸ A visão de mundo liberal, democrática e socialista que se constituiu em *Marcha* abraçou a divisa do poeta cubano.

Para não provocar incoerências, vale separar aqui o liberalismo político do econômico. O primeiro relaciona-se com a teoria do Estado. Suas origens encontram-se no Iluminismo, tendo em John Locke e em Montesquieu dois de seus expoentes. O segundo relaciona-se com o livre cambismo e com a crença no poder regulador das anomalias econômicas, exercido pela “mão invisível do mercado”. Seus princípios foram sistematizados no livro *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith. O liberalismo de *Marcha* implica antes de mais nada a tenaz defesa do Estado de Direito. No Uruguai, esse liberalismo ficou conhecido como principismo. A análise econômica que ocupou espaço tanto nos seus editoriais e na sua seção política como nos *Cuadernos* foi sempre de extração marxista e keynesiana, jamais de corte monetarista.

Creio que é pertinente identificar o *core* do discurso de Quijano. Em suas prédicas insinua-se uma incontida efusão messiânica, traço estilístico herdado talvez de Rodó, a quem Quijano leu com fervor em sua juventude. Em seu prólogo ao *Ariel*, presente na edição publicada pela Biblioteca Ayacucho, Carlos Real de Azúa, com sua costumeira e fina erudição, ao rastrear a matéria formadora do estilo rodoniano, encontra na tradição francesa o miolo que o constitui:

Jules Simon, uno de los maestros de la Francia republicana, sostenía que los profesores de filosofía debían ser “predicadores laicos”, siempre dispuestos a exaltar el valor del ideal, del servicio devoto a la causa común, la grandeza del potencial juvenil, y el genero profuso del “discours aux jeunes gens” parece haber seguido hasta con monotonía, este guión.⁴⁹

Real de Azúa identificou na eloquência rodoniana uma atitude comunicativa para-religiosa, cuja marca é indelével no estilo do ensaísta uruguaio, que “sería tempranamente abrumado por identificaciones del tipo de las de 'sermón laico', 'evangelio laico' y 'breviario laico’”.⁵⁰ Pois bem, penso que a mesma inclinação inflamou o discurso de Quijano, uma inferência que me parece bastante legítima, pois a leitura de Rodó foi determinante na formação do pensamento do diretor de *Marcha*. Citarei *in totum* um dos célebres editoriais de

⁴⁸ *Passim* MARTÍ, José. *Nuestra America*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977.

⁴⁹ AZÚA, Carlos Real. Prólogo a *Ariel*. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel/ Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976, p. X.

⁵⁰ *Ibidem*, p. XI.

Quijano porque, presumo, ele é revelador dessa inclinação para-religiosa e grandiloquente que permeia o seu estilo. O editorial é o da última edição de *Marcha* de 1969. Nele, Quijano convoca a juventude latino-americana a unir-se em fileiras para a construção de uma América Latina “socialista y libre”:

La década que se inicia y cuyo término verán otros, será la década de América Latina. La de su liberación. En medio de avances y retrocesos lo que importa es el profundo, incontenible impulso de los pueblos que a ciegas procuran la estrella que marca el camino y la picada que lo abre. América Latina será, con sangre, con dolor y lágrimas, lo que debe ser o no será nada. O la unidad, o la diáspora de las factorías. Tengan fe, total, absoluta fe los jóvenes, ellos que tendrán la gloria y la responsabilidad de ver las limpias luces del alba. Tengan confianza; pero no abandonen el puesto de guardia. Confiar, y con el mazo dar. Uruguay sólo tiene destino dentro de una América Latina reconquistada por sus pueblos y para sus pueblos, sin los cuales nada perdurable puede construirse. Una América Latina patria de patrias, socialista y libre. En el umbral de la nueva década, donde las más increíbles mutaciones tendrán asiento, miremos hacia esa América, prometida y soñada, esa América nuestra, donde la tierra oriental recobrará - como Artigas, el gran traicionado de siempre, lo intuyó - su auténtica autonomía. Y laboremos por ella, desde todas las trincheras del vasto y conturbado frente que va del Pacífico al Atlántico, del Río Bravo a la Tierra del Fuego. Hazañosa empresa ésta de salvar a nuestra patria en la patria. Por ella la vida, “corta de días y harta de sinsabores”, merece ser vivida y ser perdida.⁵¹

Mesmo que Quijano tenha negado o foquismo como estratégia de ação política, defendendo sempre o primado da democracia, o legalismo e o Estado de Direito, princípios que fizeram parte da “Declaración Constitutiva del Frente Amplio”, à qual prestou solidariedade, parece, em alguns momentos, que sua construção argumentativa cede terreno à ambigüidade, e passa a considerar a teoria de Régis Debray.

Onetti escreveu certa vez que “Quijano era *Marcha*”.⁵² Isso porque a história dele, além de estar ligada à história intelectual uruguaia e à formação de sua “geração crítica”, para usar o termo de Angel Rama, está atada a uma febril atividade no interior da empresa política e cultural que conduziu ao longo de muitos anos. Rubén Cotelo asseverou que *Marcha* e Quijano são inseparáveis:

Pocas veces, en el Uruguay, una publicación periódica tuvo, como *Marcha*, el sello personal de su director y fundador, así como el de sus más estrechos y permanentes colaboradores. Esto se afirma teniendo plena conciencia de que la prensa uruguaya fue históricamente un proyecto partidario orientado a difundir ideas, obtener poder social y eventualmente conquistar el poder político.⁵³

⁵¹ QUIJANO, Carlos. América: espacio y tiempo. Publicado originalmente em *Marcha*, 09 de outubro de 1959. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1988), pp. 129-130.

⁵² ONETTI, Juan Carlos. “Quijano era *Marcha*”. *Revista Proceso*, n° 398, 18 de junho de 1984, México, pp 34-35.

⁵³ COTELO, Rúben. *Marcha y la generación del 45*. In: SOSNOWSKI, Saúl (editor). *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*. Madrid - Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, p. 333.

Cotelo chama a atenção para uma característica importante da imprensa uruguaia que não é aventada nos outros estudos sobre *Marcha*. Pelo menos não com a ênfase que lhe é dada aqui. Refiro-me às ataduras históricas que a uniram às plataformas partidárias. Essa informação não aparece em seu texto como adorno, mas como uma observação que procura mostrar como o projeto editorial de *Marcha*, em seu primeiro momento, não se evadiu desses constrangimentos partidários porque sofreu os influxos de uma linha evolutiva:

En *Marcha* hubo, inicialmente, propósitos partidarios que la asentaron en la norma, pero realidades de todo orden la llevaron a gestar su propio público en torno a ideas politicamente independientes y a propósitos culturales ajenos a cualquier comercialismo. Con una vida financieramente precaria, se exigió a sí misma un alto nivel de calidad de escritura e idoneidad profesional que nada tenían que ver con las nulas o ínfimas retribuciones de sus colaboradores.⁵⁴

A divulgação do pensamento político de Quijano está inextricavelmente vinculada à sua empedernida atividade e vocação periodística. Convém traçar uma trajetória sumária de Quijano na imprensa uruguaia. Escreveu na *Revista Ariel*, claramente identificada com o idealismo rodoniano, da qual foi fundador em 1919 e diretor até 1924. Mais tarde atuou no jornal *El Nacional*, fundado em 1931, e mantido por apenas um ano e quatro meses, coincidindo com o interregno de Quijano na política oficial como membro do parlamento. *El Nacional* foi um jornal indissolúvelmente associado à ANDS (Agrupación Nacional Demócrata Social) à qual Quijano esteve ligado em sua fracassada carreira política. O jornal foi um órgão periodístico de opinião política. Ele deu expressão a um grupo de políticos que irrompeu no cenário nacional uruguaio, e manteve seu prisma de análise focado em aspectos da questão internacional e na temática cultural, mas que, além disso, para atender a um amplo espectro de leitores, investiu na cobertura, por meio de variadas seções, de assuntos heterogêneos. Desta forma sintetizava Quijano, há um ano de sua aparição e a quatro meses de seu fechamento, os objetivos do periódico social-democrata e do grupo que o animou:

Hombres nuevos en política, de una generación que aún aguarda su hora, desconocidos casi, hemos hecho frente, no obstante, a las exigencias múltiples [...] Teníamos que decir nuestra palabra y la hemos dicho, y si fuera necesario volver a empezar, sin vacilaciones lo haríamos. Ahí está nuestra obra: sin dinero, sin amigos influyentes, un grupo de hombres jóvenes cuyos integrantes andan todos orillando los treinta años, han creado este diario [...], se han encarado con los problemas vivos de la realidad nacional para decir sus soluciones y han echado, en un año de esfuerzos, las bases de una obra que tenemos derecho a creer estabilizada y útil.⁵⁵

⁵⁴ *Idem.*

⁵⁵ QUIJANO, Carlos. “Un año”. *El Nacional*, Montevideo, 3 de agosto de 1931, p. 01 *apud* CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *El joven Quijano (1900-1933) Izquierda nacional y conciencia crítica*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 219.

Alijado do cenário político depois da dura derrota sofrida em 1931, Quijano conseguiu manter sua práxis em um novo periódico, desta vez por intermédio de uma via não estritamente partidária, mas alinhado com o setor estudantil da social-democracia. Fundado em 19 de março de 1932, o semanário *Acción* inaugurou um novo tipo de “fazer política” no Uruguai. Caetano e Rilla sublinham que *Acción* representa, por seu projeto político e cultural, bem como por seu padrão editorial, isto é, sua diagramação, o antecedente por excelência de *Marcha*: “El semanario tuvo larga vida y solo será sustituido por *Marcha*. Es difícil, por múltiples motivos, no ver en *Acción* una prefiguración clarísima de *Marcha*. En su diagramación y en su contenido, en sus colaboradores y tal vez en sus lectores, *Acción* sería relevada ‘naturalmente’, pero dejando tras de sí una experiencia de valía”.⁵⁶

Quando *Marcha* surgiu, seus idealizadores não eram mais jovens neófitos e inexperientes. Não eram mais marinheiros de primeira viagem. Em um de seus primeiros editoriais, *Acción* declarou seus objetivos desta forma: “Dirá lo que los demás callan. [...] Mostrará las llagas de nuestra política, los vicios de nuestra organización económica, las deficiencias de nuestra cultura. [...] Expondrá las ideas de la ANDS y será el único órgano de las izquierdas del partido. Informará, criticará, orientará”.⁵⁷ Essas experiências efêmeras foram ensaios, tentativas, aprendizagem para o que lhes deveria suceder. Mais do que tudo, elas expressam um arraigado pendor para a prática política obstinada, livre das peias sectaristas, e galvanizada por uma diligente atividade intelectual com matizes pedagógicos, *ethos* que esculpiu a axiologia da geração à qual pertenceu Quijano, canalizando todo o seu sentido de dever para a formação de uma consciência histórica e política. Caetano e Rilla, em seu estudo sobre a formação do pensamento de Quijano, destacam que:

Uno de los fenómenos que marcó más nitidamente esta etapa de la vida de Quijano fue la confirmación de su percepción de pertenencia a una nueva generación, surgida en un momento histórico culminante y llamada por eso a desempeñar un rol decisivo en el futuro. Esta auténtica “conciencia generacional” - identificada y proclamada con énfasis e insistencia - constituyó en efecto una referencia central en los años de juventud de Quijano, orientándose incluso en una proyección claramente militante y reforzada en su sentido misional.⁵⁸

A observação de Caetano e Rilla de que a “conciencia generacional” que sedimentou o pensamento e a ação política de Quijano em sua juventude orientou-se para uma prática militante e reforçada por um sentido missional ampara a hipótese que aduzi a respeito da

⁵⁶ CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *Op. cit.*, p. 221.

⁵⁷ s/a. “Una plan. A la obra para seguir avanzando”. *Acción*, Montevideo, 26 de diciembre de 1932, p. 10 *apud* CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *Op. cit.*, pp. 221-222.

⁵⁸ CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *Op. cit.*, p. 44.

ressonância do estilo de Rodó no tecido discursivo do diretor de *Marcha* porque a prédica laica e messiânica que impregna sua escrita fornece suporte aos elementos que dão contorno a essa prática.

Sobre a “geração de *Marcha*”, Antonio Candido expressa a dialética do nacional e do universal que se depreende da linguagem dessa “geração”: “Assim, transformaram a cultura latino-americana numa fecunda mediação entre a dimensão nacional e a dimensão universal, em lugar da posição retórica e sentimental do passado”.⁵⁹ Ao contrário dos aportes da seção literária da *Revista Civilização Brasileira*, a publicação dirigida por Ênio Silveira, que referi anteriormente, o grupo de *Marcha* não fixou o realismo como ideal estético incontornável. Por um lado, como espaço que albergou intelectuais de vanguarda, *Marcha* manteve-se alerta a simplificações e reducionismos. Por outra parte, pelo menos na época em que Angel Rama dirigiu suas páginas literárias, entre 1959 e 1968, assumiu peremptoriamente o radicalismo na questão do papel da arte e do escritor. Repercutiu nesse radicalismo a proposta do compromisso sartriano. Segundo Ana Pizarro, a voz de Sartre é um emblema da história intelectual em nível internacional da época em que o filósofo de Saint Germain viveu:

Sartre representa para Rama uma opção ideológica de crítica ao modelo capitalista, assim como de apoio à postura anticolonial. Significa também, nesses anos, a crítica de compromisso social não marcada por uma opção partidária e, mais ainda, resistente a isso. O texto de Sartre que, de uma maneira ou de outra, aparece em seus escritos é o de *Situations II*. Dele se depreende toda a noção de compromisso social que marcará época na história intelectual em nível internacional e que cada um (e por cada grupo) assumirá com matizes muito diferenciados.⁶⁰

Em um ensaio redigido e publicado pouco tempo antes da morte de Sartre, em 1980, o filósofo italiano Norberto Bobbio, ao refletir sobre a relação dos intelectuais com o poder, transita por considerações a respeito de figuras emblemáticas do século XX. Seu propósito é procurar um modelo de atitude intelectual obviamente identificado com sua visão de mundo liberal. Daí deriva sua crítica à noção de compromisso esboçada em *Situations II*:

Sobrevive Sartre, que entre os escritores do nosso tempo é certamente aquele que mais conseguiu chamar a atenção. Mas é o maître penseur? Escritor genial e versátil, filósofo, literato, romancista, dramaturgo, imolou o próprio gênio ao ídolo do *engagement* a todo custo, mesmo a custo da coerência e da ponderação, desperdiçou a própria vitalidade excepcional na obsessão da presença contínua; entre marxismo e existencialismo, entre comunismo e liberdade, revelou uma ambigüidade de fundo que terminou por condená-lo à solidão.⁶¹

⁵⁹ CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Lúgia (orgs.). *Op. cit.*, p. 266.

⁶⁰ PIZARRO, Ana. Ángel Rama: a lição intelectual latino-americana. In: *Op. cit.*, p. 250.

⁶¹ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 118.

Em um só tempo, Bobbio reconhece a importância do filósofo francês e aponta para o seu ostracismo e o final sombrio e melancólico que o acometeu. Em momento algum, porém, Sartre ficou obscurecido. Dos anos em que Pizarro assinala a influência dele em Rama até a sua morte, foi sempre sentida sua presença. Em 1980, em Paris, uma multidão foi às ruas para acompanhar o seu funeral. Foi como se o mundo físico tivesse subitamente se comprimido com o seu desaparecimento.

A afasia não assombrou Rama quando ele se defrontou com a pergunta crucial de Sartre: “Para quem escrevo?” Sem arredar pé, defendeu a função social e política da literatura, como já havia feito seu célebre conterrâneo, José Enrique Rodó, que, em uma carta a Miguel de Unamuno, escreveu: “Yo no aspiro a la 'torre de marfil': me place la literatura que, a su modo, es milicia, pero cuando se trata de luchar por ideas grandes, de educar, de redimir.”⁶² A posição de Rama imediatamente o colocou em antagonismo com outro dos colaboradores de *Marcha*, o crítico Emir Rodríguez Monegal. Enquanto aquele não separava sua análise da literatura do lastro social, este defendia, como Onetti, que a literatura devia ser independente:

Todo creador es, en tanto individuo, un hombre de su tiempo. Le guste o no está sometido a las presiones de su ambiente. Pero cuando crea, se es capaz de hacerlo, si no es un impostor, su obra trasciende milagrosamente esas circunstancias. Sin dejar de ser un testimonio del hombre y de su época, la obra de arte es algo más; al revelar la realidad con toda la profundidad de la imaginación y la emoción, con toda la lucidez del arte, escapa a la servidumbre de los fines inmediatos para los que pudo haber sido creada. Esa servidumbre existe, y conviene saberlo. Pero conviene saber también que ella empieza y no termina la obra de arte. Incluso cuando la literatura tiene un explícito propósito didáctico o político, como puede ser el caso de Brecht y antes el de Dante, la literatura escapa a esse destino inmediato. O no es literatura.⁶³

Não foi à toa ou por mero capricho de egos em ebulição que Rama e Monegal se engalfinharam em torno do tema da relação da arte, da literatura particularmente, com a política e com as questões sociais. A polêmica entre os dois críticos uruguaios insere-se nas querelas que envolveram muitos intelectuais no século XX.⁶⁴ A diatribe entre Roger Garaudy e André Breton gravitou ao redor da mesma questão que colocou em choque Rama e Monegal: o sentido social da arte.⁶⁵ O combustível que animava as labaredas das querelas

⁶² RODÓ, José Enrique *apud* S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 77.

⁶³ MONEGAL, Emir R. Prólogo e introducción de Literatura uruguaya del medio siglo. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://mll.cas.buffalo.edu/rodriguez-monegal/bibliografia/prologos/prol_08a.htm. Arquivo consultado em 08 de julho de 2005.

⁶⁴ WINOCK, Michael. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

⁶⁵ PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. “Arte & Política: Portinari e a estética realista”. In: *Anais do VII Encontro da ANPHLAC*. Campinas, 2006.

entre os intelectuais foi com frequência a própria representação do intelectual.⁶⁶ Se Maurice Barres foi um chauvinista, seu conterrâneo Julien Benda foi quem o fustigou por abandonar os píncaros do universalismo para cair no mundo prosaico do nacionalismo francês. Se Sartre foi o casmurro paladino do engajamento político, Raymond Aron foi seu férreo antípoda. Mesmo assim, coincidiram no momento de combater o colonialismo. Na *Montanha Mágica*, de Thomas Mann, a polêmica entre dois homens de cultura adquiriu uma tonalidade ao mesmo tempo trágica e burlesca. Enquanto Settembrini é uma catapulta de eloquência blasfema, seu opositor, Naphta, é um jesuíta estóico e obscurantista. Da mesma forma, ao longo do século XX, as diferentes atitudes, opiniões, posicionamentos políticos e ideológicos tencionaram o campo intelectual, provocando cisões e rupturas. Clérigo ou *partisan*? Eis uma disjuntiva que pode ser definida como demarcadora da atuação dos atores sociais ligados à cultura no século XX. Para Benda, a participação dos intelectuais na vida pública denotava o que ele chamou de *la trahison des clercs*. Em seu texto homônimo, trata de apedrejar a interferência dos “clérigos” em assuntos do Estado. Não lhe era aceitável abandonar a torre de marfim, usina de produção de idéias e princípios universais, para descer ao mundo trivial e republicano das lutas políticas.

No primeiro capítulo, deverei refletir sobre a “geração crítica” uruguaia, como a designou Angel Rama.⁶⁷ Pretendo entender como Quijano, representante notório dessa geração, questionou a narrativa histórica oficial desde o periodismo independente e que releituras fez dos símbolos sacralizados da história uruguaia. Exposto como está, o tema parece não ter contornos bem definidos. Pois bem, para ser mais preciso, apresento em linhas gerais os objetivos desse capítulo de abertura, que dividi em três momentos. No primeiro, tenho como objetivo discutir sobre questões relacionadas à historiografia, ou seja, à escrita da história e seus condicionamentos políticos e ideológicos. Irei me debruçar, concomitantemente, sobre um dos “lugares de memória” mais disputados na sociedade uruguaia, José Artigas, o prócer das lutas do processo de Independência, cuja herança simbólica é reivindicada indiscriminadamente seja por correntes conservadoras, seja por setores progressistas. Para tanto, deverei fazer a análise de um conjunto de artigos escritos por Carlos Quijano, o diretor de *Marcha*, a respeito de Artigas. Por fim, direcionarei o foco da análise sobre os *Cuadernos de Marcha*, para refletir acerca das releituras que seus

⁶⁶ Passim SAID, Edward W. *Representações do intelectual. As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶⁷ RAMA, Ángel. *Op. cit.*, (1972).

colaboradores fizeram acerca do pensamento de dois importantes referenciais teóricos dessa “geração”: o filósofo Carlos Vaz Ferreira e o escritor e ensaísta José Enrique Rodó. Devo advertir que minha análise sobre a presença de Vaz Ferreira nos *Cuadernos* não será tão extensa como a que dedico a Rodó, o que não deve levar à conclusão de que este tem maior relevância do que aquele para o projeto político e intelectual da publicação de Montevideú. Se o tratamento que dei a um e a outro foi desigual, foi apenas por opção e estratégia próprias de investigação.

No segundo capítulo, irei me concentrar estritamente em alguns dos temas políticos que estiveram presentes na conjuntura em que circularam os *Cuadernos de Marcha*. A publicação de dossiês temáticos, formato que assumiram os *Cuadernos de Marcha*, facilitou muito o exame de questões específicas, como a eclosão do regime autoritário no Brasil. Meu ponto de partida nesse capítulo será o estudo, por meio da leitura do número inaugural dos *Cuadernos de Marcha*, de maio de 1967, sobre a relação entre as enunciações de seus colaboradores acerca da política internacional com as idéias de Rodó. Resta interpretar o teor dos números dedicados à análise do panorama político brasileiro. Foram publicados dois números a respeito do Brasil. Um deles intitulado *A revolução brasileira* e o outro *Torturas no Brasil*. O primeiro, com o mesmo nome do polêmico livro de Caio Prado que gerou polêmica na *Revista Civilização Brasileira*, apresenta textos de analistas, selecionados por Paulo Schilling, sobre diversos matizes do processo político brasileiro: os antecedentes do golpe de Estado de 1964, os posicionamentos da Igreja Católica sobre o *statu quo*, a impossibilidade de articulação de um movimento social organizado para confrontar o *establishment* e ainda estudos sobre as diferentes correntes de pensamento do exército brasileiro. O segundo também apresenta textos e documentos selecionados por Paulo Schilling, desta vez orientados para a denúncia da brutalidade dos poderes repressivos do Estado bonapartista. Com isso, concluirei esse capítulo.

No terceiro capítulo, devo recair, em dois momentos, sobre a análise das linhas de força do pensamento latino-americano, entalhadas na tessitura textual da publicação de Montevideú. No primeiro, estudarei um pouco do conceito de nacionalismo, ideologema crucial para o projeto político do grupo de *Marcha*, uma verdadeira “idéia-força”, parafraseando a conhecida expressão de Fouillée⁶⁸, no léxico da publicação e sua penetração

⁶⁸ Emprego aqui a mesma expressão utilizada por Quijano em sua análise sobre a idéia de “revolução”. A noção foi desenvolvida pelo filósofo francês, Alfred Jules Émile Fouillée (1838-1912), em três obras: *L'Evolutionnisme des idées-forces* (1890), *La Psychologie des idées-forces* (1893), e *La Morale des idées-forces* (1907). Cf.

nas análises, rigorosas e sutis, do polímata ensaísta uruguaio, Carlos Real de Azúa, considerado um dos mais destacados iniciadores da ciência política no Uruguai. Ainda que as idéias de Azúa, tenaz argonauta da grande barca navegadora de *Marcha* desde 1948, não representem a totalidade do *corpus* teórico da empresa cultural dirigida por Quijano, expressam, em suas grandes linhas, o conceito de nacionalismo que nela foi defendido ora no seu semanário, ora nos seus *Cuadernos*. No segundo, farei uma reflexão, com base em textos esparsos de Quijano, sobre aquela que foi a mais importante tópica no edifício de idéias da América Latina: a integração continental.

Estou consciente de que o objetivo a que me proponho aqui é abrangente. Por si só o periódico como objeto de estudo já constitui um desafio; ao se confrontar com a investigação de um periódico, o pesquisador está permanentemente submetido ao risco de sucumbir ao desconsolo seja pela exaustão, seja pela perplexidade diante de uma massa abrumadora de informações. Para levar adiante este estudo, cometerei uma ousadia, o que não chega a ser uma “impostura intelectual”. Quero dizer que ao longo de meu exercício analítico sobre os *Cuadernos de Marcha* não me mantereí restrito ao seu arcabouço, devendo percorrer as textualidades que lhe são contíguas e coetâneas e também aquelas que lhe antecederam. Tentarei dar conta das multiplicidades e dos acasos. É óbvio que a opção por essa atitude não me faz prescindir de um foco. Para interpretar e compreender os *Cuadernos*, parece-me inevitável visitar o semanário *Marcha*. Isso nada mais é do que o método dedutivo, isto é, aquela forma de raciocínio que parte de uma idéia ou postulado geral para chegar ao particular ou simplesmente uma concessão aos arroubos caprichosos das metonímias que insistem em saltitar, como sátiros travessos, do continente para o conteúdo e vice-versa. Não é difícil perceber que uma conduta menos sistemática deixa lacunas. Por um lado, muitas das coisas que poderiam ter sido tratadas, deixaram de ser debatidas. Por outro, espero, porém, que as incontornáveis lacunas sejam compensadas por visões de conjunto que talvez não viessem à tona com um tratamento mais sistemático e menos atento à qualidade mesma do texto.

Capítulo 1: A “GERAÇÃO CRÍTICA” NOS *CUADERNOS DE MARCHA* E O REVISIONISMO HISTÓRICO

1.1 Artigas traído: o prócer solitário e as escaramuças pela memória

*Our concern with history is a concern with
pre-formed images already imprinted on our brains,
images at which we keep staring while
the truth lies elsewhere, away from it all,
somewhere as yet undiscovered.*
W. G. Sebald

1.1.1 - Os frágeis resquícios da verdade

Acossado pelo transe da memória, o extraviado Austerlitz, de Sebald, na sanha obstinada de encontrar suas origens, perplexo pensa: em que se baseia nossa compreensão da história senão na frágil narrativa que se arrasta pelo tempo em nosso encaixo enquanto a verdade repousa intocada em algum lugar perdido. Eis aí o dilema que os historiadores buscam demolir. Não lhes basta a verossimilhança. Mesmo tateando no escuro, tentam chegar a qualquer custo perto da verdade para tocá-la. Às vezes conseguem perturbar o lânguido sono dessa divindade arredia que os contempla com desdém do alto de seu píncaro. Ídolo do Ocidente, a verdade sorri para eles e se transforma naquela imagem que se afasta à medida que um observador tenta se aproximar dela, um jogo de espelhos fisicamente impossível, mas que se presta como uma metáfora perturbadora.

A reflexão de Sebald sobre a história e sobre o peso da tradição no delineamento da imagem que dela fazemos reporta-me ao que ambiciono discutir aqui. Meu propósito, como esbocei na introdução, é debruçar-me sobre um dos “lugares de memória”⁶⁹ mais disputados na sociedade uruguaia, José Artigas, o prócer das lutas do processo de Independência, cuja herança simbólica é reivindicada indiscriminadamente seja por correntes conservadoras, seja por setores progressistas. Poucas coisas há que sejam tão suscetíveis de se tornarem mitos como a figura dos próceres, os fundadores da nação. Mais do que isso exatamente, tenho como objetivo inserir o tema da reivindicação desse bem simbólico na análise do revisionismo histórico levado a cabo por Don Quijano, na tentativa de mapear um pouco os

⁶⁹ NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n° 10, 1993, p.12.

contornos que deram forma ao discurso dos *Cuadernos* sobre a história. Ainda que as considerações de Quijano sobre Artigas predominem em outros espaços que não os *Cuadernos*, isso não indica qualquer silenciamento ou omissão do periódico. É mais lícito afirmar que o vulto do pensamento de Quijano, assim como o de seus colaboradores mais próximos, não importa o lugar e o momento em que tenham surgido, projetam-se intertextualmente e planam explícita ou subliminarmente sobre os textos publicados nos *Cuadernos*, um tipo de metaescrita que produz o trânsito das idéias de um lugar - no tempo e no espaço - para outro.

Antes de avançar sobre a análise das proposições de Quijano a respeito de Artigas, é válido insistir na indagação sobre a escrita da história, sobre o peso da tradição nessa escrita. O território dessa indagação é muito espinhoso para que me atreva a sondá-lo em toda a sua profundidade. Seria um esforço que exigiria um espaço reservado. Um espaço não somente ilustrativo ou secundário, mas exclusivo, em que se pudesse perscrutar com maior propriedade e conteúdo os quadrantes desse território quase intangível. Quero apenas fazer algumas considerações que me conduzam a uma melhor interpretação e compreensão dessas proposições de Quijano e de suas críticas sobre as narrativas oficiais. Buscarei mostrar como Quijano, ciente da vulnerabilidade dessas narrativas e das falácias das construções historiográficas, assume a atitude de um dinamizador de mitos nacionais. O Artigas que ele reivindica não é o de bronze que domina imponente a Praça Independência, em Montevidéu. Muito pelo contrário, é desse que ele quer se distanciar: “Artigas no es nuestro y la reivindicación provinciana lo empequeñece. Es de todos los de estas tierras de la patria grande. Está más allá de su tiempo; y también más allá de su solar”.⁷⁰ Seu Artigas encarna um desafio ainda não ultrapassado, o do nacionalismo federalista, que nos dias de hoje irrompe redivivo no conceito de Regionalismo Autônomo. Esse desafio é ainda o da integração da América Latina, pedra-de-toque do projeto político que Quijano orquestrou: “Artigas es la independencia total y la república democrática; la nación en la confederación; la producción frente al intermediario; los frutos de la tierra para los que sobre ella, penan”.⁷¹ Ao apresentar a crítica do diretor dos *Cuadernos* à narrativa oficial, seguida de uma interpretação, não pretendo sustentar sua indefectibilidade. Mesmo escorado no critério da independência crítica, Quijano não estava isento das cargas da tradição; sua voz soava dentro de um diapasão, isto é,

⁷⁰ QUIJANO, Carlos. Patria chica y patria grande. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 260.

⁷¹ QUIJANO, Carlos. El hombre solo. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 188.

seu discurso recolhia idéias pertencentes a um projeto histórico que remonta à geração que lhe antecedeu, cujo “fundador y apóstol inicial durante largas décadas fue el colombiano José María Torres Caicedo (1830-1889)”⁷², projeto que *Marcha* tomou para si. Sua capacidade de predição política era extraordinária. Não era um profeta manejador de elementos mágicos; sua visão do futuro seguia ao passo de uma criteriosa observação das grandes correntes da história e das forças que lavravam os sulcos profundos onde germinavam as mudanças na sociedade. É assim que ele, desde o exílio no México, no dia 11 de julho de 1983, poucos anos antes de morrer, menciona, em um texto escrito na Segunda Época dos *Cuadernos de Marcha*, um projeto que nos dias atuais começa a tomar corpo: o projeto da União de Nações Sul-Americanas (Unasul). Em meio a suas indagações e inquietações, irrompe o Artiguismo como fermento de seu pensamento, como levedura incontornável de toda uma vida de reflexão sobre a América Latina e sobre o seu destino histórico:

¿Con quién y cómo podrá integrarse Uruguay? En el Sur las naciones son muy desiguales y vastas las distancias que existen entre muchas. Uruguay está cercado por Argentina y Brasil. ¿Cómo romper el cerco? ¿Cómo escapar a la mediatización? Estamos irremisiblemente condenados? No cabe pensar en una comunidad de naciones del Sur? [...] Lo queramos o no, es la nuestra una situación de múltiple dependencia. Y siempre hemos pensado que es preferible la integración con “todos”, a la anexión; la integración concertada a la que lenta o subrepticamente imponen los hechos y los “otros”, integración ésta que, en definitiva, no difiere de la anexión. Toda reflexión sobre el país conduce a Artigas. El retorno a la raíz evita caer en la desesperanza y obliga a seguir por el trillo.⁷³

Pois bem, para introduzir a reflexão sobre a escrita da história e sua relação com a ideologia, acredito que é pertinente lembrar das palavras de Marc Bloch, em seu ensaio sobre a teoria da história que é ao mesmo tempo um pungente testemunho produzido sob a névoa da guerra. Ali, o fundador dos *Annales*, recorrendo ao provérbio árabe, afirma: “Os homens parecem-se mais com o seu tempo que com os seus pais”.⁷⁴ O que se pode entender por isso? Para além das múltiplas interpretações que possam ser feitas, interessa-me marcar posição naquela que melhor se enquadra nos limites do que quero discutir. Diria que o provérbio reforça a idéia de que o clima espiritual é o ingrediente mais importante na constituição das visões de mundo de uma determinada época. Por que cargas d'água trago à tona esse provérbio? Reporto-me a ele para entrar em diálogo com um dos lastros teóricos que orientam minha análise. Escrito na década de 60, *História e Ideologia*, de Ernildo Stein, é uma breve

⁷² ARDAO, Arturo. Prólogo. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. XIX.

⁷³ QUIJANO, Carlos. Reflexiones sobre Uruguay. Publicado originalmente em *Cuadernos de Marcha*, México, julho de 1983. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1988), pp. 381-382.

⁷⁴ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997, p. 94.

ponderação acerca da formação das consciências históricas e sobre os constrangimentos que surgem a toda hora para intervir na síntese do próprio conceito de história. Esse conceito está emaranhado em fios que produzem nele intermináveis modulações. A reflexão de Stein apareceu em uma circunstância na qual a supremacia das análises marxistas sobre a ideologia era irrefutável. Se o seu ponto de vista eclode aqui, não é para anular a contribuição de Marx, mas antes para acrescentar uma gradação diferente à sua palheta de cores.

Talvez não exista caminho que conduza à imparcialidade. A objetividade foi a primeira criação da subjetividade. Como expressou Stein, até mesmo a técnica e todo o aparato da ciência não estão isentos da subjetividade; os juízos sempre serão abraçados pelo manto do costume, da religião e de tudo aquilo que recobre as crenças de uma época:

Não apenas nosso grau de conhecimento é limitado no que se refere à tradição que nos persegue, mas o clima espiritual, que nos envolve, seleciona nossos juízos e os determina a cada momento. O próprio passado que julgamos dá seu colorido ao nosso juízo em cada momento. Estamos envolvidos nas cargas da tradição quando interpretamos a tradição. A história como passado pesa sobre nós, mesmo quando julgamos atingi-la com absoluta isenção. O espírito que analisa a tradição não sobrepára. A própria tradição o sustenta.⁷⁵

Se todo observador que vislumbra a história não consegue divisar um horizonte maior do que as suas próprias condicionantes permitem-lhe enxergar, parece certo afirmar que qualquer consideração feita sobre o passado haverá sempre de ser particular, portanto, em momento algum esse observador pode presumir que sua interpretação é universal:

A consciência histórica como esforço de lucidez diante da história relativiza as opiniões e transforma a verdade em perspectivas de suas diversas faces. Isto porque cada qual mergulha numa tradição histórica que lhe dá um determinado horizonte de reflexão e assim *particulariza* sua perspectiva e sua verdade.⁷⁶ [grifo meu]

A escrita da história não se desprende completamente das amarras da tradição. A relativização das opiniões surge, então, na visão de Stein, como atitude teórica inexorável. O relativismo epistemológico, que remonta a Protágoras, como ferramenta substantiva da formação da consciência histórica, situa o seu esforço analítico, ou melhor, torna datada suas considerações sobre a relação entre a história e a ideologia. Sua compreensão é de extração heideggeriana e permeável ao influxo do existencialismo, da fenomenologia e da hermenêutica, correntes fortes do pensamento europeu no século XX. Nada disso, porém, a desqualifica; o próprio Stein conhece como ninguém cada uma das armadilhas que se infiltram na construção de sua linha de argumento. Ele não sugere a frouxidão dos juízos

⁷⁵ STEIN, Ernildo. *História e Ideologia*. Porto Alegre: Movimento, 1999, p. 29.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 34.

sobre a história para erigir em seu lugar uma noção imbatível, no entanto, é convicto das forças redentoras liberadas pela purificação dos preconceitos:

Nossa consciência histórica já vem sempre condicionada pela tradição em que mergulhamos. Se quiséssemos julgar a história sem olhar para nossos condicionamentos, nossos preconceitos, nossas projeções de sentidos, nossas antecipações, nossa consciência histórica nos esconderia a verdadeira face da história. Por isso devemos afirmar que nossos olhos, que contemplam a história, devem ser continuamente purificados dos preconceitos que a tradição arraiga em nós. Disto surge a situação hermenêutica que nos abre a verdade da história.⁷⁷

A verdade da história, portanto, para Stein, pode ser descortinada desde que a hermenêutica, e não a dialética, acuda em auxílio daquele que pretende esquadrihar seus largos corredores e labirintos. A ideologia tensiona e orienta a escrita da história, que se torna vulnerável a contingências de toda ordem, sejam afetivas, sejam institucionais. A clave que lhe abre as portas é a teleologia: ela é, pois, a “leitura que fazemos de uma situação histórica num conjunto de acontecimentos, leitura que é orientada pelas exigências da ação a ser realizada”.⁷⁸ Em outras palavras, a “ideologia no âmbito político, econômico e social é sempre uma tentativa de realizar uma visão de mundo incoativamente possuída ou claramente determinada, procurando objetivá-la com suas verdades na história”.⁷⁹ Pouco a pouco o que se vê é o crescimento de um vulto que vai tomando corpo na conceitualização da ideologia que Stein tenta levar a cabo. Esse vulto é o que a filosofia alemã designou como *weltanschauung*, que literalmente vem a ser a visão de mundo. A mediação entre a história e a ideologia se dá pelo assédio do poder que instaura a égide de novas visões de mundo. Como expressou Stein, a formação de estruturas hegemônicas é o metrônomo que dita os andamentos do trânsito entre a história e a ideologia:

A ideologia acentua, portanto, sua presença quando procura instaurar, concretamente, numa determinada cultura, instituições novas, nos diversos setores da manifestação da atividade humana. Isto é tentado, sem dúvida nenhuma, dentro de uma determinada visão do homem e da história que vem sustentada pela visão de mundo.⁸⁰

⁷⁷ *Ibidem*, p. 35.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 59.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 64.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 65.

1.1.2 - Artigas redivivo

Mais do que a força cogente consagrada nas normas e regras dos ordenamentos jurídicos, as “linhas duras” de Deleuze⁸¹, é a lei do coração, como referiu Terry Eagleton,⁸² que alcança maior eficácia na manutenção da coesão social. Entendida a ideologia como uma ferramenta utilizada para estabelecer formas de controle na sociedade, assegurada pela criação de uma Ordem institucional, interessa-me agora lançar uma mirada sobre as reflexões de Quijano a respeito de Artigas. Ora, a troco de quê me proponho furungar essas reflexões do diretor dos *Cuadernos*? Afinal de contas o que Artigas tem a ver com o conceito de ideologia? Tudo, e não precisaria dizer mais nada, mas, para não ser tão assertivo, lembro apenas que o Artiguismo está no cerne da formação daquela que talvez seja a maior instituição das sociedades modernas, o Estado nacional, mais exatamente do Estado nacional uruguaio ou República Oriental do Uruguai. Toda a identidade política do povo oriental depende da interpretação do sentido do pensamento artiguista. Tenho a intensão de analisar as críticas de Quijano a um culto que ele considerava estéril e deturpador, o culto, para ele, de um “herói” de conveniência. Para Quijano, o pensamento de Artigas, líder traído e abandonado no ostracismo, foi esvaziado. Ao fazer isso, acredito poder capturar no específico o fundamento geral das suas críticas - e, por extensão, também a dos *Cuadernos* - sobre as narrativas oficiais. Tentarei mostrar como Quijano, ciente da vulnerabilidade dessas narrativas e da fragilidade das construções historiográficas, leva adiante a tarefa de dilapidar as bases que sustentam o mito artiguista celebrado nas cerimônias oficiais, empreendendo um esforço de revisão. Em que consiste o seu revisionismo? Não responderei às secas a indagação. Acredito que a melhor resposta pode brotar das próprias ponderações de Quijano. Um rastreamento de seus relatos sobre Artigas inludivelmente traz à superfície a matéria que torna possível a compreensão da concepção política do diretor dos *Cuadernos* sobre a herança do pensamento artiguista, torna possível ainda o entendimento da influência dessa herança na sua formação política. Para além da tentativa de acompanhar de perto a interiorização por Quijano das idéias de Artigas, vale a pena também perceber no teor de suas enunciações tudo aquilo que toma substância e relevo no que diz respeito à importância dessas idéias para a construção de um novo paradigma, em última instância, um novo *ethos* político uruguaio e latino-

⁸¹ *Passim* DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Micropolítica e Segmentaridade. Trad. Suely Rolnik. In: *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: 34, 1996.

⁸² *Passim* EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

americano. O que Quijano mais perseguiu foi a criação de um projeto nacional e continental: “Ser artiguista es ser rioplatense. Ser rioplatense es ser hispanoamericano. Si hay leyes naturales, esa es nuestra ley natural. Nuestra tradición y nuestro destino. El proyecto básico, al cual todos los otros están condicionados”.⁸³ Tanto *Marcha* como os seus *Cuadernos* canalizaram os esforços de uma geração de intelectuais que se juntou para pensar a respeito da crise que o Uruguai e a América Latina atravessavam: crise social, institucional, econômica e cultural.

Crise social porque a estrutura das suas sociedades ainda reproduziam contradições e mazelas instaladas em suas nervuras desde o processo de Independência. Crise institucional porque ao longo de suas histórias a convulsão da ordem política, a instalação de regimes de exceção ou ditaduras imprimiram a marca da instabilidade na tessitura jurídica de seus Estados. O melhor termômetro dessa instabilidade talvez seja o aparecimento de inúmeras constituições ora outorgadas, ora promulgadas que modificaram seus ordenamentos jurídicos toda vez que o *statu quo* era sacudido por erupções desencadeadas por lutas de poder. Essa crise na Ordem institucional engendrou aquilo que a historiadora Cláudia Wasserman sublinhou a respeito da insistente presença da questão nacional no pensamento latino-americano:

A questão nacional na América Latina e os problemas de identidade nacional, das origens da nação e da nacionalidade são temas há muito consagrados pelo pensamento intelectual latino-americano e pelos historiadores. A busca do caráter nacional e sobre as origens da nação estão muito relacionados às dificuldades de construção de ordenamentos políticos estáveis.⁸⁴

Crise econômica porque as bases de suas alternativas de desenvolvimento ainda permaneciam atadas às amarras que perpetuavam uma inserção internacional dependente. Finalmente, crise cultural porque a vulnerabilidade externa do subcontinente permitia a penetração contínua de bens simbólicos adventícios que inundavam os patrimônios culturais nacionais, sobrepondo-se a eles, enquanto seus intelectuais, ou melhor, seus “intérpretes”⁸⁵, ainda tentavam adentrar nas capilaridades da nação para encontrar a sua identidade.

⁸³ QUIJANO, Carlos. *Patria chica y patria grande*. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 260.

⁸⁴ WASSERMAN, Cláudia. “Percurso intelectuais latino-americanos: Nuestra América de José Martí, e Ariel de José Enrique Rodó - as condições de produção e o processo de repercussão”. *Intellèctus* (UERJ), v. I, 2006, p. 01.

⁸⁵ O vocábulo está empregado aqui na acepção que lhe é dada por Silvano Santiago na introdução da coleção organizada por ele sobre as diferentes interpretações acerca do Brasil. Não deve ser confundido com a noção que lhe é dada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em oposição à idéia de “legisladores”. Cf. SANTIAGO,

Óbvio que o conceito proposto por Santiago pode ser aplicado fora do contexto brasileiro. Como no Brasil, em todas as jovens nações latino-americanas pulularam relatos e ensaios de interpretação da realidade sejam aqueles baseados em critérios sociohistóricos, sejam aqueles que se detiveram no estudo da cultura e da psicologia nacionais. Penso que Quijano foi um desses “intérpretes”. Nascido com o século, foi formado sob o signo das grandes correntes de pensamento européias que se consolidaram no século XIX, cujas ondulações se arrastaram para dentro do século XX. As correntes de idéias francesas foram as mais incisivas na sua formação em virtude dos anos nos quais estudou na Sorbonne, ou melhor, essas idéias não teriam exercido tanta influência no jovem Quijano apenas por causa da sua estada na França, se, antes, no seu Uruguai e em todo o terreno cultural platino, não houvessem tido repercussão. Bem, o silogismo ainda não está completo; exposta uma inferência, isto é, a sugestão de que Quijano foi um “intérprete”, seguida por premissas menores, resta apresentar uma proposição maior que complete o raciocínio. Ora, por que essas idéias gestadas no século XIX europeu deram origem na América Latina ao ímpeto de interpretar a nação? O século XIX na Europa inaugurou a “era da burguesia”. A nova classe em ascensão imolou o coletivismo das velhas sociedades orgânicas, baseadas no costume e na fé cristã, e passou a cultuar novos Deuses: a ciência, o progresso e o individualismo. Em lugar das antigas certezas surgiram dúvidas, em lugar do homem resignado e piedoso surgiu o homem inquieto e especulativo. As mudanças nas estruturas de sensibilidade, desencadeadas pelo desaparecimento do mundo equilibrado e ordenado que a exegese bíblica e a autoridade eclesiástica ratificavam e reforçavam, provocaram reações; a perplexidade e o assombro não foram as maiores entre elas. Talvez, a maior reação tenha sido o crescimento do apelo da necessidade de pertencimento ora à uma classe, ora à uma nação. Por sua vez, essa necessidade de pertencimento gerou uma profusa produção historiográfica aferrada no estudo das origens. Talvez, a fixação ao tema das origens tenha sido decorrente de um sentimento nostálgico, de um apego à lembrança de um mundo com fronteiras existenciais e espirituais bem delimitadas, alimentado por convicções e crenças cristalizadas. O homem burguês, ávido por pertencer à uma nova unidade estruturante, tornou-se sequioso de suas origens. Se a nova unidade estruturante que surgiu para substituir a anterior foi o Estado nacional, possivelmente a insistência no estudo das origens da nação tenha manifestado a insuficiência de um organismo jurídico para preencher o vazio existencial gerado pela implosão do mundo antigo.

Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2000. E, para uma consulta mais detida dos conceitos manejados pelo sociólogo polonês, conferir: BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.*

A proposição que apresento é apenas uma hipótese que não pretendo desenvolver aqui por não ser exatamente o que mais me interessa. O que importa sublinhar agora é que o clima intelectual europeu novecentista teve uma tremenda repercussão na América Latina, e também que muitos dos conceitos que abasteciam a cultura européia encontraram acolhimento no terreno cultural latino-americano. Percebo que o silogismo no final das contas se transformou em uma digressão. Não faz mal, desde que ela não comprometa a clareza da linha de argumento que tento levar adiante. Volto, então, ao que é mais significativo, com uma pergunta: Como Quijano, ao tentar interpretar a realidade política uruguaia com suas sacralizações e mitos, descreveu o traçado que desenhou a figura de um “pai fundador” para o Uruguai? Permito que ele mesmo responda, como já alertei que faria:

Después vino tardíamente la hora de la reparación y en ella todas las voces confluyeron para ofrecernos la imagen depurada e ideal de un jefe, sin sangre, sin huesos y sin barro, de un tutelar patriarca colocado más allá del bien y del mal, del error y de la injusticia. Depurada imagen, vacía de vida. Depurada imagen que pertenece a la hagiografía.⁸⁶

Quijano, no entanto, não saiu a esmo dinamitando imagens sagradas; não era um iconoclasta inconseqüente. Se fustigou um Artiguismo que considerava embolorado, não foi para deixar o povo oriental órfão de “heróis”. Pode até ser que muitos o tenham visto como um férreo pessimista, coisa que não foi, absolutamente. Antes de mais nada foi um crítico rigoroso da sociedade, preocupado com o impacto dos relatos oficiais na formação da consciência histórica de seus concidadãos. Não está equivocada a idéia de que o diretor dos *Cuadernos* cultivava com denodo uma tenaz atividade “docente”. Como seus predecessores, Rodó e Vaz Ferreira, Quijano também foi um “maestro” das juventudes. Devo matizar a palavra “docente”, mesmo que ao colocá-la entre aspas já o tenha feito. Quando me refiro à propensão de Quijano ao ofício pedagógico, não quero apenas me reportar aos limites internos da prática do ensino, aos protocolos desse ofício, que ele também exerceu, mas quero principalmente explicitar a inclinação acentuada dele ao que me atreveria a denominar como “didatismo cívico”, isto é, o afã em educar a sociedade para que ela pudesse acionar melhor os vetores de sua transformação. Em certo sentido, para ele somente por meio da educação a democracia poderia realizar-se plenamente. Quijano acreditava que a construção de uma democracia socialista no Uruguai e na América Latina deveria repousar sobre as tradições do pensamento político nacional e continental, colhendo água das fontes que irrigaram essas

⁸⁶ QUIJANO, Carlos. El gran traicionado. Publicado originalmente em *Marcha*, 19 de maio de 1961. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 150.

tradições. O “didatismo cívico” para o qual chamo a atenção não passou ao largo da análise de Peirano Basso, que percebeu uma percuciente motivação pedagógica nos *Cuadernos*:

Es interesante que la Dirección considere la utilización pedagógica de los contenidos de los *Cuadernos*. Vista esta sugerencia en una perspectiva mayor, la propuesta de los *Cuadernos* avanza en el campo de la formación docente de los ciudadanos uruguayos, preocupándose por el plano de la educación nacional.⁸⁷

Artigas, com seu federalismo republicano, representava, para o diretor dos *Cuadernos*, uma opção oposta à atomização engendrada no século XIX pelas lutas intestinas entre as oligarquias: “La hora llegó de los que balcanizaron a nuestros pueblos. De los que nos dividieron, por imposición de los de afuera y para satisfacer sus ambiciones de mando. Estos ciento cincuenta años de nuestra América, son ciento cincuenta años de despedazamiento y fragmentación.”⁸⁸ Ele queria dar voz ao conteúdo “autêntico” do pensamento artiguista, aquele que ficou proscrito ou eludido. Ao defender o retorno a um conteúdo genuíno, fez uma crítica acerba aos relatos edificantes e laudatórios criados pelo oficialismo:

Ahora como ayer, ha de volverse hacia el Artigas auténtico - sangre, nervios, huesos, barro - para reiniciar la marcha y lanzarse al combate, contra los herederos de alma de aquellos que consumaron la gran traición, esa gran traición todavía victoriosa, que recurre a los mismos métodos, las mismas prácticas, los mismos argumentos y los mismos apoyos - cambian sólo las denominaciones - para derrotar otra vez al artiguismo.⁸⁹

Inevitavelmente, o enunciado efusivo de Quijano deixa um problema saltar à vista: diria que ele pressupõe uma certeza, a de que existe um Artigas “autêntico” e outro “apócrifo”. Para ele, contudo, esse problema é inexistente. Na polaridade que eclode em seu enunciado, não há sombra de aporia porque não há dificuldade de escolher entre duas opiniões contrárias e igualmente racionais sobre um dado assunto. Ora, está claro que o assunto é bem palpável: trata-se da compreensão do Artiguismo. Se, para Quijano, não existe aporia, é em decorrência de que os relatos oficiais em sua opinião não passam de fraudes e, portanto, como não se embasam em critérios racionais por serem espúrios, nem sequer podem figurar como alternativa válida de explicação ou interpretação do Artiguismo. Para o diretor dos *Cuadernos*, portanto, essa certeza era irrefutável. Quando insisto que não foi um iconoclasta inconseqüente é porque ao mesmo tempo que atacava o culto oficialista à figura de Artigas

⁸⁷ BASSO, Luisa Peirano. *Op. cit.*, p. 209.

⁸⁸ QUIJANO, Carlos. El hombre solo. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 188.

⁸⁹ QUIJANO, Carlos. El gran traicionado. Publicado originalmente em *Marcha*, 19 de maio de 1961. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 151.

também construía, com um tom quase épico, a sua própria narrativa, a sua própria imagem de um “herói” redivivo:

Pasarán todavía muchos años antes de que el mundo entero, América y el Uruguay, conozcan a Artigas. Ningún otro personaje en el país, se le compara. Ningún otro, en todo el ámbito continental. El pasado es él, la respuesta que reclama el presente, está en él; en él, está el futuro. Sobre nuestras tierras pesa, desde hace ciento cincuenta años, su derrota. Pero esa su derrota, es su victoria y será nuestra victoria.⁹⁰

Como uma derrota pode passar a ser uma vitória? Que tipo de combate é travado aqui? Passado, presente e futuro: eis a vertigem. Onde Quijano quer chegar, ao cair no vórtice do tempo? Quando foi traído e deixado no ostracismo, Artigas foi derrotado. Quem ficou o resto dos seus dias exilado no Paraguai porém perdido em seu labirinto como o Bolívar⁹¹ de Garcia Márquez, foi apenas o General Artigas. Algo não ficou desterrado. O poeta latino, Ovídio, também morreu afastado de seu torrão. Do exílio, atormentado por não poder regressar a Roma, escreveu este verso: “Tu, que podes, parte meu livro e contempla Roma.” Pois bem, esse verso expressa com uma tremenda exatidão o que quero dizer: Ovídio lamentou-se por não poder se deitar mais à margem do Tibre, na cidade de Rômulo, mas sabia que de alguma forma haveria de nela estar presente. Como? Ora, na memória dos seus conterrâneos. Assim, toda vez que um romano pensasse em seus versos, ali ele haveria de estar. Para Quijano, o mesmo acontece com Artigas porque, embora tenha sido traído e depois derrotado em Tacuarembó, o seu pensamento permanece vigoroso e vivo, capaz de dar uma contribuição inestimável aos projetos políticos prementes tanto para o Uruguai como para a América Latina. O nacionalismo anti-imperialista de Quijano não poderia, portanto, conviver com a exaltação marcial daquilo que ele via como um esclerosado Artiguismo difundido pela Ordem institucional: “La historia del pasado siglo y medio es, con parciales y/o transitorias rectificaciones, la historia del antiartiguismo.”⁹² O revisionismo histórico de Quijano, fundamentado em Artigas, combateu o centralismo unitário das oligarquias e, sobretudo defendeu as alianças supranacionais:

Alguna vez llamamos a Artigas “el gran traicionado”. Lo es y lo seguirá siendo por muchos años más. Tal como lo vemos, el artiguismo es un fenómeno único - “cosa

⁹⁰ QUIJANO, Carlos. El hombre solo. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 187.

⁹¹ O escritor colombiano, ao humanizar a imagem de Simón Bolívar em seu romance, transformando o sacralizado personagem histórico em um homem com angústias, inseguranças e idiosincrasias, também tentou desmitificar a figura de um prócer hierático e apolíneo. In: MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu labirinto*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

⁹² QUIJANO, Carlos. El hombre solo. Publicado originalmente em *Marcha*, 20 de junho de 1964. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 187.

extraordinaria y sorprendente” - en nuestra América. Todo está en él: el ayer y el mañana, ese mañana que podemos imaginar o entrever y por el cual debemos trabajar. Los orientales seremos artiguistas de la raíz a la copa, o no seremos nada. Y Argentina y Paraguay y Bolivia también. La Argentina federal, que está lejos de lograda, viene de Artigas. De él y de los caudillos que a su lado y bajo su inspiración, pelearon: los Ramírez, los López, los Hereño. La actual Bolivia y Paraguay se perdieron para la gran confederación que Artigas imaginó, por la traición y la miopía de las oligarquías unitarias.⁹³

1.1.3 - Uma “geração implacável”

Representante notório da “geração crítica” uruguaia, Quijano recebeu o empuxo que mais a movimentou, isto é, o compromisso irredutível com a formação de uma consciência latino-americana. Todo aquele assombro que deixou o Austerlitz, de Sebald, aterrado, quando o personagem do escritor alemão refletiu sobre o traço evasivo da verdade da história, jamais teve o mesmo apelo em Quijano: “Don Carlos Quijano era la inteligencia y era el rigor; pensaba de otra manera y hacía pensar de otra manera.”⁹⁴ Era antidogmático, é certo, como seu predecessor, o filósofo Carlos Vaz Ferreira, que tanta influência teve sobre ele, mas não era um cético ou um relativista; tinha posições políticas firmes e, quando necessário, formava trincheiras para defender suas idéias. *Marcha* e seus *Cuadernos* foram duas delas, talvez as mais combativas. Imerso em um mundo de confrontos maniqueístas e titânicos, de lutas ideológicas, Quijano, ao lado de figuras timoneiras do projeto de *Marcha*, como Carlos Real de Azúa, afastou-se dos pólos de poder e, como muitos intelectuais uruguaiois, abraçou o “tercerismo”, ou seja, uma posição independente em política internacional. Observador atento do choque estrondoso entre as duas “verdades” mais imperantes do sistema da Guerra Fria, ele não exitou em se manter à distancia desse choque, formulando críticas cáusticas aos dois lados da balança de poder. Sua verdade era outra, e o Artiguismo que ele reivindicou a fortalecia. Seu projeto e por extensão o de *Marcha* e dos seus *Cuadernos* era a formação de um pensamento continentalista. Para levar adiante esse projeto, ele e sua geração investiram incansavelmente contra crenças e convicções no enalço obstinado da verdade adormecida no regaço da consciência histórica. Era um marxista, acreditava nas explicações sistematizadas, aquelas que procuravam “o sentido da história”, cujo ocaso foi identificado por Lyotard.⁹⁵ O crepúsculo das “grandes narrativas” provocou um abatimento nessa geração, mas não a

⁹³ QUIJANO, Carlos. Patria chica y patria grande. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 260.

⁹⁴ MAGGI, Carlos. *El Uruguay de la tabla rasa*. Uruguay: Fin de Siglo, 1992, p. 35.

⁹⁵ Cf. LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

demoveu. Foi uma “geração implacável”, como a definiu Carlos Maggi.⁹⁶ Assim Rama sintetizou o papel que teve essa geração:

Hecho el balance pienso que ha marcado un giro decisivo de la vida nacional y ha logrado encauzar la sociedad hacia un asentamiento sobre la realidad del mundo actual, sobre sus legítimas aspiraciones de progreso y justicia, sobre el panorama cultural de la región latinoamericana, sobre la apertura a un profundo cambio que le permita avanzar. Ha desenmascarado, ha desnudado, no ha vacilado ante las convenciones ni los principios estatuidos, ha enfrentado la enfermedad señalándola para que nadie la ignore. No la ha curado.⁹⁷

Lenin costumava dizer que o pensamento, a teoria, é a vanguarda das grandes transformações históricas. Por mais seminal que tenha sido a contribuição política e cultural dessa “geração imbatível”, a “cura” para a qual Rama chama a atenção não poderia decorrer apenas das suas iniciativas e intervenções. O pensamento é somente a vanguarda das “profundas mudanças” que Rama também refere. Talvez ele possa desencadeá-las, mas não as levar sozinho a cabo sem a companhia do turbulento vagalhão liberado pelo clamor social. Não há panacéia possível. O dissenso, no entanto, pode corroer por dentro as engrenagens do consenso e provocar mudanças paulatinas.

1.2 José Enrique Rodó e Carlos Vaz Ferreira: interpretação crítica e resignificação de tópicos fundadoras

*Es preciso saber reproducir en sí mismo el milagro
de una **conciencia** que se abre ante un **mundo**
- esos dos hechos maravillosos que se encaran -,
y reproducirlo como si fuera la primera vez que eso sucede -
porque **para ti** es la primera y única vez!*
José Enrique Rodó

1.2.1 - Formadores de gerações

A mensagem de Rodó para a juventude, seus *discours aux jeunes gens*, como diria Azúa, foi uma “profissão de fé”. Guardadas as diferenças, o Ariel de Rodó, como o Zaratustra de Nietzsche, recordam os antigos fundadores de religiões. Com efeito, tanto este como

⁹⁶ MAGGI, Carlos. *Op. cit.*, p. 34.

⁹⁷ RAMA, Ángel. *Op. cit.*, (1972), p. 103.

aquele foram extremamente bem sucedidos na tarefa de recolher prosélitos. Os “sermões laicos” são instrumentos ideológicos imbatíveis porque têm um tremendo apelo emocional e, ao mobilizarem as paixões, impelem à ação. Imbuídos de fórmulas retóricas e pincelados com os corantes fortes da eloquência, além de formados na escola da perfeita elocução logram muito sucesso naquilo que os gregos chamavam de “captação de benevolência”.

Já chamei a atenção para o peso do Arielismo na formação do pensamento de Quijano. Estaria incompleta, no entanto, toda a referência às afinidades eletivas do diretor dos *Cuadernos de Marcha*, se não fosse considerada também a influência fortíssima do antidogmatismo vazferreiriano na constituição da sua concepção de mundo. A filosofia do uruguaio Carlos Vaz Ferreira, formado nas leituras de Bergson, James e Mill, foi um ingrediente substantivo no seu aprendizado intelectual e contribuiu muito, assim como o idealismo rodoniano, na construção de sua sensibilidade. Examinar aquilo que foi selecionado dos dois “maestros” para figurar no conteúdo dos ensaios que compuseram os dossiês dos *Cuadernos* dedicados a eles é uma forma adequada para compreender como algumas das tópicas de seus pensamentos foram resignificadas pelo grupo da publicação de Montevideú. Sabendo que o ato de escolher implica critérios de valoração, visualizar o delineamento que as reflexões sobre Rodó e Vaz Ferreira adquiriram no *corpus* textual dos *Cuadernos* pode ajudar a trazer elementos para um melhor entendimento do seu projeto político e cultural. Embasada na metodologia de Héctor Borrat⁹⁸, Peirano Basso observou a importância das ausências e recorrências de temas para o estudo dos propósitos dos *Cuadernos*:

El mero tratamiento o exclusión de determinados temas en cualquier publicación hemerográfica constituye un propósito en sí mismo [...] El estudio de los propósitos de los *Cuadernos de Marcha* no se limita a los enunciados que hacen desde ellos mismos, sino que debe complementarse con el análisis de por qué se eligen determinados tópicos, que en algunas oportunidades son tratados en más de dos números.⁹⁹

No centenário de nascimento de Vaz Ferreira foram publicados dois números consecutivos dos *Cuadernos* para celebrar a efeméride, o 63 e o 64, em julho e agosto de 1972 respectivamente. Com Rodó aconteceu o mesmo, mas houve um intervalo de quase cinco anos entre os números dedicados a ele. Sobre o primeiro, que foi o exemplar de abertura dos *Cuadernos*, publicado em maio de 1967, falarei na seção em que me deterei sobre os pressupostos teóricos instrumentalizadores das análises que tomaram corpo dentro dos *Cuadernos* a respeito da política internacional.

⁹⁸ Passim BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.

⁹⁹ BASSO, Luisa Peirano. *Op. cit.*, p. 105.

1.2.2 - O “maestro” da juventude da América Latina

Em junho de 1971, no ano em que se celebrava o centenário de nascimento de Rodó, veio a lume o número 50, outro exemplar dedicado ao autor de *Ariel*. Nele há uma nota emblemática que reforça a importância dos postulados rodonianos no embasamento do projeto dos *Cuadernos*. Embora não esteja assinada, tudo leva a crer que seja de autoria de Quijano:

El primer número de Cuadernos (mayo de 1967) estuvo dedicado a Rodó, de cuya muerte se cumplían cincuenta años. La aparición del número cincuenta de Cuadernos, coincide con el centenario del nacimiento de Rodó. Aquel Cuaderno, totalmente agotado desde hace tiempo, y éste que hoy editamos, descubren nuevos horizontes al análisis y la exégesis de la obra de Rodó. Pero, además, separados entre sí por más de cuatro años, revelan, sin quererlo, que esa obra sigue siendo, aun en nuestros tiempos convulsionados y revolucionarios, una cantera cuya riqueza no se ha agotado.¹⁰⁰

Há muito conteúdo concentrado nessa breve nota. Diria que há três características que se destacam: a efeméride, regada pelo refrão laudatório; a sugestão explícita da resignificação da obra de Rodó; e a defesa da atualidade e vigência das idéias rodonianas. Exaltação aqui não denota compreensão acrítica e assimilação incondicional do que é improdutivo, mas valorização do que é fecundo, do que pode irrigar o estudo e o entendimento da realidade. A frase que conclui a nota faz referência à obra de Rodó como uma fonte de riquezas que não se exauriu, e que, visitada com a percepção dos tempos revolucionários, testemunhados e seguidos com atenção por *Marcha*, pode lançar luz sobre os desafios do Uruguai e da América Latina. A sugestão de que a vigência do pensamento rodoniano no tempo histórico dos *Cuadernos* é uma revelação que surge por obra do acaso é bastante frágil. O leitor despreocupado aceitaria candidamente a proposição, sem retrucar. Não é um acidente, porém, que faz essas idéias planarem pelo tempo para recaírem arrebatadamente sobre o solo que recobre o substrato espesso das enunciações que costuram as análises da publicação uruguiaia. É de propósito que elas vêm pousar nos textos dos *Cuadernos*. Entusiastas do “evangelho intelectual” que inaugurou o pensamento latino-americano no século XX, arielistas fervorosos, os timoneiros da barca que singrou os mares do periodismo independente na América Latina, movidos pelo lema “navegar é preciso, viver não é preciso”, colheram nas idéias rodonianas a matéria-prima de suas reflexões; tanto daquelas que recaíram sobre temas políticos, como daquelas que se preocuparam com questões culturais. Mais do que apenas revelar a atualidade da obra de Rodó, a publicação espaçada de dois números dedicados ao

¹⁰⁰ s/a. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 50, junio de 1971, p. 03.

autor de *Ariel* mostra a incidência contínua de seu pensamento no firmamento ideológico dos *Cuadernos* e o esforço de seus articulistas para resignificar as suas tópicas mais sintonizadas com esse firmamento: o imperialismo, o nacionalismo e o latino-americanismo.

Na contracapa do número dedicado ao centenário de nascimento de Rodó, está impresso um pequeno parágrafo escrito por Arturo Ardao a respeito do seu livro [*Rodó, su americanismo*], publicado pela *Biblioteca de Marcha* para figurar na coleção *Los nuestros*. Filósofo e historiador das idéias, Ardao foi um intelectual de muito prestígio tanto no Uruguai como na América de língua espanhola. No Brasil, sua obra ainda é pouco conhecida e estudada. Colaborou em *Marcha* ao longo de toda a existência do periódico. Não foi apenas um colaborador *ad hoc*. Ao lado de Quijano, Castro e Azúa, o filósofo formou o cerne daquilo que chamo de “grupo de *Marcha*”. Vale a pena, por conseguinte, sair ao encaço de alguns vestígios dos seus textos porque é provável que eles possam revelar muitos rasgos da visão de mundo que orbitava ao redor da *raison d'être* do periódico. O parágrafo ao qual faço referência é interessantíssimo uma vez que seu conteúdo deixa transparecer a percepção de Ardao daquilo que, em Rodó, era prioritário para esse “grupo”:

Como queda expresado aquí, es éste un libro dedicado a Rodó, pero en Rodó, sólo a su *americanismo*; o lo que también podría llamarse, como se ha llamado, su *milicia americanista*. Esta milicia movilizó su pluma desde que empezara a manejarla hasta el final de su existencia. Lo comprometió, además, hasta el punto que ella aportó a su personalidad de escritor uno de sus rasgos más salientes...¹⁰¹ [grifos meus]

É uma observação passageira, mas nela se esconde algo mais duradouro, um princípio que norteou algumas gerações de intelectuais da América Latina e conduziu a prédica de *Marcha* e de seus *Cuadernos*; refiro-me ao “americanismo”. Vale notar que o conceito carece de precisão, e Ardao não deixou de perceber as incongruências que o cercam, embora não tenha mencionado o emprego incorreto que lhe deu em seu livro de 1971 sobre Rodó. Em 1989, quase vinte anos mais tarde, no prólogo a um conjunto de escritos de Quijano, ele chamou a atenção aos desencontros que existem no entorno do conceito que na nova circunstância prefere definir como latino-americanismo: “En cuanto al concepto en sí de 'latinoamericanismo', existen diversos malentendidos [...]”¹⁰² Apesar de fazer referência a “diversos malentendidos”, detém-se em apenas dois deles: no que deu origem ao tradicionalmente chamado “americanismo” e naquele tipo de latino-americanismo que compreende toda e qualquer idéia de solidariedade e união dos países americanos situados ao

¹⁰¹ ARDAO, Arturo. “Rodó, su americanismo”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 50, contratapa, junio de 1971.

¹⁰² ARDAO, Arturo. Prólogo. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. XVII.

sul dos Estados Unidos. Segundo Ardao, o primeiro disseminou a idéia equivocada de que “el latinoamericanismo remonta a la época de la emancipación [...]”¹⁰³, enquanto o segundo difunde um falso entendimento, visto que deixa de explicitar o fundamento essencial do conceito. Que fundamento é esse? Ardao, obstinado, responde à indagação em dois momentos. Sobre o primeiro mal-entendido, apresenta estas considerações:

La verdad es distinta. Respecto a lo primero en su significado propio, el latinoamericanismo no vino a dar sus primeros pasos, como sentimiento y pensamiento, sino en los lustros iniciales de la segunda mitad del siglo pasado; ni la generación independentista ni la que le siguió, tuvieron idea de él.¹⁰⁴

Algo fica suspenso. O argumento parece incompleto. A lacuna, porém, foi deixada propositalmente, como um recurso de elocução. Ao partir para as considerações a respeito do segundo mal-entendido, as duas respostas entrelaçam-se e dão concatenação ao raciocínio de Ardao:

Respecto a lo segundo: surgió y se desarrolló el latinoamericanismo como forma de conciencia y unión de una nacionalidad grande, para resistir la expansión avasalladora de Estados Unidos; hasta entonces, el viejo americanismo, a secas, había sido de liberación, afirmación y defensa frente a España - y en ciertos momentos a otros países europeos, con algunas recurrencias en aquellos mismos lustros - mientras que a partir de entonces, el grande y nuevo peligro a enfrentar en común es el de “la otra América”.¹⁰⁵

À primeira vista o que se percebe é que o filósofo uruguaio pretendeu refinar o conceito de latino-americanismo, ao investigar todas as suas nuances e ao mostrar que cada uma delas proporciona uma interpretação bastante diversa das outras. Aqui ele adota a atitude de um historiador no instante em que tenta observar um objeto em todos os seus matizes. Sua intenção é examinar esse objeto com uma percepção crítica; procura desvelá-lo por dentro e por fora ao mesmo tempo. Ao fim e ao cabo, no entanto, sua análise deixa de ser imparcial, uma vez que acentua as qualidades do latino-americanismo que ele quis estabelecer como marco histórico da idéia pela qual Quijano e sua geração pugnaram.

Em 1910, Rodó, escritor de fama continental, representava o Uruguai na comemoração do centenário da independência do Chile. Nessa ocasião, expôs seu credo latino-americanista. A citação que segue é, em sua concisão, como a semente ou núcleo genético de toda uma das direções fundamentais - a referente à unidade dos povos da América Latina - do que seria

¹⁰³ *Ibidem*, p. XVIII.

¹⁰⁴ *Idem*.

¹⁰⁵ *Idem*.

mais tarde o latino-americanismo defendido por Quijano, Ardao e Azúa. Como uma mônada, concentra uma corrente inteira de pensamento. Vale à pena lê-la com atenção:

Cabe levantar, sobre la patria nacional, la patria americana, y acelerar el día en que los niños de hoy, los hombres del futuro, preguntados cuál es el nombre de su patria, no contesten con el nombre de Brasil, ni con el nombre de Chile, ni con el nombre de México, porque contesten con el nombre de América. Toda política internacional americana que no se oriente en dirección a ese porvenir y no se ajuste a la preparación de esa armonía será una política vana o descarriada.¹⁰⁶

Em 1917, em seu último ano de vida, quando era colaborador da revista argentina *Caras y Caretas*, na cidade de Palermo, na Itália, Rodó formulou da seguinte maneira a idéia de latino-americanismo, que era o seu próprio programa espiritual:

Desarrollar en sí mismo el sentimiento de ciudadano de América. Tender por todos los medios a que en la conciencia de los pueblos latinoamericanos arraigue profundamente la idea de nuestra América como una fuerza unificada, como un alma indivisible, como una patria verdadera y única. Todo nuestro futuro consiste en esa meta; todo lo que de alguna manera se oponga a ella o impida su realización total sera un error y engendrará toda clase de desgracias.¹⁰⁷

Ao publicar um artigo de um ensaísta eslavo sobre Rodó e ao traduzi-lo integralmente para o espanhol, com todas as suas referências e citações, inclusive aquelas do próprio Rodó, a direção dos *Cuadernos* fazia muito mais do que uma mera seleção de enfoques, ou seja, construía a sua própria narrativa sobre o pensamento rodoniano e reforçava positivamente aqueles traços que considerava mais consonantes com a sua linha editorial. Apesar de o pensamento identitário rodoniano ter alcançado enorme repercussão em toda a América Latina, houve também espaço para dissensos, como o do escritor brasileiro Manuel de Oliveira Lima, entusiasta do paradigma de desenvolvimento estadunidense, que foi também embaixador em Washington. Ao contrário de Rodó, defendia, pelo menos no que diz respeito ao Brasil, a absorção do modelo de modernidade dos Estados Unidos. A repercussão da querela entre os dois certamente ainda pode ser identificada no campo intelectual latino-americano.¹⁰⁸

O ensaísta literário Roberto Ibañez, estudioso da obra de Rodó, participou dos dois números dos *Cuadernos* dedicados ao autor de *Ariel*. Sobre seu ensaio escrito no número inaugural, discorrerei com mais acuidade na seção em que analisarei a compreensão política

¹⁰⁶ RODÓ, José Enrique. El centenario de Chile. Montevideo, 1960, p. 28 *apud* S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 68.

¹⁰⁷ ZALDUMBIDE, Gonzalo. Cuatro clásicos americanos. Madrid, 1951, p. 120 *apud* S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 71.

¹⁰⁸ SANTOS, F. M. dos. "The battle of the heroes. Political leadership and American identity in Oliveira Lima and José Enrique Rodó". *História*. São Paulo, v. 22, n° 2, pp. 79-98, 2003.

do grupo de *Marcha* acerca da dinâmica do sistema internacional e sua relação com o pensamento identitário rodoniano. Ibañez foi responsável por uma vultosa compilação de textos do escritor uruguaio. No centenário de nascimento de Rodó, foi publicada nos *Cuadernos* uma entrevista com Ibañez que naquela ocasião havia terminado de organizar um volume com mais de quinhentas páginas, cujo conteúdo compreendeu: *Otros Motivos de Proteo e Bosquejos para los Nuevos Motivos de Proteo*. O objetivo da entrevista não foi somente recorrer aspectos desse volume, mas também lançar indagações a respeito de traços da personalidade do escritor que encetou o pensamento latino-americano no século XX. Uma das interrogações feitas a Ibañez é de especial interesse para mim. Refiro-me àquela a respeito da consciência que tinha Rodó acerca do imperialismo dos Estados Unidos. Ao ser questionado sobre essa consciência, assim responde Ibañez, reafirmando o que já havia observado anos antes, em maio de 1967, no número inaugural dos *Cuadernos*:

- Creo que, en Ariel, cuando aún la palabra **imperialismo** no había logrado auge cabal, resalta la milicia de Rodó contra la expansión avasallante de EE.UU. El uruguayo quiso, ante todo, asegurar la custodia consciente del propio carácter o “genio personal” o alma o ser colectivo: como básica fianza de inmunidad frente a la penetración estadounidense. Ese afán de garantizar la independencia espiritual y moral de nuestra América - insisto -, era hito previo para asegurar la independencia económica y política de estos pueblos contra la absorción agresiva o solapada del Norte prepotente.¹⁰⁹ [grifo do autor]

Ao que Ibañez define como “afán de garantizar la independencia espiritual y moral de nuestra América”, S. P. Mamontov, no artigo que encerra o número 50, acrescenta que a compreensão do conceito de antiimperialismo em Rodó deve estar subsumida à interpretação da sua crítica aos Estados Unidos, uma vez que, segundo Mamontov, ele nunca o mencionou diretamente:

Por antimperialismo de Rodó se interpreta, generalmente, su crítica de los Estados Unidos y de aquellas nefastas influencias en el orden cultural que emanan y siguen emanando de este enorme país imperialista; “Ariel” se convirtió en la obra más antimperialista de Rodó. Resulta natural que en aquella época en que el imperialismo, al dar sus primeros pasos, no había podido cristalizarse en sus formas actuales. Rodó no lo nombrara nunca directamente. Pero como eminente intelectual latinoamericano percibió infaliblemente el peligro que se avecinaba.¹¹⁰

Talvez tenha acontecido algum erro de revisão textual, que não foi percebido pela direção dos *Cuadernos*, quando foram publicados no mesmo número dois artigos com informações discordantes, mas prefiro pensar que isto faz parte do próprio carácter do periódico de Montevideú, que não temia entrar em contradição. Não me espantaria saber que

¹⁰⁹ IBAÑEZ, Roberto. “En el primer centenario de Rodó”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 50, junio de 1971, p. 19.

¹¹⁰ S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 70.

o descuido foi proposital. Faço referência à uma citação de Rodó, que Ibañez utiliza para fundamentar suas ponderações sobre a consciência do autor de *Ariel* a respeito do conceito de imperialismo de acordo com a qual, ao contrário do que Mamontov supunha, o escritor uruguaio mencionou “diretamente” o conceito: “Yo también he querido combatir el imperialismo del gran pueblo norteamericano [...]. Defender nuestra idiosincrasia, nuestra personalidad, es defender nuestra independencia.”¹¹¹

Há quem tenha sugerido que as idéias rodonianas foram “monumentalizadas” ao longo do tempo. No primeiro item do capítulo subsequente, procurarei fazer uma breve discussão que possa contribuir com o estudo do processo de repercussão dessas idéias, mas desde já aponto para a relação não excludente entre o pensamento rodoniano e o socialismo, sustentada por Arturo Ardao. Sobre Rodó, o historiador uruguaio das idéias diz: “No fue socialista; pero saludó al naciente socialismo rioplatense, en las personas de los líderes uruguayo y argentino, Emilio Frugoni y Alfredo Palacios, como reacciones idealistas, es decir, como reacciones contra Calibán.”¹¹² Ardao lembra também que Rodó, como legislador, em seu estudo *Del trabajo obrero en el Uruguay*, havia manifestado que “el programa mínimo del Partido Socialista argentino, en el que están comprendidos los tópicos fundamentales de la legislación del trabajo, constituía un ideal aceptable y digno de fijar la atención de los hombres de gobierno.”¹¹³ O influxo do socialismo em Rodó foi, portanto, somente indireto e não se manifestou como aspecto medular de suas reflexões. As bases sociais propícias para a gestação dos postulados socialistas ainda não haviam amadurecido na América Latina do começo do século XX: “Las ideas marxistas y socialistas en tales condiciones aún no encontraban en América Latina una amplia base social y por lo general se mezclaban con el anarquismo; eran interpretadas en forma tergiversada y sin tener en cuenta las condiciones locales.”¹¹⁴ O que me arrisco em afirmar é que Socialismo e Arielismo não são forças que se anulam, não são idéias polarizadas. Creio que não interessa muito circunscrever o marco exato em que surgiram na América Latina as análises marxistas propriamente ditas. Não tem tanta importância fazer uma classificação restritiva. Talvez para os apegados tenazmente à

¹¹¹ LAGO, Julio. Juan María Lago, abogado del 900. Montevideo, 1967, p. 89 *apud* IBAÑEZ, Roberto. *Op. cit.*, pp. 19-20.

¹¹² ARDAO, Arturo. “Del Caliban de Renan al Caliban de Rodó”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 50, junio de 1971, p. 35.

¹¹³ RODÓ, José Enrique. *Obras Completas*, Aguilar, S. A., Madrid, 2ª ed., 1967, pgns. 1003, 1073, 657 *apud* ARDAO, Arturo. *Op. cit.*, p. 35.

¹¹⁴ S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 66.

taxonomia de Lineu essa classificação pudesse ser muito útil. Os *Cuadernos* situaram as idéias do autor de *Ariel* no interior de posições próprias de um intelectual burguês, o que, no meu entender, se penso nas conferências de Sartre no Japão, é quase uma redundância já que, como referiu o filósofo francês, o intelectual é um produto da burguesia.¹¹⁵ Assim, Mamontov evita “monumentalizar” o pensamento do escritor uruguaio; não coloca as idéias de Rodó em um leito de Procusto, para vinculá-las ao marxismo:

No era marxista; pertenecía a su clase y representaba a la sociedad étnica cultural romana; por lo tanto evaluaba y criticaba al imperialismo no desde posiciones proletarias, sino desde las posiciones del intelectual burgués y del representante de la civilización clásica. De modo que la posición de Rodó puede ser calificada de antimperialismo espontáneo ético-moral o antimperialismo cultural del primer período, con un matiz nacionalista.¹¹⁶

Mesmo que Rodó não tenha sido um marxista, creio que o seu pensamento, assim como o de José Martí e o de Rubén Dario, representaram o substrato fértil em que mais tarde foi possível germinar o que Michael Löwy definiu como marxismo latino-americano. Mamontov chama a atenção para a íntima ligação de Rodó com a geração que lhe seguiu, geração munida já de instrumentos de análise de extração marxista:

Como uno de los primeros antimperialistas, con todas las salvedades del caso, Rodó junto con Martí inicia el movimiento antimperialista en la literatura y cultura latinoamericana, que en las luchas sociales del siglo XX, unificó a muchos latinoamericanos eminentes, al margen de sus tendencias y partidos políticos. La literatura antimperialista de todos los géneros es muy rica en Latinoamérica, y en ese aspecto José Enrique Rodó está íntimamente ligado con los representantes de la generación posterior, provista ya de una filosofía marxista de vanguardia y de una experiencia de lucha contra el imperialismo en su etapa más madura: Ponce, Ingenieros, Mariátegui, Contreras y muchos otros.¹¹⁷

Há uma passagem de Mamontov muito curiosa, para não dizer cômica ou insólita por seu aberrante e cândido comprometimento ideológico. Preciso atenuar, porém, a agudeza crítica de minha percepção porque não posso desconsiderar o contexto no qual essa passagem foi escrita, os anos da Guerra Fria. Além disso, há um detalhe que não deve passar despercebido: Mamontov era decano da Faculdade Histórico-Filológica da Universidade Patrice Lumumba de Moscou, e seu ensaio que analiso aqui foi publicado originalmente na seguinte obra coletiva: *Problemy ideologii i natsionalnoi culture stran Latinskoi Ameriki*. Essa publicação esteve ao encargo do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da URSS. O ensaio de Mamontov foi traduzido do russo exclusivamente para os *Cuadernos*

¹¹⁵ SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

¹¹⁶ S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 70.

¹¹⁷ *Idem*.

de Marcha. A avalanche de informações sobre essa obra em que Mamontov participou pode parecer excessiva e até eneguedora, se não for visualizada com detimento. Pois bem, irei diretamente ao ponto, para me fazer mais claro. De acordo com Mamontov:

En el linde de las centurias Rodó hizo objeto de una severa crítica al imperialismo cultural norteamericano. Esta crítica sigue vigente hasta hoy. Fue un luchador incansable por la unidad espiritual de Latinoamérica; con su brillante ensayo “Ariel” y con sus numerosos trabajos sobre los hombres públicos más eminentes de Latinoamérica hizo un aporte muy valioso a la formación de la autoconciencia nacional de los pueblos latinoamericanos en su etapa de transición. Desde las posiciones humanistas intentó trazar el camino que recorrería la América Latina en el siglo XX, pero, como se mantenía al margen de la ideología marxista erró en sus pronósticos.¹¹⁸

Soa muito pretenciosa a sugestão de que, apesar de todas as qualidades positivas de Rodó, os seus prognósticos foram equivocados somente porque ele se manteve distante da ideologia marxista. Ora, seja o marxismo, seja qualquer outra tentativa de explicação da realidade pode e deve ser valorizada por aquilo que é: nada além de uma tentativa de interpretação do mundo no conjunto do conhecimento humano. Nenhum modelo teórico pode presumir o esgotamento da compreensão da realidade, independente de seu alcance. Aqueles paradigmas teóricos que têm essa presunção acabam por se tornar dogmas. Não me cumpre saber se Rodó emitiu opiniões acertadas ou erradas sobre a América Latina porque se o fizesse extrapolaria meus objetivos. Não faço uma valoração do autor de *Ariel*. O que tenciono saber é somente como o pensamento rodoniano tomou forma no tecido textual dos *Cuadernos*. Agora, após ter lido Quijano e conhecido um pouco de suas opiniões sobre diversos temas e também sobre Rodó, posso defender com alguma autoridade a idéia de que suas reservas ao Arielismo, ao Proteísmo e a tudo que diz respeito ao pensamento rodoniano não se devem à ausência do marxismo na cosmovisão de seu conterrâneo. Creio que, apesar de a pretenciosa sugestão de Mamontov ter figurado nos *Cuadernos*, Quijano não a referendaria porque tinha uma concepção de mundo antidogmática, herdada de Vaz Ferreira. Nada, no entanto, pode fazer supor que Quijano, ao discordar de Mamontov, seria irredutível à sua posição nem que o diretor dos *Cuadernos* deitaria fora a criança junto com a água do balde. Vale lembrar que, na sua maturidade, ele abraçou o marxismo com convicção.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 79.

1.2.3 - “Elaboremos nuestro propio vino”

La metafísica es legítima; más que legítima, constituye y constituirá siempre la más elevada forma de la actividad del pensamiento humano, mientras no pretenda tener el aspecto de claridad y precisión de la ciencia.

Carlos Vaz Ferreira

Aproveitarei a deixa para adentrar nas considerações a respeito dos números dos *Cuadernos* dedicados a Vaz Ferreira, e começarei com uma observação que tange exatamente o antidogmatismo do filósofo uruguaio. Em texto produzido com exclusividade para a publicação de Montevideu e traduzido do francês por Arturo Ardao, Alain Guy, filósofo de Toulouse, abre o primeiro número dos *Cuadernos* dedicado a Vaz Ferreira, e, a partida, sublinha a crítica do autor de *Lógica Viva* a todos os sistemas de pensamento enrijecidos:

En el fondo del método de Vaz Ferreira, el espíritu crítico lanza sus miradas vigilantes; el maestro no quiere ser engañado por nada y prefiere confesar que lo Real nos sobrepasa muy a menudo, antes que mal dogmatizar a sabiendas, y desembocar en callejones sin salida o aun en catastrofes.¹¹⁹

Mais adiante, Guy, valendo-se de um comentário de Emilio Oribe sobre Vaz Ferreira, acrescenta que “el filósofo no ha buscado 'enseñar a vacilar', sino a prevenir contra la suficiencia en nosotros mismos.”¹²⁰ O que há de mais significativo na sugestão de Guy é, parece-me, a idéia de que o cerne da filosofia vazferreiriana encontra-se na sua compreensão dialética da realidade, amparada na consciência de que a busca da verdade faz-se dentro de um percurso sinuoso, que é às vezes trágico e dramático porque perpassa a contradição e sofre o apelo do negativo. Antonio M. Grompone, por sua vez, ao mencionar um dos primeiros ensaios sobre psicologia escritos por Vaz Ferreira, publicado em 1895, identifica nas próprias palavras do filósofo uruguaio o critério de verdade que ele defendeu: “La mentira y la verdad no existen en realidad puesto que la posición de nuestro espíritu en la discusión de una cuestión cualquiera, depende únicamente del número de grados que puede avanzar en una contradicción alternativa.”¹²¹

¹¹⁹ GUY, Alain. Un filósofo de todas las horas: Carlos Vaz Ferreira. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 63, julio de 1972, p. 03.

¹²⁰ ORIBE, Emilio. “Prólogo” a los Estudios filosóficos (antología) de C. Vaz Ferreira (B. Aires, Aguilar, 1961, p. 14) *apud* GUY, Alain. *Op. cit.*, p. 05.

¹²¹ FERREIRA, Carlos Vaz. Obras Completas. Homenaje de la Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, Montevideo, 1963, vol II, s/p *apud* GROMPONE, Antonio M. Carlos Vaz Ferreira. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 63, julio de 1972, p. 10.

Parafrazeando o reitor de Montevideu em uma de suas metáforas mais conhecidas, Arturo Andrés Roig involuntariamente revela as interlocuções culturais subterrâneas que se estabelecem ao longo do tempo e do espaço entre os países latino-americanos, interlocuções contrárias à reação provinciana; é possível perceber na paráfrase de Roig traços claros do programa antropofágico brasileiro e do pensamento ao mesmo tempo universalista e telúrico do artista uruguaio Joaquín Torres García: “sea agrio o no el vino que hacen otros, no es el vino nuestro y la tarea que tenemos por delante es la de asumir fermentalmente, con palabra vazferreiriana, toda la cultura de la humanidad, en lo que ella tiene de impulso creador, para crear nuestra propia cultura.”¹²²

Seria um descuido muito grande a publicação de dois números dos *Cuadernos* em homenagem a Vaz Ferreira sem um de seus textos. Não foi o que ocorreu; assim como Rodó, que teve um texto selecionado para fazer parte do número inaugural dos *Cuadernos*, Vaz Ferreira teve um ensaio que escreveu sobre Nietzsche publicado no número 64. Ao considerar esse descuido, é curioso constatar agora que Quijano não publicou um número inteiro apenas com textos de seus conterrâneos, como o fizera com a publicação integral do *Martin Fierro*, o poema épico gaúcho, do argentino José Hernández, no número 65. Não sei a que deveria atribuir a omissão. Talvez somente a um constrangimento jurídico qualquer. Descobrir o motivo seria por ventura proveitoso, mas basta por hora ficar com a hipótese aventada porque no final das contas não se trata de um detalhe emblemático. Creio que importava mais a Quijano o estudo e a interpretação dos dois “maestros” uruguaio do que a difusão de seus textos propriamente ditos. Quando aparecem, portanto, têm um sentido ilustrativo. O foco sempre está na análise desses textos. Aliás, a natureza dos *Cuadernos* é mesmo analítica. Retorno tempestivamente ao Nietzsche visitado por Vaz Ferreira e pergunto: o que o filósofo das marretadas, o caminhante solitário de Turim faz na publicação de Montevideu? Em meio a um crisol de textos, por que exatamente foi selecionado o ensaio sobre o inquieto filósofo alemão, se a referência ao seu nome é praticamente irrisória ao longo dos 78 números dos *Cuadernos*? Suponho que uma efeméride para celebrar a obra de Nietzsche seria um pouco dissonante em meio ao cantochão antiimperialista, nacionalista e latino-americanista entoado pelo programa de *Marcha*. Assim, causa um certo estranhamento encontrar justamente esse ensaio de Vaz Ferreira no militante periódico uruguaio. O que se poderia esperar daí? Certamente não um texto embebido em apologias. Tampouco um libelo achincalhador. O quê,

¹²² ROIG, Arturo Andrés. “Elaboremos nuestro propio vino”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 63, julio de 1972, p. 08.

então? Uma reflexão muito ponderada atenta em separar os aspectos positivos dos negativos. Vaz Ferreira propõe-se selecionar as melhores castas de idéias do filósofo alemão, para absorver aquilo que presume ser capaz de fermentar o pensamento:

[...] lo que se conoce generalmente como filosofía de Nietzsche, vale, en rigor, muy poco como verdad, como originalidad, como coherencia, y también en cuanto a valor moral; en cambio, la parte no sistematizada contiene riqueza y fecundidad casi incomparables. Y como lo resumible, y lo que se expone, se cita y se discute es lo sistematizado, se han seguido de aquí para el mismo pensador - y en general para el pensamiento y para la acción contemporáneos, por él tan influidos - errores y males.¹²³

Pode-se inferir que Vaz Ferreira pretendeu ressaltar em Nietzsche aqueles traços que considerou originais e ricos em valor moral. Teria sido ele um moralista? Acredito que sim. Como Rodó, foi um formador de gerações, um educador. Seu moralismo, contudo, não tem nada a ver com a verborragia edificante do púlpito; não é normatizador ou prepotente, mas libertário. É, em uma palavra, deontico. Segundo ele, o filósofo das marretadas pertence àquela categoria comum de autores muito citados e pouco lidos, e, quando lidos, mal lidos. “¿Como se debe leer a Nietzsche? ¿cuál es el mejor uso de Nietzsche? y ¿cuál es el mejor Nietzsche?”, pergunta Vaz Ferreira. Sua resposta é mais uma vez direcionada ao abandono do que em Nietzsche é sistematizado: “Lo que quiero decir y lo que procuraré probar es que la mejor actitud hacia Nietzsche es dejar de lado en él lo sistematizado, esto es, las que corren como ideas de Nietzsche y estudiar y aprovechar el resto: la levadura para pensar.”¹²⁴ Mas, a propósito, que levadura é essa? É, segundo Vaz Ferreira, a forma como ele “veía tan completamente, tan profundamente, tan genialmente **lo no** de todo (...)”¹²⁵ [grifo do autor] Mas, apegado à dialética, o reitor de Montevidéu encontra na força de Nietzsche o desespero sísifico de uma perseguição ensandecida da verdade, que o conduziu infalivelmente ao abatimento e à destruição de si mesmo porque, ao se prender na negação, ele “se ilusionaba con lo contrario de lo que estaba examinando directamente, aunque eso otro no fuera más cierto ni mejor. Hasta creo yo que fue la explicación patológica casi fatal.”¹²⁶ Aí está a sedenta e vertiginosa busca da verdade que levou Nietzsche à loucura. A fragilidade dele é a sua queda abissal no negativismo, que não lhe permitiu ver a face oposta daquilo que sondava nas crateras da condição humana. E isso pode ser percebido também no comentário do

¹²³ FERREIRA, Carlos Vaz. “Nietzsche”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 64, agosto de 1972, p. 44.

¹²⁴ *Idem*.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 64.

¹²⁶ *Idem*.

filósofo uruguaio sobre o *Zaratustra*: “Lo que nos da esa obra es, repito, la sensación genial de lo negativo, inferior, imperfecto o dudoso de todo: el arte, la ciencia, la moral, pero hay que tener en cuenta que con ese fondo es como se traza la acción desde luego, y aun como se piensa y se siente en la vida real.”¹²⁷

O pensamento de Rodó e de Vaz Ferreira está na endoderme do projeto intelectual de *Marcha* e de seus *Cuadernos*, adentra seus poros, fertiliza a formação de seu conceito de história e ajuda a plasmar a sua concepção de mundo. Penso que mais do que reproduzir ou multiplicar o conhecimento da obra desses dois autores, mais do que difundir-los, os *Cuadernos* que lhes foram dedicados procuraram acima de tudo atualizar o pensamento de cada um deles, buscaram torná-los vigentes para o tempo histórico em que *Marcha* travava seus combates, tencionaram, poderia dizer, territorializá-los novamente e com novo vigor, mas desta vez na convulsionada América Latina dos anos 60 e 70.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 59.

Capítulo 2: PENSAMIENTO RODONIANO NOS *CUADERNOS DE MARCHA* E CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONJUNTURA BRASILEIRA

2.1 Política internacional e ideologia nos *Cuadernos de Marcha*

Un hecho pasado puede continuar desenvolviéndose y transfigurarse en la conciencia.

José Enrique Rodó

Os posicionamentos políticos estão sempre imantados por um campo de idéias que os condicionam. Esse campo de idéias, instalado no interior de um núcleo semântico e conceitual, dá sustentação a todos os tipos de manifestação política: dos panfletos incendiários aos grandes movimentos de governos e empresas no cenário internacional.

Investigar os marcos ideológicos que informam e cruzam os artigos publicados no primeiro número dos *Cuadernos de Marcha*, de maio de 1967, dedicado ao escritor José Enrique Rodó, e a repercussão do pensamento rodoniano na compreensão política do “grupo de *Marcha*” acerca da dinâmica do sistema internacional é uma premissa para interpretar alguns conceitos afirmados com insistência na linha editorial de *Marcha* e entalhados na sua prédica, conceitos como o nacionalismo e o imperialismo. Como se verá, o nacionalismo propalado pelo projeto político de *Marcha* e, por conseguinte, irradiado nas análises dos *Cuadernos*, não tem nada a ver com o nacionalismo clássico ou conservador, como o definiu Carlos Real de Azúa, conceito obturado e enervado, instrumento ideológico de coesão social que nega a luta de classes. O nacionalismo de *Marcha* é revolucionário, ou seja, extrapola as fronteiras dos Estados nacionais para encontrar na “comunhão de destino” histórica e cultural latino-americana, a *Patria Grande*, teorizada no começo do século XX por Manuel Ugarte, o único projeto capaz de promover a união dos povos da América Latina e fortalecer a sua soberania. Para Quijano, o nacionalismo revolucionário é essencialmente antiimperialista:

Es el juego dialéctico de la vida y de la historia. Quisimos ser un país y nos esforzamos por serlo. A través de muchos años de callados y aun sangrientos sacrificios defendimos nuestras débiles fronteras. Ahora en tiempo de integraciones sin dejar de ser patria, la patria chica, debemos hacer con todos los otros, aquellos que dentro del continente afrontan el mismo desafío otra patria, la patria grande, fruto y prolongación de la revolución emancipadora, frustrada por la codicia ajena, la balcanización y la traición y miopía de las oligarquías nativas.¹²⁸

¹²⁸ QUIJANO, Carlos. Morir oriental. Publicado originalmente em *Marcha*, 9 de fevereiro de 1968. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 258.

A publicação de um número monográfico especialmente dedicado a Rodó menos do que acidental é sintomática. A retomada das teses de Rodó pelos articulistas de *Marcha*, em plena década de 60, não é de forma alguma uma operação nem singela nem fortuita. Trazer à superfície os “imperativos categóricos” que o ciclo de *Proteu* rodoniano traduz e retomar o anti-utilitarismo e a aversão à “nordomania”, postulados encarnados nas teses defendidas em *Ariel*, implica sérios desdobramentos políticos. Delinear o traçado lógico que assinala a ligação entre essas teses e os enunciados dos articulistas de *Marcha* sobre a política internacional na segunda metade da década de 60 é um pressuposto para se entender as linhas de força que tencionam as idéias desses articulistas a respeito da realidade política em suas múltiplas dimensões.

Fundamentado nos pressupostos teóricos de Judith Goldstein e Robert O. Keohane¹²⁹, frutos de uma compreensão epistemológica própria das ciências sociais, e amparado no estudo da historiadora Cláudia Wasserman¹³⁰ a respeito do processo de repercussão do pensamento identitário rodoniano e martiniano na América Latina, tenho, em termos sistemáticos, dois objetivos: em primeiro lugar, estudar a revisão das idéias rodonianas empreendida pelos articulistas dos *Cuadernos* e a irradiação dessas idéias no campo semântico do periódico de Montevidéu. Em segundo lugar, examinar a manifestação do pensamento rodoniano, devidamente interpretado, nas análises dos articulistas e colaboradores dos *Cuadernos* acerca da política internacional. O estudo de Wasserman sobre o percurso intelectual e historiográfico da questão nacional e identitária na América Latina procurou perscrutar as condições de produção do pensamento identitário, a narrativa histórica dos seus atores e a “monumentalização” de suas prédicas, transformadas na própria História, na medida em que, ao longo do tempo, estiveram sujeitas a usos e abusos. Wasserman procurou examinar os efeitos que essas prédicas exerceram no discurso e na prática política. De acordo com a historiadora:

A utilização posterior das idéias “arielistas” e martinianas deram margem a interpretações e outros usos das obras; foram monumentalizadas, passaram à história, como aquelas que iniciaram a discussão antiimperialista no subcontinente e que introduziram as noções de um ideal de identidade latino-americana, aqueles que introduziram o debate sobre as relações interamericanas.¹³¹

¹²⁹ *Passim*. GOLDSTEIN, Robert & KEOHANE, Judith. *Ideas and foreign policy. Beliefs, institutions and political changes*. New York: Cornell University Press, 1993.

¹³⁰ *Passim* WASSERMAN, Cláudia. “Percurso intelectual latino-americano: Nuestra América de José Martí, e Ariel de José Enrique Rodó - as condições de produção e o processo de repercussão”. In: *Intellèctus* (UERJ), v. I, 2006.

É claro que essa hipótese não pode ser desconsiderada. Não há como refutar a constatação de que houve distorções que muitas vezes esvaziaram o sentido do pensamento de Martí e de Rodó para enquadrar suas idéias em sistemas ideológicos muitas vezes díspares. Mais do que apontar para os “usos do passado” interessa-me, porém, entender como se produziu a absorção do pensamento identitário rodoniano pelo projeto político dos *Cuadernos*. Pretendo defender a hipótese de que as análises presentes tanto em *Marcha* como nos seus *Cuadernos* não somente “monumentalizaram” as idéias rodonianas, mas também, e penso que é o que mais importa destacar, trataram de situá-las em seu contexto e questioná-las, indicando seus limites e vulnerabilidades. Inscritas sempre no tempo histórico, essas análises do grupo de *Marcha* acerca do pensamento de Rodó penderam para todos os lados; estiveram ora inclinadas à adulação, ora à crítica contestadora. O fiel da balança, porém, foi o objetivo de resignificá-las no quadro amplo da realidade latino-americana e defender a sua vigência.

Seguindo a linha de raciocínio que propus acima, devo começar pelo estudo do número 1 dos *Cuadernos de Marcha*. Ele apresenta, em seu sumário, uma relação de seis artigos assim discriminados: *El ciclo de Proteo*, de Roberto Ibañez; *Otros Motivos de Proteo*, de José Enrique Rodó; *Rodó y Nuestra América*, de Leopoldo Zea; *La idea de tiempo en Rodó*, de Arturo Ardao; *El problema de la valoración de Rodó*, de Carlos Real de Azúa; e ainda *El maestro de la juventud de América*, de Eugenio Petit Muñoz. Em seu conjunto, esses artigos estudam com profundidade os principais temas presentes no pensamento rodoniano.

No primeiro artigo, *El ciclo de Proteo*, o poeta Roberto Ibañez debruça-se sobre o conjunto da obra literária de Rodó e sobre seus ensaios de natureza antropológica e sociológica. Ibañez, ao comentar três textos que antecederam a publicação, em 1909, de *Motivos de Proteo*, quais sejam: *Vida Nuova*, de 1897; *Ruben Dario*, de 1899; e *Ariel*, de 1900; chama atenção para a anúncia dos temas característicos da obra do escritor uruguaio:

[...] el destino moral de una generación, el deber de la milicia intelectual y la visión de América como “una sola patria” (así en *Ariel*) o a la decidida afiliación a la psicología de profundidades, con la creencia en “la multiplicidad del alma”, la teoría de “los personajes interiores” y el advenimiento de Glauco (así en *Proteo*), sin hablar del “sentimiento de la personalidad”, móvil primero y última clave en el mensaje total de Rodó.¹³²

¹³¹ *Ibidem*, p. 14.

¹³² IBAÑEZ, Roberto. “El ciclo de Proteo”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, p. 09.

Depois de fazer esses breves apontamentos, Ibañez desenvolve com acuidade sua análise da obra rodoniana, e, ao refiná-la, faz referências a conceitos extraídos dos textos do escritor uruguaio, para mais uma vez voltar a apresentá-los sob a primazia do paradigma da autonomia e da autodeterminação, não sem deixar escapar a oportunidade de lançar uma crítica a interpretações confusas do pensamento rodoniano, interpretações com vieses essencialmente culturalistas:

Si en una fase de su prédica – la de *Proteo* – “propone un utópico y acrónico paradigma salvador” - según el decir de Gaos - en ese paradigma vibra y se insinúa, como el viento en el dibujo de las ondas, la circunstancia hispanoamericana. Pero en la otra fase tal circunstancia (tanto en *Ariel* como en *El Mirador de Prospero*) es obvio y directo objeto del mensaje, resuelto en un designio: la promoción del carácter de nuestros pueblos, etapa primera, no exclusiva, de su destino soberano: porque éstos, sólo conquistando su propia personalidad e independencia moral y espiritual - y ése es el propósito explícito - podrán conquistar - y ésa es la virtualidad implícita - lo que precipitados comentadores no vieron ni entendieron: la plena independencia política, social y económica. Sólo se habilitan para la libertad quienes, alma adentro, llegan a conocerse y definirse.¹³³

No artigo *Rodó y Nuestra América*, o filósofo mexicano Leopoldo Zea reporta-se à guerra hispano-americana, de 1898, para mostrar o pano de fundo histórico no qual o ensaio *Ariel* emergiu. Seu comentário, inserido em um texto que se propõe discutir as teses de Rodó em sua obra dirigida à juventude da América Latina, possui, apesar das limitações decorrentes da inclinação exaltadora, a qualidade de sintetizar com precisão as forças históricas que influenciaram a escritura desse ensaio. Zea aponta para o ocaso da Espanha e para o surgimento de uma nova potência na região:

España, la España combatida por los próceres de la libertad latinoamericana y sus pueblos, ha sido nuevamente expulsada por el ansia de libertad de otro pueblo de las Antillas; pero para caer, de inmediato, en otra nueva sujeción. Simplemente, la poderosa nación sajona en América, los Estados Unidos, ocupan el “vacío de poder” que deja España. “Un vacío” que la poderosa nación considera necesario llenar para la realización de su destino en el continente y el mundo. Latinoamérica, pese a su ya vieja pugna con la madre patria, no puede menos que ver con pena y desconfianza la aparición de un nuevo poder en América.¹³⁴

Zea tampouco faz questão de encobrir sua admiração por Rodó e pela mensagem que o seu célebre ensaio libertário expressa com tanto fervor, empregando palavras fortes e carregadas de sentimento reverente:

El sueño; pero el sueño con posibilidades de realización, encarna en la gran figura creada por Rodó, precisamente en 1900, en el mismo principio del siglo de la esperanza: *Ariel*. El espíritu y su idealismo; el espíritu e idealismo propio del hombre de esta América. No más ideales educativos que lejos de formarnos nos deforman. No más imitaciones de un mundo que es ajeno con descuido de lo que nos

¹³³ *Ibidem*, p. 18.

¹³⁴ ZEA, Leopoldo. “Rodó y Nuestra América”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, p. 59.

es propio. El mundo del poderoso Calibán no es el de *Ariel*. Rodó se opone a “la América deslatinizada”, a la América ajena a su destino, el destino que, de una manera u otra le ha marcado su propia e ineludible historia. Esta contra la “nordomanía”, que malgasta esfuerzos en inútil empeño por ser lo que no debemos ni podemos ser.¹³⁵

Em um texto muito mais objetivo, *El problema de la valoración de Rodó*, Carlos Real de Azúa procura desvelar as parcialidades e os comprometimentos ideológicos do escritor uruguaio, apresentando diferentes correntes críticas ao seu pensamento. Conforme Azúa, despontam no horizonte dessas críticas o ataque ao eurocentrismo desenfreado que se deprende dos postulados arielistas: “El americanismo telúrico no pudo dejar de ver en todo el arielismo un subproducto europeizante y urbano, esencialmente intelectualista e irrevocablemente marginal a toda inflexión profunda, radical, auténtica de un mundo en busca de sus formas y expresión idóneas.”¹³⁶ Azúa não interrompe aí o inventário do enfrentamento acérrimo contra as idéias de Rodó:

Entre los ingredientes de Rodó, su clasicismo, su desinterés, su énfasis en la contemplación, su hostilidad a “lo vulgar”, su intelectualismo fueron muy cuestionados y varias discordias en torno a los célebres pasajes sobre los Estados Unidos y a lo contraproducente de la lección de Próspero se filian en esta orientación.¹³⁷

Embora Azúa compartilhe, como parece deixar transparecer, muitas dessas críticas a Rodó, não se restringe a trazer a lume somente as ressalvas ao escritor platino. Preocupa-se igualmente em mapear resignificações que lhe são mais positivas:

La partitura antiestadunidense de *Ariel* sigue inspirando devociones pese a su sustancial arcaísmo y a lo peligroso que resulta ver tan borrosamente a nuestro adversario. Más respetables son los esfuerzos por apoyar una “tradición Rodó” la busca de un sustrato tradicional y clásico para nuestra cultura. Ciertos momentos del mejor D’Ors, la actitud de Torres García, la efusiva acción de Esther de Cáceres tienen relación con ella.¹³⁸

Devo agora me reportar ao último artigo do número inaugural dos *Cuadernos de Marcha*, para constatar que, em oposição a todas as reservas de Azúa, o que mais ressona das prédicas rodonianas no projeto político do grupo de *Marcha* é inelutavelmente a posição refratária frente às pretensões norte-americanas na América Latina. Não é preciso um levantamento estatístico para se notar que sem dúvida esse é o ponto mais recorrente ao longo

¹³⁵ *Ibidem*, p. 60.

¹³⁶ AZÚA, Carlos Real de. “El problema de la valoración de Rodó”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, p. 77.

¹³⁷ *Idem*.

¹³⁸ *Idem*.

de todo o número. Eugenio Petit Muñoz, no artigo *El maestro de la juventud de América*, assume a mesma atitude reverente de Leopoldo Zea. Garimpendo um texto de 1915, publicado no editorial de *El Telégrafo*, a cuja redação Rodó estava vinculado, ilustra emblematicamente o repúdio histórico dos colaboradores do periódico de Montevideu à política externa dos Estados Unidos. Não é à toa que Arturo Ardao vê em Carlos Quijano um sucessor direto de Rodó. Com o título *Cuestiones internacionales. ¿Intervención en México?*, o texto de Rodó não é parcimonioso ao denunciar a interferência norte-americana nos assuntos domésticos dos países latino-americanos. Diz, entre outras coisas:

La política internacional de los Estados Unidos del Norte tiene antecedentes conocidos, en cuanto a su ingerencia en las cuestiones domésticas de los pueblos de este Continente. El propósito de intervención que ahora se insinúa, resultaría en cualquier caso lógico y consecuente con esa orientación histórica de la política norteamericana, pero para los demás pueblos del Nuevo Mundo - consultados con oficiosidad - se presenta la ocasión de resolver si los toca cooperar, directa o indirectamente, al desenvolvimiento de una norma internacional que tienda a establecer, en América, algo como una tutela protectora y filantrópica de los fuertes y ordenados sobre los débiles y revoltosos.¹³⁹

Dando continuidade à linha de argumentação que propus, devo, antes de partir para a análise da repercussão do pensamento identitário na conformação do campo semântico dos *Cuadernos*, sublinhar a irradiação dos problemas latino-americanos que marcaram o contexto da produção literária e ensaística de Rodó na conjuntura política da década de 60. Para tanto, é oportuno fazer uma exposição sucinta dos principais processos e acontecimentos que sacudiram a vida política latino-americana em uma linha que parte do começo do século XX, momento em que foi publicado o ensaio de Rodó, e termina na década de 60, conjuntura na qual os *Cuadernos de Marcha* estavam imersos.

O pensamento latino-americano iniciou o século XX com o *Ariel*, de Rodó, publicado em 1900. Inspirado no seráfico personagem de *A Tempestade*, a peça escrita por Shakespeare, o *Ariel* rodoniano exprime o desinteresse moral nobre e altaneiro, a majestade poética, o sopro absoluto e enlevado das artes. Poucos anos antes, em 1891, o poeta cubano José Martí havia escrito *Nuestra América*. De acordo com Wasserman: “Os textos de Martí e Rodó foram lidos em toda a América Latina. Sua repercussão atingiu políticos, intelectuais, jornalistas, poetas e, sobretudo, estudantes universitários que passaram a lutar contra as cátedras positivistas das Universidades latino-americanas.”¹⁴⁰ Como jovem estudante de Direito na Udelar, Carlos Quijano fundou, em julho de 1919, ao lado de Agustín Ruano Fournier, Adolfo Coppetti,

¹³⁹ MUÑOZ, Eugenio Petit. “El maestro de la juventud de América”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, p. 92.

¹⁴⁰ WASSERMAN, Cláudia. *Op. cit.*, p. 13.

Eugenio Foulquet, Arturo Lerena Acevedo, Luis Piñeiro Chain e Justino Zavala Muniz, a revista *Ariel*, que, com seus 41 números, editados até junho de 1931, já prenuncia a milícia latino-americanista do diretor dos *Cuadernos*. Tanto essa revista, quanto o centro estudantil que a publicou, o centro Ariel, já evidenciam a influência incisiva do texto de Rodó na formação intelectual da geração de Quijano. Rodó e Martí, como lembra Wasserman, são "dois autores que entre o final do século XIX e início do século XX tiveram grande repercussão em toda a América Latina e Caribe, influenciando para a construção de uma reflexão original, antiimperialista, antiutilitarista e genuinamente latino-americana."¹⁴¹ Quijano, o diretor dos *Cuadernos*, formado pelo idealismo arielista, participou com protagonismo dessa construção.

O ensaio de Rodó manifestou uma mudança: rompeu com a filosofia de fim-de-século, que caricaturizou, e sustentou uma nova opção. No nível das sensibilidades, foi um manifesto antiutilitarista que apontou para a cultura e para o sentimento e no mesmo movimento combateu o “canibalismo” positivista estadunidense. Foi claramente um chamado à juventude para que ela se transformasse em protagonista de uma cruzada que superasse o afã positivista. O que define com maior força seu projeto é, conforme Devés Valdés, a “formulación de un modelo identitário de reivindicaciones, defensa e incluso exaltación de la manera própria de ser, la latina, por valores, idiosincrasia, cultura y etnia”¹⁴² diversa da defendida pela geração finisecular, que se definia pela “nordomania”, identificando-se com um modelo estranho. Wasserman, porém, considera inadequada a inferência de uma exaltação da maneira de ser, “la latina”, nos escritos de Rodó:

Há um certo exagero em atribuir a José Enrique Rodó a construção de um pensamento que exaltasse a maneira de ser, “*la latina*”, quando na verdade, sua perspectiva era muito mais voltada para a valorização do europeu em contraposição ao modo de ser utilitarista do povo norte-americano.¹⁴³

Penso que essa exaltação para a qual Wasserman chama a atenção está muito mais presente, com certa ênfase, aliás, em um texto produzido mais tarde, já no final do primeiro quartel do século, em 1925: refiro-me ao ensaio *La Raza Cósmica*, de José Vasconcelos.¹⁴⁴

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 02.

¹⁴² DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Op. cit.*, p. 29.

¹⁴³ WASSERMAN, Cláudia. *Op. cit.*, p. 14.

¹⁴⁴ Na batalha espiritual que se travará entre latinos e anglo-saxões pela posse do Novo Mundo "somente a parte ibérica do continente dispõe de fatores espirituais, a raça e o território que são necessários para a grande empresa de iniciar a era universal da humanidade" [...] somente ela contará "antes do que qualquer outra parte do globo"

No mesmo ano, em Paris, ao lado de Asturias, de Quijano, de Haya de la Torre e de outros intelectuais, Vasconcelos foi co-fundador da AGELA (Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos). Vale a pena lembrar aqui que Rodó se inseriu em uma corrente de pensamento identitária latino-americana: “El pensamiento latinoamericano durante las primeras décadas del siglo XX corresponde a un ciclo identitario.”¹⁴⁵ Martí, Rodó e Vasconcelos formam a insigne tríade dessa corrente.

O pensamento do ensaísta uruguaio está eivado de espiritualismo. Como “pregador laico”, Rodó lutou contra o utilitarismo e nutriu reservas à certa forma de democracia. Quem sintetiza e condensa tudo isso é Ariel: seráfico, diáfano e apolíneo, representa a graça e a beleza, a exaltação do sentimento, o triunfo enternecido do espírito. Expressa o embate entre as forças do espírito contra as potências “deletérias” do maquinismo liberadas pela sociedade industrial, encarnadas na figura de Caliban.

A célebre trindade do pensamento identitário latino-americano, Martí, Rodó e Vasconcelos está situada em um contexto de grandes transformações nas sociedades da América Latina, impulsionadas ora por “revoluções passivas”, ora por grandes comoções político-sociais. Octavio Ianni destacou os efeitos da guerra hispano-americana, de 1898, sobre o ensaísta uruguaio:

Cabe observar ainda que Rodó escreveu Ariel na época em que a guerra hispano-americana de 1898 surpreendeu muitos latino-americanos. Em lugar da independência que almejavam, Porto Rico e Cuba foram submetidos pelo governo dos Estados Unidos. Neste momento, uma parte do pensamento latino-americano colocou-se não só contra o intervencionismo dos Estados Unidos, mas contra o modelo norte-americano de modernização.¹⁴⁶

Novos donatários da Louisiana, com o *Louisiana Purchase*, de 1803, no qual Napoleão lhes cedeu pela bagatela de 60 milhões de francos uma área de 2.140.000 km² e usurpadores de um quinhão de 1.300.000 km² do território mexicano, com o Tratado de Guadalupe-Hidalgo, de 1847, os Estados Unidos, vindos de um acelerado processo de organização institucional e de crescimento econômico, anunciam sua erupção como potência mundial ao derrotarem a Espanha decadente no final do século XIX. Para a Espanha abatida, restava a nostalgia do Século de Ouro e o refúgio no culto de seus ídolos, como o Quixote e o Cid campeador. Apenas a fuga no mito poderia contrabalançar um destino histórico

com "uma raça feita com os tesouros de todas as anteriores, a raça final, a raça cósmica." In: VASCONCELOS, Jose. *La Raza Cósmica*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1979, p. 80.

¹⁴⁵ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Op. cit.*, p. 25.

¹⁴⁶ IANNI, Octavio *apud* WASSERMAN, Cláudia. *Op. cit.*, p. 07.

crepuscular. Para os Estados Unidos, o espólio de guerra foi a hegemonia no seu espaço vital. Para a América Latina, foi o ocaso de uma era e o princípio de outra. Tanto Martí como Rodó sentiram a anunciação dos novos tempos. Este desde um Uruguai agrário e pecuarista em plena sanha modernizadora alavancada por Jorge Batlle y Ordoñez. Aquele desde os lampejos e os rumores da guerra. Para Vasconcelos, o influxo derivou da implosão da autocracia porfirista e da explosão da Revolução Mexicana, em 1910, e de suas vicissitudes e evoluções, que a conduziram para um acordo entre as forças radicais e os liberais, expresso na Constituição de 1917. Entrementes, Cuba tornava-se o último país da América Latina a conquistar sua independência, constrangida pela Emenda Platt, que outorgava aos Estados Unidos o direito de intervenção na ilha. Na América Central e nas Antilhas, os tentáculos do corolário Roosevelt, coonestador da Doutrina Monroe, lançaram-se, com meios militares, para projetar o poder político e econômico estadunidense na sua zona de influência. Surgido como resultado da reação de Roosevelt ao bloqueio dos portos da Venezuela em 1902 pelas forças navais da Inglaterra, da Alemanha e da Itália depois de o mandatário venezuelano, Cipriano Castro, ter declarado a moratória da dívida externa, o corolário tinha como principal objetivo rechaçar a ingerência européia na América Latina. A Doutrina Drago, concebida pelo Ministro das Relações Exteriores argentino Luís Maria Drago, e proposta pelo chanceler no Congresso Pan-americano de 1906, também surgiu na esteira do *default* venezuelano. Assim como a Doutrina Calvo que lhe antecedeu, idealizada pelo jurista argentino Carlos Calvo, tinha como princípio basilar o repúdio da coação militar entre as nações como meio de impingir o pagamento de dívidas.¹⁴⁷ Vale lembrar o episódio de 1927, em que o presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge, na sua mensagem ao Congresso, explicava que a intervenção americana era necessária na Nicarágua porque “atualmente temos grandes investimentos nas serrarias, nas minas, nas plantações de café e nos bananais.”¹⁴⁸ Esse episódio tem especial importância aqui, pois despertou o interesse de Quijano pela reflexão sobre a realidade nicaragüense, da qual surgiu o livro *Nicaragua: un ensayo sobre el imperialismo*, de 1928, que “anunció lo que ha de ser tema constante de su preocupación de

¹⁴⁷ ACCIOLY, Hildebrando. *Manual de Direito Internacional Público*. São Paulo: Saraiva, 11ª ed., 1980, pp. 48-49.

¹⁴⁸ GALVÃO JR, João C. Ordem e desordem nas intervenções norte-americanas em seus quintais. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.nplyriana.adv.br/link_geral2.php?item=historiacriminal4&titulo=Ordem+e+Desordem+nas+Interven+%E7%F5es+Norte-americanas+em+seus+Quintais. Arquivo consultado em 09 de julho de 2008.

americano.”¹⁴⁹ Outro evento emblemático do intervencionismo estadunidense na região foi a derrubada do presidente guatemalteco Jacobo Arbenz, em 1954. Eleito em 1950 com o apoio dos comunistas, Arbenz havia nacionalizado as terras da poderosa multinacional United Fruit. Para depô-lo, o Serviço Secreto dos Estados Unidos articulou o golpe do general Carlos Castillo Armas.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a tensão bipolar do sistema da Guerra Fria tornou imperativa a adesão de todos os Estados soberanos a um dos lados da balança de poder. A circunstância geográfica, política e cultural deixou as nações latino-americanas premidas pela influência dos Estados Unidos. É verdade que alternativas haviam sido colocadas. Em 1955, realizou-se a Conferência de Bandung na Indonésia, quando os governantes dos países recém-descolonizados reuniram-se para definir uma posição comum diante da bipolarização engendrada pela Guerra Fria. A política adotada foi de não-alinhamento, proposta por Nehru, criando-se um bloco que pretendia a autodeterminação, um grupo de nações cuja linha de ação em política internacional tencionava não gravitar ao redor das duas potências da época: EUA e URSS. O movimento dos não-alinhados reuniu vinte e nove países da África e da Ásia. O meio intelectual latino-americano não deixou de perceber o alcance político da Conferência de Bandung. Carmen de Sierra aponta para o modo como a defesa de uma posição independente se traduziu no periodismo político do subcontinente:

Surgirá así, tanto en *Cuadernos Americanos* como en *Marcha* desde el fin de la guerra y comienzo de la Guerra Fría lo que se ha llamado 'Tercera Posición', que según plantea Arturo Ardao en el semanario, es una actitud específica frente a la política internacional, para evitar una nueva conflagración mundial; pero también para preservar las autonomías regionales y nacionales en un mundo armamentista y peligrosamente agresivo.¹⁵⁰

Ainda que tenham havido esforços para a criação de um movimento de países não-alinhados, a América Latina alinhou-se aos Estados Unidos. O Brasil foi o primeiro país da região a declarar sua aliança, movimento que foi seguido pelos outros países no momento em que foi lançada, por Kennedy, a Aliança para o Progresso, na reunião de cúpula de Punta del Este, em 1962. A Aliança foi um projeto contra-revolucionário, pois Kennedy estava atento à eclosão das forças nacionalistas no subcontinente. Pretensamente de teor wilsoniano, foi um instrumento político usado para impedir a influência de Cuba na América Latina. A Revolução Cubana, em 1959, foi a manifestação mais contundente de autodeterminação que

¹⁴⁹ AZÚA, Carlos Real. *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo II. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Universidad de la República, Uruguay, 1964, pp. 319-328.

¹⁵⁰ SIERRA, Carmen de. *Marcha en el contexto político-económico internacional del siglo XX*. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Op. cit.*, p. 54.

houve nessa conjuntura. Sua repercussão foi forte nos meios intelectuais da América Latina. Em 1961, o aumento da tensão provocada pela insatisfação dos exilados cubanos e pelo desagrado do governo dos Estados Unidos com as medidas adotadas pelo governo de Castro logo depois de Revolução, como a reforma agrária e a nacionalização de empresas estadunidenses, provocou o ímpeto intervencionista, e, com tropas aliciadas entre os contrarrevolucionários cubanos, Kennedy, que havia acolhido a idéia de seu antecessor, Eisenhower, tentou em vão tomar a ilha. Mesmo sem o respaldo da América Latina, Cuba rebelou a intervenção anticastrista na praia de Girón, mas o isolamento político teria que infalivelmente conduzir a Ilha a uma estreita ligação com a União Soviética. Premido pela circunstância, Castro abandonou a atitude reticente que mantivera até o momento em identificar o movimento revolucionário com qualquer um dos lados da balança de poder, e declarou o caráter marxista-leninista da Revolução Cubana. Em 1962, Kennedy voltou a assediar a Ilha, bloqueando-a por mar. Sob o argumento de que a União Soviética havia instalado mísseis nucleares em território cubano, o exército dos Estados Unidos ameaçou uma invasão. A “Crise dos Mísseis”, como ficou conhecido o conflito, foi resolvida por meio de um acordo entre as duas superpotências. Os soviéticos concordaram em retirar seus mísseis sob a condição de que os estadunidenses renunciassem à pretensão de intervir em Cuba. Fracassada a via militar, ainda em 1962, os Estados Unidos partiram para a estratégia de isolar o governo de Fidel Castro. Nesse ano, Cuba foi expulsa da OEA (Organização dos Estados Americanos). Convém assinalar que a OEA, desde sua fundação, pela Carta de Bogotá, em 1948, teve suas decisões enviesadas pela vontade dos Estados Unidos, a ponto de a entidade ser reconhecida no continente em diversas ocasiões como um braço da política externa de Washington na região. Nessa conjuntura deve-se inscrever também a fundação, em 18 de fevereiro de 1960, pelo Tratado de Montevidéu, da ALALC. Inspirada no Tratado de Roma, de 1957, que instituiu a criação da CEE (Comunidade Econômica Européia), a ALALC surgiu com o objetivo de intensificar as relações comerciais dos países latino-americanos. Devido à dissonância macroeconômica e a abissais assimetrias estruturais entre os Estados membros, a ALALC teve seus objetivos frustrados. Foi, contudo, o primeiro embrião de um projeto de integração econômica da América Latina. Nos moldes em que foi criada, a ALALC desagradava a Carlos Quijano: “El pacto social - a que aludía Bolívar - que debe formar en este mundo una nación de Repúblicas, ha sido sustituido por tratados que hablan de aranceles.”¹⁵¹ Mais do que um simples tratado de livre comércio ou até mesmo

¹⁵¹ QUIJANO, Carlos. Una nación de repúblicas - El SELA, punto de partida.. Publicado originalmente em

etapas posteriores do processo de integração, como a união aduaneira e o mercado comum, defendia a coordenação política:

La integración tal como aquí la hemos encarado hasta ahora y de modo especial en el caso de ALALC, es un proceso económico. Etapa necesaria puede ser; pero de ninguna manera suficiente. La unidad de América Latina que seguramente no surgirá de la noche a la mañana, que quizá exija aproximaciones constantes y parciales en el espacio y en el tiempo, debe ser una empresa esencialmente política, la más vasta aventura de nuestro continente.¹⁵²

Quijano, porém, era contrário aos meios e não aos princípios, ou seja, sua percepção passava pela crença de que a articulação intergovernamental era mesmo o melhor caminho para a integração regional. Defensor fervoroso do processo de integração da América Latina, mas com uma compreensão realista das questões internacionais, Quijano não ignorava a importância da etapa dos acordos regionais no início desse processo:

Tres son las políticas que se nos ofrecen en América: el panamericanismo, el latinoamericanismo, los acuerdos regionales. Con más o menos exactitud, hasta se podría personalizarlas: Monroe, Bolívar e Artigas. Por supuesto, que estas tres políticas no tienen porqué ser siempre excluyentes. Practicando una de ellas, se puede intentar otra. De esas tres políticas, una – el panamericanismo – es, quiérase o no, el vasallaje. Otra, la segunda, es hoy una utopía solo capaz de inflar las bombas de estruendo de cierta oratoria inofensiva. La única viable y realista es la última.¹⁵³

A compreensão realista também se manifestava na reflexão de Quijano sobre as relações entre as nações, e sua consciência dos desequilíbrios de poder existentes entre essas nações conduziu suas análises sobre o sistema internacional para a defesa das alianças regionais. No editorial intitulado *Los pichones en el nido*, de 1957, expõe sua opinião sem tergiversar:

Lo que decimos es que la decantada igualdad de los Estados, es un mito, se no va acompañada de poderío. Que no hay acuerdo sino entre iguales, los que pueden recíprocamente respetar. La evolución contemporánea no hace más que confirmar el hecho de que la política internacional reposa sobre la desigualdad. Y la historia y el sentido común no conocen otra manera de afrontar a los fuertes, que haciéndose también fuertes.¹⁵⁴

Quijano não tinha uma visão kantiana das relações internacionais. Ao longo de sua vida, dos tempos de estudante de direito e de economia até a fase de intensa atividade como jornalista, Quijano presenciou a ruína de projetos idealistas produzidos no âmbito das

Excelsior, 31 de maio de 1976. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 265.

¹⁵² *Ibidem*, p. 268.

¹⁵³ QUIJANO, Carlos *apud* ARDAO, Arturo. El latinoamericanismo de Quijano. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Op. cit.*, p. 177.

¹⁵⁴ QUIJANO, Carlos. Los pichones en el nido *apud* SIERRA, Carmen de. Marcha en el contexto político-económico internacional del siglo XX. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Op. cit.*, p. 66.

próprias estruturas hegemônicas. Viu, com a ascensão do nazifascismo e com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a *débâcle* da Sociedade das Nações e do Tratado de renúncia à guerra, firmado em Paris, em 1928. Os estatutos do Pacto de Paris mais do que expressarem a renúncia às agressões militares, declaravam a guerra “fora da lei”. Ao mesmo tempo, outorgavam à Inglaterra e aos Estados Unidos o direito de fazê-la quando se tratava de defender “certas regiões”, consideradas cruciais. Sobre esse Pacto, firmado entre a França e os Estados Unidos por meio dos ofícios de seus ministros, Briand e Kellog, Quijano emitiu uma crítica fulminante: “La guerra no se suprimirá con simples declaraciones mientras subsistan las causas profundas de los antagonismos entre naciones. Cuestiones de régimen económico y no de palabras huecas.”¹⁵⁵ A ambigüidade consagrada nas fórmulas diplomáticas não fechava o cerco sobre o recurso à força bélica já que os estatutos continham brechas, o que permitiu a Quijano afirmar que “mientras Mr. Kellog cruzaba el Atlántico, portador del olivo de la paz, las fuerzas americanas continuaban ametrallando en Nicaragua a Sandino y los suyos.”¹⁵⁶ A crítica do Pacto de Paris permitiu a Quijano desenvolver uma afinada percepção da Doutrina Monroe, que, no seu entender, era a chave interpretativa da história e do desafio da América Latina. Amparados nela, os Estados Unidos haviam justificado as intervenções militares do século XIX, e Roosevelt, o do “big stick”, havia ocupado o Panamá em 1904. Essa crítica não é apenas uma mera observação circunstancial, mas, como asseveraram Caetano e Rilla, ela marca um ponto de inflexão importante nas concepções de Quijano sobre a política:

La reflexión sobre el Pacto Kellog como gran articulador de los intereses de los centros del poder mundial, se vinculaba en Quijano con la reflexión sobre América Latina. Si en su primera juventud esta era pensada desde el Uruguay y desde la Universidad reformista, tras su experiencia europea, las concepciones de Quijano se revelaban notablemente más maduras, en tanto partían de una visión más cabal del mundo y de sus conflictos.¹⁵⁷

No ano em que retornou da França para o Uruguai, após uma estada de quatro anos em Paris, Quijano escreveu:

Los EEUU se atribuyen un poder de policia internacional, y como no hay ley o criterio, más que el propio de ellos, que diga cuándo se producen los flagrantes casos de malestar o impotencia intervienen cuándo y cómo les place. Más todavía, y es el caso de Nicaragua: para decorar el atentado, pueden ellos mismos crear el caso de malestar o impotencia. Hacen una revolución y ya tienen pretexto para intervenir. Esta doctrina del “police power”, aplicación refinada y solapada de la idea

¹⁵⁵ QUIJANO, Carlos *apud* CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *Op. cit.*, p. 174.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 175.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 176.

imperialista, va a ser la que va a inspirar a todos los presidentes que suceden a Roosevelt.¹⁵⁸

A análise que Quijano fez do monroísmo sob os influxos de sua experiência européia e de suas observações da situação política internacional faz eco às consignas de Rodó. Embora meu objeto de estudo esteja situado na década de 60, creio oportuna a referência a ponderações precoces de Quijano, quando ele não havia sequer fundado *Marcha*. Se menciono essas ponderações, é porque entendo que nelas já estão as matrizes do pensamento maduro de Quijano. A mensagem rodoniana, principalmente a crítica ao recrudescimento da influência dos Estados Unidos na América Latina, é a pedra de toque formadora da visão anti-imperialista do diretor dos *Cuadernos de Marcha*. Suas reflexões da década de 20 se projetam no *corpus* textual dos *Cuadernos*. Quando Rodó sublinhou a “orientação histórica” dos propósitos intervencionistas da política estadunidense, tinha a intenção de remeter seu leitor à Doutrina Monroe. Para Quijano, a análise das aplicações do monroísmo ao longo da história era o marco de onde deveriam partir todas as interpretações da equação de poder mundial, determinada pelo relevo dos impérios. Quijano viu, mais tarde, com a Guerra Fria, com a invasão da Hungria pelos tanques soviéticos e com a intervenção norte-americana no Vietnã, cair por terra e sucumbir ao imperialismo das superpotências a Carta de São Francisco, de 1945, o Tratado marco das Nações Unidas, que traz em seu preâmbulo estas palavras:

Nós, os povos das nações unidas, resolvimos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra [...] e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional possam ser mantidos [...] resolvemos conjugar nossos esforços para a consecução desses objetivos.¹⁵⁹

No volume intitulado *Ideas and Foreign Policy: beliefs, institutions and political change*, Goldstein e Keohane sublinham que: “for millennia philosophers and historians have wrestled with the issue of the role of ideas in social and political life, and for as long as social science has existed its practitioners have debated these questions.”^{160*} Tributários de Weber, Goldstein e Keohane sugerem que assim como os interesses as idéias têm um peso definidor para explicar as ações humanas. Posso argumentar que a retomada das teses do escritor

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 175.

¹⁵⁹ Preâmbulo da Carta de São Francisco, assinada em 26 de junho de 1945, após o término da Conferência das Nações Unidas sobre a organização internacional, entrando em vigor em 24 de outubro daquele mesmo ano.

¹⁶⁰ GOLDSTEIN, Robert & KEOHANE, Judith. *Op. cit.*, p. 03.

* Por muito tempo, filósofos e historiadores têm se debatido com a questão do papel das idéias na vida política e social, e desde que a ciência social existe seus representantes têm discutido essa questão. [tradução livre do autor]

uruguaio, como aconteceu nos *Cuadernos de Marcha*, expressou a tentativa de resignificar e atualizar a prédica rodoniana, matizada pelo projeto político e intelectual da publicação de Montevideú. A América Latina da década de 60 e dos primeiros anos da década de 70 ainda se confrontava com dilemas similares àqueles que constroem a sua inserção no cenário internacional da época em que Rodó escreveu. Isso vai ao encontro de Goldstein e de Keohane, para quem “ideas often become politically efficacious only in conjunction with other changes, either in material interests or in power relationships.”^{161**} Para George Sabine, “las ideas políticas son impotentes a menos que respondan a situaciones políticas.”¹⁶² Ora, as elites do pensamento burguês de esquerda uruguaio, de onde emergiram os quadros dos *Cuadernos de Marcha*, não ignoravam a fragilidade da posição do pequeno país platino no sistema interamericano e mundial. Quijano, diretor dos *Cuadernos de Marcha*, sempre soube que nenhum benefício estratégico poderia advir do isolamento político uruguaio: “Un proyecto nacional para Uruguay es así un proyecto que tiene una connotación internacional.”¹⁶³ Gerardo Caetano expressa a mesma percepção:

Uno puede decir sin temor a equivocarse o exagerar que el Uruguay ha sido un país que a lo largo de su historia ha estado obsesionado por el "afuera" del mundo y la región. En realidad no pudo haber sido de otra manera: si tenemos en cuenta los itinerarios de su historia social, si reparamos en su configuración demográfica, en el proceso de construcción de su cultura, en las modalidades colectivas de encarar la política o de incorporarse a los debates del mundo, difícilmente podamos contradecir esa percepción. El "afuera" ha sido para los uruguayos, como ha dicho Francisco Panizza, una "imagen constitutiva" y una "mirada constituyente".¹⁶⁴

Essa tensão traspasa toda a história uruguaia. A reafirmação das idéias de Rodó pelo projeto dos *Cuadernos* atendeu ao anseio veemente de fortalecimento do ideal unionista acalentado por seus articulistas e principais colaboradores. Em *Ariel* e em anotações esparsas, Rodó defendeu a integração regional.

As idéias têm um peso determinante na configuração de programas políticos. Estreitamente vinculado com as visões de mundo rodonianas, Carlos Quijano, o diretor dos

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 25.

** Idéias geralmente tornam-se politicamente eficazes apenas em conjunção com outras mudanças, sejam aquelas que incidem nos interesses materiais, sejam as que repercutem nas relações de poder. [tradução livre do autor]

¹⁶² SABINE, George. *Historia de las ideas políticas*. México: Fondo de cultura económica. 11ª Ed. 1988, p. 400.

¹⁶³ QUIJANO, Carlos. *Patria chica y patria grande*. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de maio de 1974. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 263.

¹⁶⁴ CAETANO, Gerardo. *Uruguay y la integración regional: apuntes para una mirada histórica*. [online] Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.rau.edu.uy/mercosur/caetano.htm>. Arquivo consultado em 29 de setembro de 2006.

Cuadernos de Marcha, imprimiu no seu periódico uma marca acentuadamente latino-americana. Muito mais do que “monumentalizar” idéias, Quijano, sempre crítico, as rejuvenesceu e as resignificou porque viu nelas as próprias inquietações de seu tempo. A análise da revisão das idéias rodonianas empreendida pelos articulistas dos *Cuadernos* e a repercussão do pensamento identitário na conformação do seu campo semântico demonstra que o projeto político e cultural dos *Cuadernos* fizeram suas muitas das idéias de Rodó, mas não permite aduzir que seus articulistas inverteram os valores Arielistas para enquadrá-los em suas ponderações:

A la luz de los hechos y de los acontecimientos concretos de nuestro siglo, una gran parte de la obra de Rodó envejeció sin duda y nos parece ingenua. Pero su ingenuidad sociológica llevaba en sí el germen de un nuevo humanismo, un humanismo socialista que no llegó a ver. La aspiración de Rodó a la unidad de América Latina, su ideal del hombre espiritualmente integral y de una sociedad futura construida sobre el reconocimiento de los valores morales superiores, su fe en las posibilidades creadoras y en el luminoso mañana de los pueblos latinoamericanos, su preocupación desinteresada por los destinos históricos del continente que se encuentra ahora en efervescencia, todo esto liga íntimamente el ensayista uruguayo con la lucha en la cual está empeñada hoy la intelectualidad progresista latinoamericana.¹⁶⁵

2.2 A política brasileira expressa nos *Cuadernos de Marcha*

O semanário *Marcha* (1939-1974) e a figura de Carlos Quijano (1900-1984), seu fundador e diretor, representam o rigor crítico do pensamento platino e latino-americano. Nascido com o século XX, em 1900, mesmo ano em que apareceu o célebre livro de José Enrique Rodó, *Ariel*, que teve profunda influência no seu pensamento, Quijano foi um fundador de sociabilidades e redes intelectuais, um congregador e formador de grupos. Conforme sublinha Carmen de Sierra:

Su personalidad y su labor tendrán un peso decisivo en la formación del medio intelectual y universitario del país durante por lo menos medio siglo. Su reflexión sobre la situación mundial y las especificidades latinoamericana y uruguaya comienza a configurarse con claridad desde los años treinta, secundada por otras de la intelectualidad de la época.¹⁶⁶

A leitura em perspectiva de *Marcha*, como empresa cultural e como “obra em movimento”¹⁶⁷, bem como a compreensão da densidade histórica de seu projeto político e

¹⁶⁵ S. P. MAMONTOV. *Op. cit.*, p. 79.

¹⁶⁶ SIERRA, Carmen de. *Marcha* en el contexto político-económico internacional del siglo XX. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Op. cit.*, p. 33.

¹⁶⁷ Um estudo específico sobre a revista como “obra em movimento” e como rede de sociabilidade intelectual pode ser encontrado em um dos números do *Cahier de l'IHTP*. Cf. PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une

cultural, constituem meio singular e seminal de análise da evolução do pensamento da “geração de *Marcha*”, que mais tarde seria chamada de “geração crítica”. Transitando um caminho em direção à defesa da integração regional, o semanário uruguaio marcou a riqueza do campo cultural do pós-guerra no Rio da Prata e a projeção mundial do pensamento latino-americano na década de sessenta. Com o recrudescimento da Guerra Fria, e com o avanço da influência norte-americana na América Latina sob os desígnios da política de contenção ao comunismo, a revista é fechada brutalmente em 1974. Inseridos no projeto editorial de *Marcha*, e aprofundamento dos seus principais temas, os *Cuadernos de Marcha* (1967-1974), em sua Primeira Época, deram maior projeção teórica ao projeto político e cultural da revista uruguaia.

Com circulação mensal, os *Cuadernos de Marcha* abrigaram análises abrangentes sobre variados aspectos da realidade latino-americana e sobre os eventos políticos que marcaram o cenário internacional de sua época. Entre esses eventos, o golpe militar no Brasil foi analisado atentamente. Quero estudar o projeto político do periódico platino no interior da evolução ideológica do “grupo de *Marcha*”, bem como investigar a sua compreensão da realidade brasileira no contexto dos primeiros anos do regime militar.

Conforme Mabel Moraña, pesquisadora do Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, da Universidade de Pittsburgh, *Marcha* é um verdadeiro paradigma da história intelectual da América Latina:

Modelo inimitado de fertilidad creativa y pensamiento crítico, *Marcha* surge en uno de los países más pequeños y periféricos de América Latina y pronto se proyecta con una fuerza inusitada a través de fronteras culturales e ideológicas, abriendo un espacio transnacional de diálogo y debate en el que participarían las más prestigiosas figuras de la cultura, la política y la economía internacional.¹⁶⁸

Tributário do pensamento do escritor José Enrique Rodó e do filósofo Carlos Vaz Ferreira, além de leitor contumaz de Marx, tendo herdado do primeiro a crítica ao utilitarismo estadunidense, do segundo o antidogmatismo e do terceiro o modo de entender a história, Quijano sempre defendeu ardentemente uma compreensão internacionalista da realidade histórica. Moraña sublinha a relação inextricável entre o nacional e o internacional na configuração do projeto político do “grupo de *Marcha*”:

Sin sacrificar lo particular a lo general, lo nacional a lo internacional, lo individual a lo colectivo, *Marcha* supo articular, quizá como ninguna otra publicación latinoamericana, las exigencias de la contingencia con las necesidades de un

contribution a l'Histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Cahier de l'IHTP: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux*. Paris: IHTP/CNRS, n° 20, 1992.

¹⁶⁸ MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Op. cit.*, p. 10.

pensamiento de proyección mayor, internacionalista, volcado hacia debates y horizontes que daban a lo local un sentido más pleno.¹⁶⁹

Devo chamar a atenção para o conjunto abrangente de temas estudados pelos *Cuadernos*. Os títulos dos números monográficos têm um caráter remissivo; demonstram a preocupação do “grupo de *Marcha*” com um ubíquo rosário de questões, cujo eixo é o Uruguai e a América Latina. De acordo com Luisa Peirano Basso:

Los *Cuadernos de Marcha* abordan un amplio espectro de temas: las corrientes de pensamiento universal y nacional; la política mundial, americana y uruguaya; la historia del Uruguay y de la Región del Plata; la situación de la Iglesia en Latinoamérica en la década del sesenta y la literatura rioplatense. La elección que hace *Cuadernos* de los temas referidos al pensamiento filosófico se ajusta a una postura asumida previamente por *Marcha*.¹⁷⁰

Convém lembrar que minha análise está circunscrita à Primeira Época dos *Cuadernos*, especificamente aqui aos números 37 e 38, dedicados ao Brasil. Ambos foram organizados por Paulo R. Schilling. Intelectual brasileiro com intensa atividade política no campo das esquerdas, Schilling esteve exilado no Uruguai de 1967 a 1974. No país platino, integrou-se ao Movimento Nacionalista Revolucionário, liderado por Brizola. Em junho de 1974, foi expulso do país, em razão de um pedido pessoal do ditador Ernesto Geisel a seu homólogo uruguaio, Juan Bordaberry. Enquanto esteve no país, Schilling dirigiu três editoras: *Diálogo*, *Biblioteca de Marcha* e *Nuestra America*. Foi redator internacional de *Marcha* e de seus *Cuadernos* durante seis anos. Desde o periódico de Montevideú, Schilling produziu inúmeros artigos e coligiu documentos sobre o endurecimento do regime militar brasileiro. O conjunto desses artigos (em sua maioria devidamente arquivados) constituem uma fonte valiosíssima do que ocorreu no Brasil durante a ditadura.¹⁷¹

É desta forma que Schilling fez referência aos temas que os números dos *Cuadernos* dedicaram ao Brasil, voltados particularmente ao golpe de Estado militarista de 1964 que depôs João Goulart:

Este *Cuaderno de Marcha* no pretende ser la historia del régimen militar instaurado en el Brasil el 1° de abril de 1964, ni mucho menos. Toda y cualquier tentativa por el estilo, hecha en este momento, sería incompleta y parcial, pues trátase de un proceso todavía en curso y en el cual todos estamos implicados. Así, nos limitamos a enfocar algunos aspectos de la realidad brasileña en ese período, los que consideramos más importantes: el origen y la evolución del militarismo brasileño; el golpe continuado o la contrarrevolución permanente; la teoría y la praxis de la

¹⁶⁹ *Idem.*

¹⁷⁰ BASSO, Luisa Peirano. La primera época de los Cuadernos de Marcha. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Op. cit.*, p. 256.

¹⁷¹ A biografia de Schilling pode ser consultada no URL que lhe foi dedicado: <<http://www.pauloschilling.com/#>>. Arquivo consultado em 13 de maio de 2008.

entrega de la economía nativa a los monopolios extranjeros; la tesis del “satélite privilegiado” o del subimperialismo brasileño; la política económico-financiera del gobierno castrense y sus consecuencias sociales y el desarrollo del “fascismo subdesarrollado”, culminando con la transcripción de documentos auténticos sobre las torturas, esa practica que en los últimos años es parte de lo cotidiano en la vida brasileña. Junto con los documentos que constituirán el segundo “Cuaderno” sobre el Brasil, tendrá el lector una visión de la tremenda tragedia que viven hoy noventa millones de brasileños. Una de las grandes tragedias de nuestra época.¹⁷²

O Uruguai, desde os movimentos de independência com Artigas, teve sua formação histórica como nação, no século XIX, determinada pelas contingências regionais e internacionais. Isso pode soar como um truísmo. Para países com território exíguo, “la patria chica”, para usar a expressão de Quijano, existe uma vulnerabilidade de grau mais elevado. Embora toda nação que se forme esteja sujeita a influências de diversas naturezas, aquelas que se constituem no limiar de disputas territoriais e contenciosos diplomáticos entre duas potências vizinhas enfrentam suscetibilidades exponencialmente maiores. Território estratégico, por sua localização no estuário do Rio da Prata, precisou debelar a cobiça do Império brasileiro e enfrentar o intervencionismo do poder político das Províncias Unidas, para tornar-se independente em 1828, com a mediação da Grã-Bretanha, preocupada com empecilhos ao seu comércio na rica região da Bacia do Prata. Para geógrafos e historiadores brasileiros, a República Oriental do Uruguai surge como um Estado tampão, premido pela influência dos vizinhos maiores. A referência ao conceito de “subimperialismo brasileiro” não é fortuita. Ao contrário disso, está em consonância com a percepção do periódico sobre a política brasileira no Uruguai e no Prata. O semanário ressalta, tempestivamente, sua compreensão histórica da ingerência do Brasil na região:

[...] es necesario ahondar para conocer cabalmente las finalidades de la secular política brasileña en el Río de la Plata y la colaboración que a ella prestó el mitrismo, heredero y representante de la oligarquía porteña que cincuenta años antes había traicionado a Artigas y entregado la tierra oriental a la voracidad del imperio.¹⁷³

Como se vê, essa análise do “grupo de *Marcha*” sobre o Brasil repousa sobre bases de hostilidade defensiva, e Quijano já havia expressado essa hostilidade algum tempo antes. Desta vez, ele ataca o expansionismo brasileiro no século XIX e parece também fazer referência ao Tratado de Petrópolis¹⁷⁴: “Brasil fue una creación del imperio rival y su

¹⁷² SCHILLING, Paulo R. “Presentación”. *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, p. 03, n° 37, mayo de 1970.

¹⁷³ *Marcha*, n° 1607, 24 de agosto de 1972.

¹⁷⁴ Assinado em 17 de novembro de 1903, na cidade imperial de Petrópolis, pelos plenipotenciários da República dos Estados Unidos do Brasil e da República da Bolívia, respectivamente os Srs. José Maria da Silva Paranhos do Rio-Branco, Ministro de Estado das Relações Exteriores e Joaquim Francisco de Assis Brasil, enviado

expansión se hizo hasta fecha muy reciente a expensas de los países de origen español.”¹⁷⁵ É importante chamar a atenção também à noção de “satélite privilegiado” que o semanário sublinha. Essa idéia só pode ser corretamente entendida na medida em que é situada no espectro maior da crítica de Quijano ao imperialismo estadunidense. Diria que o diretor dos *Cuadernos de Marcha* considerava ominosa a permeabilidade brasileira à penetração das vultosas inversões do capital monopolista estadunidense e a suscetibilidade do poderoso vizinho, o Brasil, a pretensões hegemônicas no âmbito regional. Embora reticente, Quijano, cuja percepção da política internacional estava sedimentada em esteios de matizes realistas, tinha consciência de que qualquer projeto histórico para a América Latina não poderia excluir o Brasil. Como país pequeno, o Uruguai não poderia ter um destino encastelado dentro de suas próprias fronteiras: “Uruguay solo tiene destino dentro de una América Latina, reconquistada por sus pueblos y para sus pueblos, sin los cuales nada perdurable puede construirse. Una América Latina patria de patrias, socialista y libre.”¹⁷⁶ O colapso do Estado democrático burguês brasileiro, em 1964, representou, para o “grupo de *Marcha*”, um sério constrangimento à autodeterminação da região e a ponta de lança de um intervencionismo estadunidense no subcontinente, em sintonia com o pan-americanismo histórico. A noção de “satélite privilegiado” é, portanto, associada à inserção dependente do Brasil no sistema internacional e é também, considerando a irradiação das estruturas hegemônicas na América Latina, correlata de construções políticas e ideológicas como a teoria do “Destino Manifesto”, de John L. O’Sullivan, ou de doutrinas geopolíticas, como a do “Espaço Vital”, criada pelo alemão Albrecht Haushofer, herdeiro do pensamento de Hatzel. Em que pese a origem da doutrina do “Espaço Vital”, seu escopo foi apropriado por Washington. Vale lembrar que

extraordinário e Ministro Plenipotenciário nos Estados Unidos da América; e pelos Srs. Fernando E. Guachalla, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Missão Especial no Brasil e Senador da Bolívia e Cláudio Pinilla, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário no Brasil, nomeado Ministro das Relações Exteriores da Bolívia; e sancionado pelo Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Francisco de Paula Rodrigues Alves, pelo Decreto n° 1.179, de 18 de fevereiro de 1904, o Tratado de Petrópolis garantiu ao Brasil a posse de 190.000 km² do território boliviano, rico em florestas e reservas de seringais, pela qual o Estado brasileiro comprometeu-se a entregar em permuta certas áreas da fronteira do Mato Grosso que perfaziam 3.164 km², bem como dar início a construção da estrada-de-ferro Madeira-Mamoré, em uma extensão de 400 km, para permitir uma saída da Bolívia para o oceano Atlântico. O Estado brasileiro comprometeu-se ainda, conforme o Artigo III do referido Tratado, a pagar uma indenização, por não haver equivalência nas áreas dos territórios permutados entre as duas nações, no valor de £ 2.000.000 (dois milhões de libras esterlinas), pagos em duas prestações de um milhão de libras cada uma. Cf. Tratado de Petrópolis. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www2.mre.gov.br/dai/b_boli_11_927.htm. Arquivo consultado em 10 de julho de 2008.

¹⁷⁵ QUIJANO, Carlos. La nostalgia de la patria grande. Publicado originalmente em *Marcha*, 28 de outubro de 1966. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, 1989, p. 215.

¹⁷⁶ *Marcha*, 30 de dezembro de 1969.

durante a Guerra Fria os Estados Unidos subordinaram muitos dos seus interesses à ampliação da sua projeção política e econômica em direção ao sul do rio Bravo. É neste contexto que se enquadra a noção de “satélite privilegiado”. Por conseguinte, pela importância da política brasileira na região, os *Cuadernos de Marcha* não poderiam eludir a análise das vicissitudes pelas quais o vizinho continental passava. Nove anos após a publicação do número 78 dos *Cuadernos*, o último da Primeira Época, dedicado ao assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti, Quijano, no México, escreveu um texto em que fez algumas considerações gerais sobre a situação do Uruguai. Nele, voltou a fustigar a hegemonia regional tutelada do Brasil:

Hay dependencias y dependencias. En cierto sentido todos los países son dependientes, aun Estados Unidos, aun la Unión Soviética; pero no es, por cierto, esta “dependencia” la que nos preocupa. Por otra parte, hay gradaciones o escalonamientos, en el tortuoso camino de la dependencia y también influencias plurales. Por ser más fuerte, Brasil es menos dependiente que Paraguay y hay adquirido una mayor autonomía de vuelo: recuérdese su política nuclear y su actitud frente al Fondo Monetario. La dependencia de Paraguay es mayor, y múltiple. Está subordinado al centro hegemónico, y también al Brasil. Al dueño de toda la casa o que se pretende tal y a uno o al más importante de sus capataces.¹⁷⁷

Como mencionei anteriormente, meu objetivo nesta seção está circunscrito aos números 37 e 38 dos *Cuadernos de Marcha*, publicado o primeiro no mês de maio de 1970, com 79 de páginas, sob o título *Brasil: seis años de ditadura - Torturas* e o segundo no mês de junho de 1970, com o mesmo número de páginas, sob o título *Brasil: perspectivas de la revolución*. Embora a citação anterior provenha da Segunda Época dos *Cuadernos*, ecoa as mesmas avaliações acerca do Brasil que a antecederam, publicadas nos números sobre os quais me concentrarei. Examinarei alguns dos temas que são tratados na Primeira Época.

O primeiro artigo do número 38, *El enfrentamiento Iglesia-militares*, acusa a Igreja Católica brasileira de ter preparado psicologicamente a sociedade civil para o golpe de Estado. Lembra a sucessão de eventos que promoveram a escalada da retórica demonizadora do comunismo: a Campanha de Rosário, a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade e as bravatas do Manifesto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Sobre a conivência da Igreja com o golpe de Estado e a composição de forças que engendrou a deposição de Goulart, os *Cuadernos Marcha* assim expressaram sua compreensão dos acontecimentos:

La participación de la iglesia en la preparación del golpe del 1º de abril de 1964 fue fundamental, decisiva. En aquel extraño connubio que reunió al imperialismo norteamericano con la burguesía y el latifundio, más los sectores de las clases

¹⁷⁷ QUIJANO, Carlos. Reflexiones sobre Uruguay. Publicado originalmente em *Cuadernos de Marcha*, México, julho de 1983. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1988), p. 376.

medias, correspondió a la iglesia – por acción del sector oficial y mayoritario del clero – un papel decisivo en la preparación psicológica del golpe.¹⁷⁸

Complementam o libelo nestes termos: “Asumió, así, oficialmente, la iglesia, la complicidad en la institución del más antinacional y antipopular régimen instaurado en el país después de la independencia política (1822).”¹⁷⁹

Quanto ao Manifesto da Conferência Nacional dos Bispos, lançado em 29 de maio de 1964, dois meses depois do golpe, o periódico faz uma crítica acrimoniosa ao documento, “tremendamente comprometedor”, situando-o na escalada da histeria repressiva. O teor do Manifesto é providencialista; expressa o repúdio do oficialismo católico aos movimentos esquerdistas brasileiros, que enquadra na classificação genérica do bolchevismo soviético:

Atendiendo la general y angustiosa expectativa del pueblo brasileño, que veía la marcha acelerada del comunismo hacia la conquista del poder, las Fuerzas Armadas acudieron a tiempo y evitaron que se consumase la implantación del régimen bolchevique en nuestra tierra.¹⁸⁰

Atribui a manutenção do contrato social à providência:

Luego del movimiento victorioso de la revolución, experimentase una sensación de alivio y de esperanza, sobre todo en virtud del clima de inseguridad y casi desesperación en que se encontraban las diferentes clases o grupos sociales, la Protección Divina se hizo sentir de manera sensible e irrefutable.¹⁸¹

Antes de prosseguir com a análise deste *Cuaderno*, devo fazer uma breve inflexão para estudar a evolução do pensamento social da Igreja católica no século XX. Em conferência pronunciada em Santiago, em junho de 1991, por ocasião do ato organizado pela CEPAL para recordar o centenário da promulgação da encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, Osvaldo Hurtado chama a atenção para o movimento reformista no interior da Igreja, inaugurado com o aparecimento dessa encíclica:

La *Rerum Novarum* no estudió – ni respondió – a todos los problemas y conflictos antes anotados, sino únicamente a los referidos a la “cuestión obrera”. Sin embargo, representó un cambio importante en el pensamiento de la Iglesia, que por siglos había concentrado su atención en los asuntos religiosos, reaccionando de manera negativa y dogmática ante las nuevas ideas referidas a la vida terrena. Casi todos los cuarenta y dos párrafos en los que se divide su contenido, se refieren a la problemática social del proletariado [...]¹⁸²

¹⁷⁸ s/a, *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, nº 38, junio de 1970, p. 03.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 04.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 03.

¹⁸¹ *Idem*.

¹⁸² HURTADO, Osvaldo. El pensamiento social de la Iglesia católica en los últimos cien años. In: *A cien años de la Rerum Novarum*. Seminario especial con motivo del centenario de la encíclica *Rerum Novarum* del papa

É evidente que, embora o *aggiornamento* tenha percebido os problemas que a questão social suscitava, suas prédicas permaneceram reticentes a apoiar posições mais radicais. Hurtado assevera que na encíclica *Populorum progressio*, Paulo VI “condena el uso de la violencia en razón de que la ‘insurrección revolucionaria engendra nuevas injusticias, introduce nuevos desequilibrios y provoca nuevas ruinas’ [...] se inclina por el camino de las reformas que, según sus palabras, deberían ser ‘audaces, profundas e innovadoras.’”¹⁸³

Hurtado acrescenta que a Igreja sempre considerou os princípios do marxismo como atentados à moral católica: “Desde la *Rerum novarum*, las encíclicas y en general los documentos y declaraciones emitidos por los pontífices romanos y por la jerarquía eclesiástica siempre hicieron de la crítica a la ideología marxista uno de sus principales propósitos”.¹⁸⁴

Acerca dos setores mais reformistas e progressistas do clero brasileiro, depreende-se do conteúdo do Manifesto uma intolerância implacável com as divergências da linha eclesiástica ortodoxa que chega às raias do obscurantismo:

Reconocemos y lamentamos que, hasta en movimientos de orientación católica, haya habido falta y abusos por parte de uno u otro elemento que burló nuestra vigilancia, o de otros que fueron victimas de su propio idealismo, de la falta de malicia o de inadecuada apreciación de los hechos. Pero, en la medida en que esas faltas llegaron a nuestro conocimiento, antes aún de la revolución, jamás dejaremos de advertir y castigar a los culpables, fuesen laicos o sacerdotes.¹⁸⁵

As advertências e castigos aos culpados não se restringiram ao expurgo ou à excomunhão. A aliança do oficialismo católico com o exército não admitia dissidências de suas fileiras. No Brasil e na América Latina, o bonapartismo, portanto, liquidou as apostasias e defecções. Como todo regime totalitário, cujo traço mais nítido é o terrorismo de Estado, a ditadura brasileira, coetânea do sistema bipolar que marcou as relações internacionais na Guerra Fria, considerava qualquer dissociação de seu ordenamento político e jurídico uma traição, um crime de lesa pátria. Por sua vez, a Igreja, braço ideológico do regime, considerava as idéias reformistas uma blasfêmia. As punições perpetradas contra os setores progressistas do clero não passaram ao largo das análises que o “grupo de *Marcha*” fez da realidade política brasileira. O periódico denunciou prescrições e perseguições:

Leon XIII, y de la publicación de la encíclica *Centesimus Annus*, del Papa Juan Pablo II. Naciones Unidas, Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 1991, p. 19.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 27.

¹⁸⁴ *Idem*.

¹⁸⁵ s/a, *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, nº 38, junio de 1970, pp. 03-04.

Las medidas de violencia contra sacerdotes – prisiones, torturas y expulsiones, se sucedieron en los primeros meses después del golpe. A pesar de la censura total y el terror entonces imperante, algunos hechos, como los juicios a los padres Francisco Lage y Alípio de Freitas, tornáronse conocidos. La condena impuesta al padre Lage – 28 años – continúa siendo la sentencia más alta, entre otras miles, impuesta por los tribunales militares.¹⁸⁶

Acusou também o cerceamento da liberdade de expressão: “de esta manera, Brasil retrocede algunos siglos. La libertad de púlpito era respetada aun en el tiempo de Brasil colônia. Son famosos los sermones del cura Antônio Vieira, en los cuales criticaba incluso a las autoridades portuguesas.”¹⁸⁷ Atento à importância do estudo dos diferentes grupos que compunham as forças opositoras ao regime, o “grupo de *Marcha*” não deixou de fazer análises sucintas sobre a participação dos estudantes nos embates contra os militares. Foi com o propósito de aprofundar a compreensão do momento histórico pelo qual passava o Brasil naquela conjuntura, que o número 38 dos *Cuadernos* dedicou um artigo ao movimento estudantil, procurando entender seu posicionamento, como movimento de massas, no interior do quadro geral das lutas sociais. Poderia argumentar que o eixo que perpassa toda a discussão procura reconstruir o processo de radicalização do movimento estudantil, como manifestação das contradições da sociedade brasileira. Contudo, o autor não faz tão somente um exame isolado da ação política estudantil. Muito pelo contrário, sua intenção é perceber na experiência brasileira a presença de uma dificuldade não resolvida em toda a esquerda revolucionária latino-americana: saber como articular e preparar um movimento de massas, do qual os estudantes são parte, integrado ao movimento social operário e camponês. A falta de coesão, o sectarismo e as dispersões facciosas atomizaram as forças opositoras. Com relação à total falta de encadeamento dos estudantes com o operariado urbano, o autor destaca o erro tático daqueles e a letargia destes:

El movimiento obrero parecía dormido, neutralizado, y, hasta 1968 bajo total control de las clases dominantes. A lo largo de todo el período, de 1964 a 1968, ese aislamiento comienza por hacerse presente en cada uno de los debates ideológicos, reaparece en las discusiones sobre el papel y alcance políticos del movimiento estudiantil, atraviesa las polémicas sobre tácticas y se hace plenamente visible en los errores.¹⁸⁸

Com efeito, esses erros se mostraram determinantes no sufocamento do movimento estudantil que, isolado, sofrendo a violenta repressão que se seguiu ao seqüestro do

¹⁸⁶ *Idem.*

¹⁸⁷ *s/a, Cuadernos de Marcha*. Montevideo, nº 38, junio de 1970, p. 18 .

¹⁸⁸ MOURA, Julio. “El movimiento estudiantil brasileño: del reformismo a la revolución”. *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, nº 38, p. 22, junho de 1970.

embaixador americano, Charles Elbrick, deparou-se com sérias dificuldades para se manter ativo. A propósito disso, é interessante fazer uma relação intertextual entre os pontos de vista enunciados nos diferentes artigos que compõe o *Cuaderno* 38. Se a visão de Moura é cotejada com o teor da interpretação feita no artigo *Apuntes para la História de las clases sociales en Brasil*, é possível perceber uma consonância estreita entre as duas percepções. Ambas apontam para a falta de revisão crítica das esquerdas brasileiras. Conforme este artigo:

El análisis correcto de cada una de las clases que componen la sociedad de un país es de fundamental importancia en la conducción del proceso revolucionario, en el establecimiento de la estrategia y de las tácticas de lucha. Cualquier error en este terreno, ya sea sobrestimando las posibilidades revolucionarias de una clase, ya sea subestimando el potencial contrarrevolucionario de otra, puede tener consecuencias funestas. Los errores de este tipo cometidos por las izquierdas brasileñas fueron la causa fundamental de la derrota del 1º de abril de 1964. El tiempo perdido en los intentos de ganar la burguesía y los 'militares progresistas' para la causa revolucionaria fue fatal.¹⁸⁹

Finalmente, como derivação de sua avaliação negativa da burguesia “nacional”, “simple testafarro de los grupos monopolistas internacionales”, o artigo condena a falsa interpretação do nacionalismo brasileiro na sua vertente liberal e democrática, e faz uma crítica ferina aos partidos comunistas:

Hoy en Brasil, solamente los partidos comunistas siguen creyendo en 'el papel progresista de la burguesía nacional'. El partido de Prestes, en documento publicado después del golpe del 1º de abril de 1964, cuando la burguesía apoyó incondicionalmente el golpe en defensa del latifundio y de los intereses imperialistas, dice: 'La burguesía disputa al proletariado el liderazgo de la revolución antifeudal y antiimperialista.' Y también el Partido Comunista del Brasil (pro-chino), éste en obediencia a las tesis de Mao-Tse-tung sobre la burguesía, innegablemente correctas para la China de la década de los 20, pero que nada tienen que ver con la realidad concreta brasileña de nuestros días.¹⁹⁰

O último artigo, *Las corrientes políticas en el ejército brasileño*, de Luis Rodrigues dos Santos, dedica-se a um estudo das facções políticas que se chocavam nas Forças Armadas. Antes de concluir, verei alguns pontos a respeito dessa divisão ideológica.

Assumindo os riscos que são inerentes à toda generalização, o autor, após relacionar as posições que compõe os diferentes matizes políticos dos quadros militares às tendências do espectro de linhas que fracionavam a sociedade civil brasileira, fixa quatro grandes correntes de pensamento político militar: 1) a extrema direita, conservadora e tradicionalista; 2) uma direita conservadora, mas com certos rasgos liberais, integrada ideologicamente à uma linha estratégica e diplomática impulsionada pelos Estados Unidos; 3) uma corrente nacionalista,

¹⁸⁹ s/a. *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, nº 38, junio de 1970, p. 68.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 72.

mal definida, que tinha discrepâncias com as duas anteriores, mas que continuava apegada a preconceitos, e com resistências a um possível processo de união com a quarta corrente; 4) um sector classificável, em linhas gerais, como nacionalista revolucionário. No que se refere à primeira corrente, Santos afirma que lhes faltava credibilidade para ter o apoio efusivo dos Estados Unidos. Egressa de um ramo decrépito do exército brasileiro, ainda muito arraigada aos vícios essenciais da instituição, essa corrente, presa às limitações dos estamentos patrimonialistas que formavam suas bases, por não ter nenhuma visão regional tampouco da política internacional, era considerada instável. Coube a segunda corrente representar os interesses do Departamento de Estado estadunidense no Brasil e, recordando o conceito de “satélite privilegiado”, em toda a região. Como afirma Santos:

Este grupo no podrá eludir, llegado el momento, la responsabilidad histórica de haber patrocinado y concretado en todo sus términos la ocupación económica del Brasil por Estados Unidos, convirtiendo a la mayor nación latinoamericana en una especie de Puerto Rico de habla portuguesa.¹⁹¹

A referência ao pequeno país antilhano não é gratuita. Depois da guerra hispano-americana de 1898, com a *débâcle* do colonialismo espanhol em seu último bastião, a ilha de Cuba, a projeção do poder militar e econômico da nova potência mundial em ascensão, os Estados Unidos, em direção à América Latina anunciou a investida da influência de Washington na região, sob os auspícios da “diplomacia do dólar”, do corolário Roosevelt e da doutrina do *big stick*. Ao contrário de Cuba, que se tornou independente em 1898, apesar dos constrangimentos que a Emenda Platt trouxe para a soberania da ilha, Porto Rico tornou-se protetorado americano e, em 1952, passou a ser reconhecido eufemisticamente como Estado Livre Associado. A alusão de Santos é, portanto, além de sintomática, provocadora.

Com relação à terceira e à quarta correntes, Santos relaciona tanto aquela quanto esta à uma tradição nacionalista que, em determinados momentos, alcançou êxitos consideráveis, como a construção da usina siderúrgica estatal de Volta Redonda e da Petrobrás, “una extraordinaria conquista económica ligada directamente a la soberanía nacional.”¹⁹² É importante observar, entretanto, que o autor classifica a terceira corrente de nacionalista “indefinida”. Ao final de sua análise, o autor deslinda o carácter heterogêneo das Forças Armadas brasileiras: “Lo único que se puede afirmar es que las fuerzas armadas brasileñas no

¹⁹¹ SANTOS, Luís Rodrigues dos. “Las corrientes políticas en el ejército brasileño”. *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, n° 38, p.73, jun. de 1970.

¹⁹² *Ibidem*, p. 78.

son hoy el santuario impenetrable donde sólo tenían libre acceso las ideas y los agentes que conspiraban contra la soberanía y la independencia nacionales.”¹⁹³

Diante dessas premissas posso chegar a algumas conclusões. Antes de mais nada, devo dizer que a compreensão do conjunto de análises coligidas nos números 37 e 38 dos *Cuadernos de Marcha* deve estar subsumida ao projeto político que seu diretor, Carlos Quijano, consolidou ao longo de toda a trajetória da empresa cultural uruguaia. Portanto, é importante situar a publicação de números monográficos exclusivos sobre o Brasil no bojo da defesa da integração econômica, política e cultural da América Latina, como projeto histórico inelutável do subcontinente. Testemunha da evolução dos eventos políticos no Brasil e da hipertrofia das tendências mais conservadoras nas estruturas de poder do país vizinho, o “grupo de *Marcha*” não se poderia evadir de uma ampla revisão crítica do processo que levou ao golpe de 1964. É importante ressaltar que o país platino já havia enfrentado um golpe no século XX, em 1933, apenas três anos após o golpe de Estado de 1930 no Brasil, que depôs Washington Luís. A análise do exemplo brasileiro era de fundamental importância para a publicação uruguaia, cuja compreensão da política do Brasil no Uruguai e no Prata, dentro de uma dimensão histórica, estava marcada por uma hostilidade defensiva, estribada em conceitos como “satélite privilegiado” e “subimperialismo brasileiro”. Quijano fez com muita acuidade uma observação sobre o protagonismo brasileiro na geopolítica regional e sobre a permeabilidade histórica da política brasileira à ingerência das nações centrais: “Otra fecha crucial es la del golpe militar (1964) en Brasil. El soldado del imperio se pone a la cabeza de la contrarrevolución. 'Adonde va Brasil va América Latina'. La fórmula la acuño Kissinger, pero desde mucho antes la política imperial descansaba en ella.”¹⁹⁴

¹⁹³ *Idem.*

¹⁹⁴ QUIJANO, Carlos. Los caminos de la liberación. Publicado originalmente em *Cuadernos de Marcha*, México, n° 1, maio-junho de 1979. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 328.

Capítulo 3: AS LINHAS DE FORÇA DO PENSAMENTO LATINO-AMERICANO NOS CUADERNOS DE MARCHA

3.1 Vozes do Rio da Prata: consciência histórica e nacionalismo no grupo de *Marcha*

Ora nostalgia, ora utopia, ora mito, ora convicción, la patria grande ha tenido una conmovedora tenacidad. Nadie ha podido borrarla de nuestra América. Ha sido nuestro perdido bien y nuestra tierra prometida.
Carlos Quijano

México, 31 de maio de 1976

As revistas político-culturais ocuparam um espaço importante no campo intelectual latino-americano em todo o século XX. Não temo utilizar um tópico frasal tão categórico, pois estou seguro de que qualquer um que perscrutar a história intelectual da América Latina do século XX, seja obstinado investigador, seja recalcitrante curioso, encontrará inevitavelmente alguma referência a esta progressista revista peruana ou àquela confraria de escritores ortodoxos, aristocráticos e pedantes que se juntaram para defender os valores de um cânone literário em uma publicação conservadora. Ora situando-se à esquerda, ora à direita do espectro ideológico, acompanhando as fortes tensões que se chocaram no âmbito político, o periodismo latino-americano aglutinou reflexões dispersas e sistematizou tópicos, dando-lhes coerência e concatenação. A emergência de um arcabouço conceitual bem definido no interior de várias publicações contribuiu muito para a criação e repercussão de um conjunto de idéias e de diretrizes do pensamento latino-americano. Com frequência tiveram nas revistas o seu berço, o seu espaço de gestação e amadurecimento.

Não há dúvida de que elas foram fecundas e de que fizeram circular em seus lenhos uma seiva que nutriu e enriqueceu a interpretação e o conhecimento da realidade latino-americana. Terreno de fertilidade heurística, no sentido da “heureka” de Arquimedes, porque muitas vezes engendrou suas próprias categorias de análise, foram também um dos lugares em que irradiaram conceitos que surgiram em outras circunstâncias. Quero chamar a atenção aqui para um conceito em particular, o nacionalismo que irrompeu no torrencial século XIX em meio a torvelinhos de agitação social e arrebatamentos de um espiritualismo romântico, melancólico e libertário. Evidentemente situado em um contexto de hegemonia européia no sistema internacional, tanto na esfera econômica, quanto na política e cultural, momento de

expansão de um colonialismo agressivo e voraz, o nacionalismo está no cerne do edifício ideológico novecentista.

Seu aparecimento na Europa insuflou os movimentos de unificação alemã e italiana, e desencadeou guerras de independência, como a da Grécia (1821-1829). Essa guerra mobilizou o espírito do lúbrico e excêntrico poeta britânico George Gordon Byron, que lutou entre as fileiras do exército grego. A motivação do jovem Byron, todavia, não derivava do sentimento nacionalista em si, mas resultara da própria força mítica e simbólica da Grécia, como guardiã do humanismo, da razão especulativa e da intuição poética. Pois bem, não importa apresentar neste escrito um inventário dos nomes que brandiram os ideais nacionalistas na Europa do século XIX. A toponímia das modernas cidades, entusiasmada de um republicanismo enaltecedor do “grande homem”, no sentido empregado por Taine, já se encarregou de levar esta tarefa adiante, como expressou Carlos Quijano: “Y son muchos los grandes hombres de nuestra historia, esos que hoy llenan el nomenclator de la ciudad, los que aparecen confundidos entre las sombras de la gran conjura.”¹⁹⁵

Meu interesse agora é fazer uma análise da transposição do conceito de nacionalismo para a América Latina, particularmente aquele expresso pelo “grupo de *Marcha*”. Conceito fundamental na evolução do pensamento latino-americano, móvel dos movimentos de libertação nacional, constituiu um instrumento poderoso nas estratégias políticas do continente. O Documento de Santa Fé II (1988), destinado a orientar ideologicamente a política externa estadunidense para a América Latina, afirmava que “o matrimônio do comunismo com o nacionalismo, na América Latina, representa o maior perigo para a região e para os interesses dos Estados Unidos.”¹⁹⁶ Esse Documento, formulado sob os auspícios de membros de institutos de altos estudos sobre a América Latina, é prognóstico e apresenta propostas; traça linhas de ação, no âmbito político, econômico e cultural para o Departamento de Estado reagir às investidas dos movimentos emancipatórios. Escrito nos estertores da Guerra Fria, traduz com precisão as reservas dos formuladores da diplomacia estadunidense à influência dos grupos nacionalistas da América Latina nos espaços de poder e fora deles também.

¹⁹⁵ QUIJANO, Carlos. El gran traicionado. Publicado originalmente em *Marcha*, 19 de maio de 1961. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 146.

¹⁹⁶ Cf. Documento de Santa Fé II. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.geocities.com/proyectoemancipacion/documentossantafe/santafeii.doc>. Arquivo consultado em 21 de setembro de 2007.

Posso dizer talvez que o nacionalismo adquiriu historicamente o predicado de “significante vazio”, como definiu Laclau. Quero dizer com isso que o conceito pode ser definido de diferentes formas conforme o âmbito em que se situa, ou seja, é regido por um traço de ubiquidade semântica.

Todo tipo de identidad se construye en esta relación inestable entre equivalencia y diferencia, lo que significa que el modelo fundamental de estructuración de lo social es un modelo de carácter retórico. Porque lo que significa la retórica es precisamente que no hay una significación literal, sino que hay un desplazamiento de la cadena significante por la cual un término asume la representación de algo que constantemente lo excede.¹⁹⁷

O nacionalismo tanto pode emergir no interior de um discurso conservador, belicista e chauvinista como também pode irromper na enunciação panfletária de um manifesto libertário. Não há dúvida de que a elasticidade do conceito de nacionalismo é incontestável, e de que, consoante sua localização no espaço e no tempo, pode assumir inúmeros matizes. Muitos já se debruçaram sobre o nacionalismo.¹⁹⁸ Não se chegou a uma noção uniforme. Há pontos de convergência e de discordância. Quando a orientação da análise assume um viés retrógrado, ele surge amiúde associado à idéia de raça, ao mito da origem da nação, ao culto dos arquétipos. Quando a perspectiva da análise se fundamenta em critérios críticos e heterodoxos, ele é imediatamente colocado na berlinda do crivo da história. Aí então ele pode aparecer identificado com a idéia de “comunidade de destino” ou de “comunhão de interesses”, como expressou Otto Bauer.¹⁹⁹ Também pode saltar à vista seu traço falacioso, de conteúdo ideológico, quando se aventa sua qualidade de construção histórica, como bem o fez Benedict Anderson²⁰⁰ ao definir a nação como uma “comunidade imaginada”. A nação, para Octavio Ianni, não é uma entidade indissolúvel, isomorfa e homeostática. Ao contrário, é a entropia e o movimento que podem melhor caracterizá-la:

A Nação pode ser vista como uma configuração histórica, em que se organizam, sintetizam e desenvolvem forças sociais, atividades econômicas, arranjos políticos, produções culturais, diversidades regionais, multiplicidades raciais. Tanto o hino, a bandeira, o idioma, os heróis e os santos, como a moeda, o mercado, o território e a população adquirem sentido no contexto das relações e forças que configuram a

¹⁹⁷ ALEMÁN, Jorge e LACLAU, Ernesto. ¿Por qué los significantes vacíos son importantes para la política? [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.wapol.org/es/debates/Template.asp?intTipoPagina=1&intEdicion=1>. Arquivo consultado em outubro de 2007.

¹⁹⁸ Renan é um dos precursores com sua obra *Qu'est-ce qu'une nation?*

¹⁹⁹ BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000, pp. 45-83.

²⁰⁰ Cf. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

Nação. A Nação pode ser uma formação social em movimento; pode desenvolver-se, transformar-se, romper-se.²⁰¹

Um estudo sobre qualquer nuance do nacionalismo trará à tona ineludivelmente suas contradições e desvelará seus paradoxos. Diria sem a menor hesitação que o nacionalismo pode transpor fronteiras políticas. Aliás, é importante atizar a capacidade de discernimento quando se pensa na relação entre fronteiras e nacionalismo porque com freqüência, em um mundo de guerras, de balcanização e de marcha de refugiados, essa relação se tornou muito vulnerável. Uma nação pode estar dispersa por territórios não necessariamente contíguos. Não é apenas a soberania sobre um território que plasma uma nação. A nação transcende e antecede a formação do Estado nacional. Quando as vicissitudes políticas tratam de inverter os termos, ou seja, quando um Estado surge por anexação ou secessão, o direito internacional público e a norma de sucessão não têm instrumentos para criar uma nação; um arranjo jurídico não tem a faculdade de forjar no átimo da assinatura de um tratado um ente que é, por natureza, histórico. Ideologia alguma logra plasmar um elo que escapa à formalidade inorgânica de um arranjo político. A ideologia, por sinal, é o móvel mais importante do nacionalismo conservador ou clássico, para empregar a terminologia utilizada por Carlos Real de Azúa. Oportunamente trago à baila o nome de Real de Azúa com a intenção de encetar a análise e interpretação do conceito de nacionalismo no interior do *corpus* teórico manejado pelo grupo reunido no semanário *Marcha* de Montevideu (1939-1974). O estudioso uruguaio dedicou-se com tenacidade ao tema do nacionalismo e à tópica da nação. Morto nos anos da ditadura que o exonerou de sua cátedra universitária, Real de Azúa havia escrito em 1963 uma obra de fôlego que permaneceu inédita por mais de trinta anos, *Tercera posición, nacionalismo revolucionário y Tercer Mundo*, publicada apenas em 1996 pela editora da Cámara de Representantes. Hibernou no limbo editorial, por dez anos após a morte de Real de Azúa, em 1977, outra obra importante de sua produção intelectual acerca dos traços formadores de seu país, *El problema del Origen de la Conciencia Nacional en el Uruguay*. Essas são obras que vieram a lume no período de distensão democrática, observação que consta das próprias notas de abertura do primeiro tomo de *Tercera posición, nacionalismo revolucionário y Tercer Mundo*. Colaborador permanente do “grupo de *Marcha*”, com um conjunto de escritos profícuo na edição semanal do periódico de Montevideu, publicou também ensaios de maior alento teórico nos dossiês temáticos dos *Cuadernos de Marcha*.

²⁰¹ IANNI, Octavio. “A questão nacional na América Latina”. *Estudos Avançados*, Jan./Mar. 1988, vol.2, nº 1, p. 05.

Como definir o marco político e teórico sobre o qual transitou o “grupo de *Marcha*”?

Carmen de Sierra sustenta que:

[...] esse grupo se constitui a partir da herança ariologista, combinando-a com elementos procedentes do positivismo e do marxismo, que destacam o econômico. Quijano, esgrimindo idéias de corte nacionalista e de independência cultural, põe ênfase em aspectos econômicos que possibilitariam tal independência.²⁰²

Um questionamento impõe-se: quais os fundamentos e as características desse nacionalismo esgrimido pelo diretor de *Marcha*? Em um fragmento extraído da Declaração de Princípios da ANDS, escrita em 1928, Quijano evidencia algumas características da sua compreensão acerca do nacionalismo:

Nuestro nacionalismo no es, sin embargo, de esos que se exteriorizan solamente en desfiles patrióticos y en culto de los muertos. Entendemos por nacionalismo una política de *creación* o de *vigorizamiento* de la nacionalidad, de estudio constante de nuestra realidad, de soluciones, ya lo hemos dicho, basadas en esa realidad.²⁰³ [grifo do autor]

A enunciação de Quijano é incisiva e revela uma fragilidade: a fundação das repúblicas independentes latino-americanas mergulhou o continente em um período anárquico²⁰⁴ no entorno do vazio de poder deixado pela coroa espanhola que se estende por muitos anos em lutas intestinas entre os caudilhos locais. Depois desse período sobreveio a etapa de consolidação das oligarquias regionais, processo que está na raiz da fragmentação política do continente. Pois bem, é oportuno lembrar uma frase de Marx repetida à exaustão que diz que “a ideologia dominante foi sempre a da classe dominante”. Quijano quis defender exatamente uma noção de nacionalismo contraposta à concepção conservadora das classes dominantes, isto é, a burguesia de Montevideu, os militares e os pecuaristas, sustentáculos de um modelo econômico dependente nos termos de troca e voltado prioritariamente para o mercado externo. Pode-se dizer, sem eufemismo, uma classe dominante apátrida. Onde reside a vulnerabilidade revelada nas palavras do diretor de *Marcha*? Devo fincar pé em dois vocábulos sintomáticos: “*creación*” e “*vigorizamiento*”. Por que esses vocábulos são empregados? Sua presença na enunciação de Quijano não é fortuita. Ciente da natureza ideológica do nacionalismo e do aspecto inorgânico da formação nacional tanto do Uruguai como dos outros países latino-americanos, orientada para atender aos interesses das classes

²⁰² Cf. SIERRA, Carmen de. El semanario *Marcha*: una conciencia de la fragilidad nacional en un contexto internacional amenazante (Uruguay 1939). In: *América*. Cahiers du CRICCAL, n° 4-5, Paris, 1990.

²⁰³ QUIJANO, Carlos. Nacionalismo – Antiimperialismo. Publicado originalmente em *Marcha*, 16 de fevereiro de 1940. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 53.

²⁰⁴ O vocábulo não deve ser associado à corrente de pensamento anarquista de Proudhon e Bakunin. Empregue-o em alusão à idéia de “estado de natureza”, desenvolvida por Thomas Hobbes no capítulo XIII do seu *Leviatã*.

dominantes locais, Quijano não ignorou a carência de um conceito de nacionalismo identificado com os processos sociais e históricos que constituíram as complexas divisões de classe e seus resultados na consolidação das estruturas da sociedade. Sua percepção do nacionalismo brandido pelas forças detentoras do poder assumiu um viés crítico, e revelou-lhe o cariz estéril e pretensamente universalista que o animava. O tom acerbo que costumava nutrir suas análises e enunciações veio à tona mais uma vez para demolir os pilares de uma construção falaciosa que se aninhava na retórica oficialista. Para Quijano, o nacionalismo deveria representar uma relação algébrica positiva em vez de um jogo de soma zero, isto é, deveria partir de um estudo profundo da realidade nacional como único meio de engendrar um projeto de nação agregador em que todos os setores da sociedade participassem da produção e usufruto dos bens culturais e econômicos resultantes do esforço coletivo. Além do mais, deve-se assinalar que o nacionalismo de Quijano forma um sintagma junto com sua visão antiimperialista. Ambas categorias constituem peças insubstituíveis de uma mesma construção. Quijano desvencilhou o nacionalismo do patriotismo. Entendia o patriotismo como um recurso inócuo a certo passado que dificilmente incorporava a história do país ao seu presente político e que mais raramente ainda buscava fora dos horizontes das fronteiras nacionais elementos para a construção da identidade nacional. Impregnado de convicções antiimperialistas, Quijano defendeu também uma nova concepção de nacionalismo; antes que um “estar en el Uruguay”, apontava para um “estar en el mundo”; antes que a queda na engrenagem cega do pan-americanismo, aposta decidida na construção de uma federação latino-americana.²⁰⁵ No “grupo de *Marcha*”,²⁰⁶ quem melhor tentou definir os contornos de um conceito de nacionalismo com condições de calhar bem às condições do desenvolvimento sociohistórico de países marginais foi Carlos Real de Azúa.

Sem sombra de dúvida esse conceito deriva da tradição eurocêntrica; surgiu na Europa, irradiando os vetores históricos instalados nos termos do Tratado de Westphalia (1648), que fundou o atual sistema de Estados nacionais. Germinou no âmago da expansão do capitalismo, inserido na dinâmica do concerto europeu como ponta de lança do avanço comercial das grandes potências em suas colônias. Neste contexto pertenceu a uma vertente

²⁰⁵ CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *Op. cit.*, p. 183.

²⁰⁶ Não posso descurar do ponto de vista de Arturo Ardao. No semanário *Acción*, periódico que precedeu *Marcha*, Ardao escreveu: “No somos nacionalistas del pasado sino del presente y del porvenir. [...] Creemos en la eficacia, para detener el peligro que amenaza la vida de las jóvenes repúblicas de América, de la política internacional de acuerdo latinoamericano. *Acción*, Montevideo, 26 de marzo de 1932, p. 01. Nacionalismo y antiimperialismo *apud* CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *Op. cit.*, p. 184.

ofensiva e marcadamente comprometida com interesses econômicos. Ao ser transplantado para as regiões periféricas, assumiu uma índole inversa, ou seja, de teor defensivo e hostil à presença estrangeira, inversão que não passou ao largo da mirada crítica do estudioso uruguaio, que apresenta a trajetória de resignificação do conceito: “Al ser transferido de su semántica europea al ámbito del mundo marginal, ningún concepto ha cambiado más, probablemente, que el del nacionalismo.”²⁰⁷ Na teia emaranhada de significados, qual ou quais as principais tendências desveladas por Real de Azúa em seus estudos analíticos sobre o nacionalismo? Antes de qualquer coisa, cabe lembrar que ele tratou de dissolver as formulações unívocas postuladas por conservadores. A ciência política, a interpretação de um manancial teórico e o discernimento crítico instrumentalizaram-lhe a encontrar os diversos substratos e camadas de sentidos adquiridos por essa categoria de contornos tão indefinidos quanto evanescentes. Munido dessas ferramentas, levou a cabo a tarefa de identificar gradações e de tirar o véu de construções ideológicas.

O nacionalismo foi uma tópica medular na conformação do pensamento político latino-americano, e repercutiu também no campo cultural. A escritora chilena Gabriela Mistral asseverou que “vendrá a ser perversa política la entrega de la riqueza de nuestros pueblos [devida a] las influencias extranjeras que ya se desnudan con absoluto impudor, sobre nuestros gobernantes.”²⁰⁸ Houve também um momento em que o nacionalismo, no interior do campo cultural, apareceu identificado com o antiimperialismo. A poeta uruguaia Juana Ibarbourou abandonou o isolamento para se posicionar ao lado dos apriistas peruanos:

Nunca he sido combativa [...] siempre el ensueño me ha tenido presa de su red, pero el impulso de estar junto a ustedes (jóvenes apriistas antiimperialistas) es incontenible; un recio convencimiento de corazón y de conciencia me empuja en las filas [...] en la juventud del continente hay un solo punto de mira: el de independencia efectiva. Se lucha contra el imperialismo de los EE.UU., se combaten las dictaduras, se da batalla al caudillismo, se rechazan los meridianos, porque América es el continente de la libertad y todo lo que sea un atentado contra esa libertad, que es una aspiración de entraña, constituye un delito, un odioso delito.²⁰⁹

Real de Azúa coloca em embate sua manifestação nas grandes linhas de força dos cenários políticos europeu e latino-americano. Não há como enquadrá-lo em um único âmbito de operacionalidade. Se na Europa expressou os valores de comunidades que acreditaram

²⁰⁷ REAL de AZÚA, Carlos. *Tercera Posición, Nacionalismo Revolucionário y Tercer Mundo: una teoría de sus supuestos*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. I, 1996, p. 88.

²⁰⁸ MISTRAL, Gabriela. Escritos políticos, selección y prólogo a cargo de Jaime Quezada. Santiago de Chile, FCE, 1994, pp. 128 e 239 *apud* DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Op. cit.*, p. 206.

²⁰⁹ IBARBOUROU, Juana de. Profesión de fe. In: Repertorio Americano, T. XVII, n° 18, 17 de noviembre de 1928 *apud* DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Op. cit.*, p. 247.

carregar o “fardo do homem branco”, abrigadas na convicção de que sua civilização era o ponto para onde afluía o “espírito do mundo”, como formulou Hegel em seu mito heliodrômico, na América Latina deu substância ora a discursos autoritários, ora a posicionamentos de vanguarda em sua luta sem quartel contra o assédio de pretensões estrangeiras. Que semblantes pôde adquirir o nacionalismo no conjunto dos princípios europeus e por que não também na anunciação das investidas de uma nova potência?

Tenía su faz defensiva y su faz expansiva. Tratándose de colectividades tan fuertes y seguras como Francia, Inglaterra, Alemania o los Estados Unidos, la primera era habitualmente una coonestación de la segunda; decir sentirse amenazado es el mejor argumento del zarpazo y en el mundo histórico nunca faltan amenazas latentes y argumentables. Ese nacionalismo adoptaba formas económicas (imperialismo, proteccionismo autárquico), militares, políticas, culturales.²¹⁰

Saltam à vista todas as construções ideológicas semeadas no leito dos lexemas políticos que se produziram nas zonas de poder dos países centrais. Nesses lexemas a defesa desnecessária e infundada legitima um movimento de expansão. À exceção da União Soviética, não há como conceber a presença de um exército de ocupação no território de uma potência bélica como os Estados Unidos durante a Guerra Fria. Mesmo considerar a hipótese de um confronto direto entre as duas superpotências não parece razoável. Com efeito, esse confronto não houve. Se poderia ou não ocorrer, não é possível dizer porque entraria no halo umbroso da análise contrafactual. Por ser tão remota quanto improvável qualquer ameaça à soberania de países centrais, aceitar a face defensiva de seu nacionalismo implica sucumbir à cantilena panglossiana. Alertas ao conteúdo vago e ambíguo dos tratados internacionais, as lideranças das potências bélicas costumam invocar a defesa e auto-proteção de suas comunidades nacionais e de seus princípios para contornar os efeitos desses tratados e legitimar guerras de ocupação. Depois do surgimento de organizações e de tratados internacionais que proscreveram a guerra, como a Liga das Nações, o Pacto Briand-Kellog e finalmente as Nações Unidas, não há como aventar o critério moral do *bellum justum*, ou político do *ius ad bellum*, para coonestar qualquer movimento ofensivo de exércitos. Somente a referência à legítima defesa pode autorizar o recurso à força. Interpretações capciosas da legítima defesa, consagrada pelo costume e pelo direito internacional público no artigo 51 da Carta de São Francisco, foram freqüentemente utilizadas como justificativa para intervenções. Atento às inumeráveis possibilidades hermenêuticas dos ordenamentos jurídicos, Real de Azúa não deixou de perceber com agudeza as contradições infiltradas nas normas internacionais e as ideologias que se insinuam em suas brechas:

²¹⁰ AZÚA, Carlos Real de. *Op. cit.*, (1996), pp. 89-90.

Entre esas “ideologías” presuntamente supertemporales no puede dejarse de mencionar la que representa tácitamente el derecho internacional tal como se ha ido elaborando en los siglos del liberalismo y a cuyas pragmáticas se quiere atar toda la conducta internacional de cada país, ocultando bajo el típico escamoteo liberal de la política tras el contractualismo el *pacta sunt servanda*, tras el derecho los intereses de las naciones maduras, la igualdad de los Estados, la no intervención, la naturaleza neutral de los organismos internacionales, son sus postulados básicos.²¹¹

Os ideólogos do nacionalismo clássico pensam a nação como uma comunidade homogênea; dentro de seu crisol todas as contradições étnicas, culturais e sociais se desvanecem. Ao se constituir com a finalidade de preservar privilégios, como guardião de apanágios de classe, essa comunidade expressa nitidamente em todos os seus matizes a idéia de “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson, porque agrupa em um único conceito as iniquidades da estrutura sócio-cultural. Ora, o que é imaginado não corresponde à realidade. Para o nacionalismo clássico, a comunidade, ao invés de ser fruto de um processo histórico e social no interior do qual se manifesta um projeto de nação compartilhado por todos os segmentos da sociedade, é produto de um artifício retórico, um embuste utilizado para a manutenção da coesão social. Aglutina em seu arcabouço interesses inconciliáveis que não se relacionam mediante o critério da coordenação, mas por meio da subordinação. A questão nacional irlandesa foi um tema delicado nas reflexões de Marx e o perturbou bastante, fazendo seu posicionamento oscilar. Marx condenou o movimento feniano por considerar que o nacionalismo irlandês dividia a classe operária na Inglaterra. Ao fim e ao cabo não relutou em apoiar a luta de libertação nacional irlandesa porque concluiu que os processos sociais na Inglaterra somente poderiam ser alavancados com a independência da Irlanda. Qual foi o fiel da balança? Ora, Marx percebeu que a classe dominante inglesa e seus aparelhos ideológicos, conscientes da ameaça representada pela união do movimento operário, promoviam a discórdia entre os trabalhadores, estimulando rivalidades nacionais. O uso político do nacionalismo tanto pode separar comunidades unidas pela evolução dos processos sociais, como pode congrega grupos com interesses incompatíveis. Quando Real de Azúa atacou a idéia de comunidade reivindicada pelos formuladores do nacionalismo clássico, pensou exatamente na coesão social desnaturada, produzida pelas classes dominantes. Em suas palavras, esse nacionalismo:

Invocaba los intereses de la “comunidad”, de la nación como totalidad pero esa invocación estaba enfeudada claramente (en esto el análisis marxista es intachable) a los intereses o prestigios de ciertos sectores (militares, industriales, banqueros, teóricos, intelectuales, técnicos).²¹²

²¹¹ *Ibidem*, p. 93.

²¹² *Ibidem*, p. 90.

Ainda preocupado com as aberrações engendradas pelos defensores do nacionalismo clássico e conservador, Real de Azúa, analisando a repercussão do impacto psicológico gerado pela propaganda agressiva dos regimes totalitários, volta a tocar no tema do apelo em um só tempo agregador e disruptivo da retórica messiânica desse nacionalismo redentor:

Sus raíces psicológicas naturales: orgullo, agresividad, apego desmesurado a lo que se es, susceptibilidad colectiva enfermiza, incapacidad de simpatía por lo extraño, de imaginación de lo ajeno, fueron fomentadas cuidadosamente por una contundente propaganda de masas que tuvo un profundo impacto en las clases medias y aun - como lo demostraron las dos guerras mundiales - en la obrera.²¹³

Ao nacionalismo das classes dominantes e das nações hegemônicas no sistema internacional, Real de Azúa opõe o nacionalismo marginal ou, como ele prefere chamar, revolucionário. São duas vertentes. A segunda conforma o conceito assimilado pelo *corpus* teórico do “grupo de *Marcha*”. Como ele se manifesta? Que instrumentos opera? À que forças reage? Enquanto para a primeira vertente a nação é um ente etéreo e unívoco que se alimenta da nostalgia bolorenta e do atavismo, para a segunda a nação é um projeto a ser realizado, um fazer-se. Como a linha de argumento traçada por Real de Azúa, nitidamente embebida em valores liberais, define o nacionalismo revolucionário?

[...] Para el nacionalismo marginal, [...] la nación no es solo una forma sino una forma llena de contenido, de ingredientes humanos, un proyecto histórico de liberación que abraza los sectores más numerosos, ricos, inexplorados y desoídos de cada comunidad: obreros, campesinos, sectores técnicos, intelectuales, etc.²¹⁴

O estudioso uruguaio posiciona a lupa de sua análise sobre um espectro de nuances que termina por revelar a natureza, os deslocamentos e os paradoxos dessas duas vertentes. Há momentos em que elas são antípodas e outros em que se entrelaçam, compartilhando elementos. A melhor representação gráfica da relação entre essas vertentes é a que apresenta dois conjuntos que se cruzam. A teoria dos conjuntos, muito utilizada pelos matemáticos, revela que o cruzamento de dois conjuntos gera três zonas distintas: duas delas isoladas, sem contato, isto é, uma e outra constituem um continente de elementos próprios; a terceira é a zona de intersecção em que há comunhão de elementos. Pois bem, Real de Azúa apresenta o ponto que mais diferencia os dois conjuntos:

El nacionalismo clásico emboscaba su carácter clasista en la doble afirmación de unos intereses comunes entre todos integrantes de la comunidad nacional y en la negación de que esos intereses podieran existir entre los componentes de colectividades nacionales distintas. El nacionalismo revolucionario o “marginal” somete esas dos postulaciones a una crítica severa. La comunidad nacional,

²¹³ *Idem.*

²¹⁴ *Ibidem*, p. 96.

primeramente, importa intereses comunes entre sus miembros, pero esos intereses no son un dato previo, axiomático, algo que no haya que demostrar y aun debidamente comprobados no supone, ni mucho menos, que no existan antagonismos sociales e intereses contrapuestos que pueden, en las condiciones de la sociedad capitalista-liberal, deteriorarlos y aun nulificarlos.²¹⁵

Qual a zona de intersecção? Mesmo heterogêneo e cindido, o nacionalismo tem um elemento que unifica todas as suas vertentes:

Todo nacionalismo, para empezar, implica una actitud de realismo, de “cabeza fría”, de incredulidad, de apego a los intereses más intergiversables, próximos, tangibles, de confianza, de apelación a los recursos y a las energías de la própria comunidad contra la voceada y aparente fuerza de las identidades ideológicas, de las solidariedades verbales entre las naciones, de las amistades, de las alianzas. Implica también si no la desconfianza metódica, una ausencia de confianza que podríase llamar “automática” en la eficacia de los mecanismos internacionales de protección y de tutela, de los prestigios puros de “la juridicidad”, de la autenticidad de las generosidades externas.²¹⁶

Essa atitude realista que Real de Azúa diz fazer parte de todo nacionalismo se manifestou na política externa de muitos governos, e se perpetuará como uma corrente de pensamento forte na teoria das relações internacionais. O diretor de *Marcha*, Carlos Quijano, sempre pontilhava suas análises acerca de temas internacionais com o mais férreo realismo.

Embora a reflexão de Real de Azúa seja penetrante, o sangue do dragão não a impermeabilizou por completo. Há um ponto em que ela é vulnerável. Uma ressalva que se pode fazer ao seu esforço especulativo é a falta de menção ao vínculo do nacionalismo com outras categorias. O nacionalismo associou-se com outras matrizes do pensamento latino-americano. Ora identificou-se com a plataforma identitária, ora associou-se à chave modernizadora. Um bloco de conceitos insinuou-se por dentro de suas brechas. Engastados na plataforma identitária, primeiro o Arielismo rodoniano e um pouco mais tarde o indigenismo e o socialismo, foram ingredientes que conferiram grande vigor ao nacionalismo. Marchetada na chave modernizadora, a noção de substituição de importações animou muito as políticas desenvolvimentistas, com forte acento nacionalista. São cruzamentos a serem estudados em outra circunstância.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 99.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 94.

3.2 A integração da América Latina no pensamento de Carlos Quijano: utopia, retórica e realismo

*No habrá, pensamos, América una sin patrias diversas.
Uno, sin dejar de ser uno, entre varios. La centralización
es un sueño de laboristas desarraigados.*

Carlos Quijano

Marcha, 5 de novembro de 1965.

Desde o Congresso Anfictiônico do Panamá, ocorrido em 1826, no qual Bolívar exprimiu sua idéia de união das nações hispano-americanas que tinham travado juntas a Guerra de Independência contra o domínio espanhol, a América Latina persegue a consecução de seu maior projeto histórico: a integração regional, a *Patria Grande*, de Manuel Ugarte. Em prólogo para livro com textos de Quijano sobre a América Latina, organizado pela Cámara de Representantes, o parlamento uruguaio, Arturo Ardao se referiu a um “latinoamericanismo de Quijano”.²¹⁷ Nesse prólogo, escrito em outubro de 1989, Ardao desenvolve com acuidade uma análise acerca da idéia de América Latina no pensamento político do diretor dos *Cuadernos de Marcha*. Na minha opinião, o texto de Ardao não esgotou todas as possibilidades de abordagem desse tema, que é uma verdadeira constelação. Embora penetrante, não penso que um texto dessa natureza pudesse dar conta da miríade de nuances que orbitam ao redor desse tema. Devo dizer, todavia, com toda a moderação, que não tenho a menor pretensão de complementar o texto do filósofo uruguaio, e nem teria elementos para levar a cabo a tarefa. O que tenciono é apenas juntar-me ao seu esforço, para, dentro dos limites deste meu estudo, apresentar algumas considerações a respeito da presença do projeto histórico unionista latino-americano no interior do pensamento de Quijano, aprofundando, no âmbito acadêmico brasileiro, o conhecimento sobre o pensamento do fundador de *Marcha*. Procurarei defender a tese de que a sua reflexão sobre esse tema esteve pautada em fundamentos sólidos e na sua inteligência intuitiva, que deram a suas análises rigor conceitual, lucidez e até, diria, uma extraordinária capacidade de predição.

Antes do aparecimento do GATT (Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio), instituído em 1947, e do Tratado de Roma, pedra fundamental da CEE, de 1957, Quijano já externava uma compreensão do novo mapa da economia e da geopolítica internacionais, já percebia o recrudescimento da tendência de retomada do livre cambismo e

²¹⁷ ARDAO, Arturo. Prólogo. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. XVII-XLI.

do surgimento dos conglomerados supranacionais e intergovernamentais, que ganharia relevo no sistema-mundo do pós-guerra. A consciência das agudas transformações pelas quais passava esse sistema-mundo provocava em Quijano inquietações sobre a inserção do Uruguai e da América Latina no novo panorama político e econômico que estava em gestação:

Se presiente que vamos a la formación de grandes confederaciones de estados y se comprende que será necesario reemprender el camino que sobre todo el abusivo proteccionismo yanqui enseñó a cerrar: la libertad internacional del comercio. Si no sabemos unirnos, los grandes, que serán después de esta guerra más grandes y más fuertes, nos aplastarán.²¹⁸

O despontar de potências que irromperam fortalecidas como protagonistas no cenário político do pós-guerra, principalmente os Estados Unidos, trouxe para as reflexões de Quijano a primazia do tema da integração regional que se fazia mais premente na nova cartografia da distribuição de poder. Possível é, também, distinguir no seu entendimento das configurações políticas que tomavam forma a insinuação de uma posição pendular que albergava a convicção de que os Estados mais vulneráveis em vez de priorizarem alianças bilaterais, com grande propensão aos desequilíbrios provocados pelas assimetrias, deveriam fortalecer vínculos multilaterais:

Para escapar a la sujeción y ser lo que debe ser, América Latina tiene que unirse y, en principio, cuanto contribuya a esa unión debe ser bien recibido. Desde un punto de vista más específico, el de los países débiles, es preferible asimismo, unirse con todos, a depender de uno solo. La opción está determinada no sólo por razones económicas sino también políticas.²¹⁹

O chamado do primeiro presidente da Quinta República Francesa, Charles de Gaulle, por uma Europa ao mesmo tempo coesa e diversa foi a fórmula política da qual Quijano se apropriou para defender igual projeto para a América Latina: “De Gaulle reclama una Europa que sea la Europa de las patrias. Reclamo idéntico con más razón debemos formular.”²²⁰ No seguimento de seu raciocínio, a idéia de que era necessário conjugar a individualidade com a diversidade surge mais uma vez: “Como latinoamericanos nuestro deber es impulsar la unión. Como orientales el deber es mantener nuestra individualidad.”²²¹ Em princípio, para Quijano, tudo aquilo que pudesse jogar água no moinho do processo de integração latino-americana deveria ser bem recebido. Sua predisposição a referendar toda e qualquer iniciativa

²¹⁸ QUIJANO, Carlos. La Conferencia Regional del Plata. Publicado originalmente em *Marcha*, 31 de janeiro de 1941. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 67.

²¹⁹ QUIJANO, Carlos. ALALC y la unidad latinoamericana. Publicado originalmente em *Marcha*, 5 de novembro de 1965. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 196.

²²⁰ *Ibidem*, p. 197.

²²¹ *Idem*.

integracionista, todavia, com o desenrolar do tempo arrefeceu porque acabou se deparando com o andamento controverso dos projetos oficiais, como o da ALALC, surgido em 1960, que ele passou a acompanhar com muitas reservas:

¿Qué es la ALALC? Todavía una borrosa hipótesis que vuela por los aires y a veces rebota en la tierra; cuya frustración demorará el penoso proceso de integración; cuya vastedad conspira contra su eficacia; cuya timidez, cuyo origen y cuyos apoyos y contactos la condenan a ser, si a tiempo no se le salva, un apéndice de la OEA y del CIES, un instrumento de la política imperial. Escenario para diplomáticos y campo de operaciones del capital monopolista extranjero y de las empresas más poderosas. Significativo es que los convenios en su gran mayoría, no sean convenios entre países, sino, dentro de sectores muy bien definidos, entre empresas. Los gobiernos marchan a la zaga de éstas. No imponen las directivas. Los propios interesados se las dan ya hechas.²²²

O Tratado de Montevideú, para Quijano, tão vago quanto desconexo, tinha em sua concepção vícios que ameaçavam a sua operacionalidade e minavam as suas possibilidades de sucesso. O papel secundário desempenhado pelos governos e o protagonismo cada vez mais agressivo das empresas também o deixavam reticente. Aspectos técnicos do Tratado, como as tarifas aduaneiras e a política comercial, não passaram ao largo das suas preocupações. Formado em Direito, na reputada faculdade de ciências jurídicas da Universidad de la República, estudou economia, mais tarde, em sua estada em Paris, experiência que contribuiu para a formação de seu pensamento e moldou, junto com o conhecimento da teoria do Estado e da teoria política, a sua percepção da realidade. A economia, pois, sempre foi um lastro substantivo de suas análises, inclusive na sua avaliação dos parâmetros contraproducentes do acordo comercial. Quijano enumerou alguns pontos sensíveis do acordo entre eles a ausência de uma política monetária comum, que, no meu entender, deveria ser o centro nervoso e o catalisador de qualquer projeto de integração. Sem a concertação das políticas monetárias qualquer esforço integracionista corre o risco de se tornar estéril. Há, parece, implícita, na avaliação de Quijano, a indicação da importância de medidas de salvaguarda, instrumento de política comercial para contrarrestar assimetrias:

Significativo es también que complejos problemas comunes no hayan sido abordados. Aquí en el Plata por ejemplo, la comercialización de las lanas o de las carnes, interesan por igual a la Argentina, al sur del Brasil y al Uruguay. Pudo dedicarse a tema de tanta repercusión el tiempo empleado a estudiar las dificultades de la televisión en colores. En otros terrenos, también se tropieza con el vacío. La posibilidad de una política monetaria común, circunscrita a una región determinada, tampoco ha merecido mayor atención, la atención acordada, en cambio, a la producción y colocación de repuestos para autos.²²³

²²² *Idem.*

²²³ *Idem.*

A avaliação de Quijano é acertada: áreas de livre comércio devem compensar discrepâncias para nivelar eqüitativamente seus benefícios, mas ele desconsiderou que havia no Tratado de Montevideú uma cláusula da nação mais favorecida, o artigo 18, que estendia incondicionalmente a todas as Partes Contratantes qualquer vantagem ou privilégio concedido a produtos e bens originários ou destinados a outros países por uma dessas Partes. Além disso, o capítulo VI possuía cláusulas de salvaguarda. Ainda que o conteúdo econômico do projeto de integração latino-americana tenha, como já disse, ocupado espaço privilegiado nas reflexões de Quijano, o traçado que o seu pensamento parece delinear indica uma preocupação muito maior com a importância da política para a realização desse projeto. A propósito, o imbricamento entre economia e política logo revelaria ao diretor dos *Cuadernos de Marcha* o rasgo de linhagem exclusivamente liberal que alicerçava a ALALC; ele foi um observador muito atento dos acontecimentos em torno do acordo comercial. Não tardou em perceber os verdadeiros significados escondidos por detrás do rechaço ao pedido de adesão de Cuba ao Tratado de Montevideú, quando, em agosto de 1962, no México, no segundo período de sessões, a Conferência da ALALC declarou que, em vista da incompatibilidade absoluta entre o sistema econômico de Cuba e o Tratado, a sua adesão não poderia ser aceita. Ora, o episódio, para Quijano, não foi somente mais uma bizantina decisão técnica *pro forma*; reforçou nele todas as reservas que já tinha ao acordo comercial e o fez transitar de uma posição transigente a uma posição refratária: “ALALC está destinada a la esterilidad y al fracaso. [...] mientras permanezcan o se hagan más estrechas las actuales relaciones con el imperialismo.”²²⁴ Assessorada pela CEPAL, pelo Conselho Interamericano Econômico e Social da Organização dos Estados Americanos (CIES), conforme o artigo 44 do Tratado, e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), de acordo com uma das suas resoluções, a ALALC, para Quijano, fora concebida para promover uma política de integração dependente, posto que atrelada, com exceção da CEPAL, a organismos internacionais enviesados e comprometidos com interesses estadunidenses:

Puesto que ALALC está, difícil es prescindir de ella; pero como sus logros no se compadecen con sus declarados propósitos, ni tampoco con nuestras posibilidades y menos con nuestras necesidades, útil será que, dentro de ella o fuera de ella si corresponde, nos dediquemos a realizar una política de auténtica integración, con objetivos precisos. Una política que no persiga vaguedades ni se limite a homologar convenios entre empresas. Una política que no ponga la pretextada unidad al servicio de nuestros enemigos. Prudente en la marcha; audaz en la concepción;

²²⁴ QUIJANO, Carlos. La nostalgia de la patria grande. Publicado originalmente em *Marcha*, 28 de outubro de 1966. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 211.

flexible y obstinada. Con rumbo único: fortificar nuestras patrias, confederarlas y lograr nuestra liberación.²²⁵

Em outro momento, quando já estava há dois anos no exílio, em 1976, Quijano voltou a insistir no valor da política para a construção do projeto integracionista. A Europa costumava ser uma referência para ele. Se outrora a afirmação de De Gaulle sobre a unidade europeia lhe fora sugestiva, desta vez o bloqueio à adesão da Espanha de Franco à CEE fora o pretexto para ele tecer mais comentários acerca da importância da consonância política para os projetos de integração. Não estou seguro se havia, na jurisprudência da época, algo semelhante com o instrumento jurídico da cláusula democrática, que existe atualmente no direito da integração, mas, na América Latina, desde o início do século XX há, no direito das gentes, uma linha de pensamento que orienta a conduta internacional de governos com relação às bruscas mudanças de poder em seus congêneres, baseada na Doutrina Tobar, elaborada em 1907 pelo Ministro das Relações Exteriores do Equador, Carlos Tobar, que postulou o não reconhecimento de governos que chegam ao poder com o emprego da força ou sem o apoio popular. Seja de que forma for, Quijano já percebera no episódio referente à adesão de Cuba à ALALC uma clara cisão nas possibilidades de integração. Para ele, uma disjuntiva evidente impôs-se: o projeto de integração latino-americana só poderia ser capitalista e dependente ou socialista e democrático. Os dois projetos eram inconciliáveis:

¿Es posible hablar de integración sin una concepción política general común? El mercado común Europeo - neocapitalismo matizado de social democracia - le cerró la puerta a Franco. ¿Cómo se compadece la búsqueda de una integración que inicie el proceso liberador con la entrega a las multinacionales? ¿Cómo cuajará una integración que aplique dos pesos y dos medidas al capital extranjero? ¿Qué nacionalice en un lado y desnacionalice en otro?²²⁶

Assim, foi com um certo otimismo que, em outubro de 1975, ele testemunhou o surgimento do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA), constituído mediante o Convênio do Panamá, com as atribuições de coordenar as posições governamentais dos países membros nos foros internacionais, de estimular a cooperação horizontal entre os países da região, de apoiar os processos de integração da região e de propiciar ações coordenadas entre eles. Ele emitiu esta opinião sobre o SELA:

Este año, por suerte, se ha puesto en marcha el SELA. Punto de llegada y punto de partida. Acta de defunción del ayer. Y afirmación, repetida del tenaz y paciente afán de unidad, que corre a través de toda nuestra historia. Los objetivos se han

²²⁵ QUIJANO, Carlos. ALALC y la unidad latinoamericana. Publicado originalmente em *Marcha*, 5 de novembro de 1965. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 198.

²²⁶ QUIJANO, Carlos. Una nación de repúblicas - El SELA, punto de partida. Publicado originalmente em *Excelsior*, 31 de maio de 1976. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 269.

clarificado y el imperio, por primera vez, no se sienta entre nosotros. Puede que esa organización flexible, nos permita marchar hacia delante.²²⁷

Para Quijano, qual era o maior desafio da América Latina na nova cartografia geopolítica mundial que emergiu no pós-guerra e tomou forma nos anos da Guerra Fria? O sistema-mundo que derivou daí adquiriu um contorno bipolar. A emergente ordem internacional pendia para a concentração de poder em zonas de influência repartidas entre os Estados Unidos e a União Soviética. No Uruguai, como já mencionei, gestou-se uma corrente de pensamento que foi designada como “tercerismo”, segundo a qual o país deveria ter uma atuação independente no cenário internacional. Essa corrente teve forte presença nos enunciados de *Marcha* e dos seus *Cuadernos* e embasou muitas de suas análises, como as de Ardao e Real de Azúa. Enquanto a crítica de Quijano ao modelo soviético era normalmente tibia, seus libelos contra o modelo estadunidense costumavam ser explícitos e contundentes, como este que foi feito no interior de considerações sobre um dos *nós históricos* da América Latina, a união de suas nações:

He ahí el desafío. En este mundo de las grandes concentraciones y de los grandes centros de poder, para sobrevivir debemos unirnos, pero para unirnos debemos trazarnos, una clara meta común. En la revolución de nuestra independencia, fueron las masas populares las que instintivamente se batieron contra las propias oligarquías criollas, por la república. E se fue el rumbo. Ahora deberán combatir por la liberación y por la justicia. Contra el imperio y contra el capitalismo.²²⁸

Se Quijano, por um lado, nutria uma grande hostilidade pelo capitalismo, o socialismo que reivindicou, por outro, não era o socialismo real soviético ou maoísta sobre os quais ele tinha inúmeras reservas.²²⁹ Herdeiro de uma arraigada tradição liberal uruguaia, o principismo, que na sua juventude o levava a formar parte das hostes do Partido Nacional, na ANDS, uma fração política social-democrata, colocando-o em dissenso com o líder socialista uruguaio, Emilio Frugoni, Quijano posteriormente defendeu a noção de um socialismo democrático e imprimiu no projeto político dos *Cuadernos* a marca dessa noção. A tríade socialismo democrático, antiimperialismo e latino-americanismo constituiu a espinha dorsal

²²⁷ *Ibidem*, p. 270.

²²⁸ *Ibidem*, p. 269.

²²⁹ Em entrevista com Ana María Fagalde, realizada em junho de 1982, em que Quijano responde a uma série de perguntas sobre a conjuntura política internacional e latino-americana, há uma breve passagem acerca do socialismo real que revela sua crítica ao modelo autárquico soviético: “Esa es la tragedia del mundo actual. El capitalismo ha entrado en una crisis irreversible. Y el socialismo real, a mi modo de ver, ha entrado en otra crisis también a la cual no le veo salida y por consiguiente no puede constituir un modelo.” Cf. QUIJANO, Carlos. Capitalismo, socialismo real y América Latina. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 296. Mais tarde, essa entrevista veio a ser publicada no primeiro número da Terceira Época dos *Cuadernos de Marcha*, em junho de 1985.

de seu pensamento. Essa tríade sempre colidiu com as idéias dos grupos conservadores uruguaios, e a sua defesa inamovível levou Quijano ao exílio, de onde ele continuou a exprimi-la. Ele acalentava um ardente anelo de testemunhar o surgimento de novos valores e paradigmas, os mesmos que apareceram na carta que Guevara lhe escreveu, em março 1965, intitulada *El hombre nuevo*, publicada em *Marcha*. O espírito do mundo, como Hegel chamou a história, deveria desencadear transformações na América Latina, para que eclodissem esses novos valores. Quijano, atento aos rumores da história, observador dos processos e acontecimentos que revolvem vagarosamente o magma sobre o qual flutuam as endurecidas estruturas das sociedades humanas, tinha a convicção de que o projeto de integração latino-americana representava o novo, que, envolto em renúncias e decisões, carregava um apelo irresistível:

Mire este es un mundo de grandes integraciones y hay que comprenderlo, con todo lo que eso representa de desgarramientos y de creaciones. La vida siempre empieza mañana. No hay que tenerle miedo a las cosas que se transforman. Hay que tenerle miedo a las cosas que se osifican y que quedan congeladas, porque eso es la muerte.²³⁰

Obturado, para ele, era o nacionalismo centralizador. Quijano era nacionalista, mas sua ideologia nacional só adquiria forma e substância quando emparelhada com o latino-americanismo antiimperialista: “No habrá, pensamos, América una sin patrias diversas. Uno, sin dejar de ser uno, entre varios.”²³¹ Isolado, o nacionalismo de campanário não tinha significado. O Uruguai, na sua percepção, poderia resguardar as suas idiosincrasias e os traços que lhe tornavam *sui generis*, desde que no interior de uma unidade histórica maior, a América Latina. Quijano apegou-se obstinadamente à idéia de que o nacionalismo oriental artiguista e sua vigência em um sistema-mundo que pendia para o desvanecimento do Estado nacional implicava a defesa do federalismo integracionista latino-americano:

Cómo podemos creer en este mundo de grandes integraciones, de grandes centros de poder, que los países chicos pueden vivir con independencia. No es cierto. Es una mistificación. Si seguimos manteniendo un tipo de nacionalismo estrecho eso nos va a conducir, tarde o temprano, a los países chicos, a la servidumbre. Me parece inevitable. O nos juntamos o desaparecemos.²³²

Em outro momento, referi-me a um gênero de metaescrita que produz o trânsito das idéias de um lugar - no tempo e no espaço - para outro. As enunciações de Quijano, assim

²³⁰ *Ibidem*, p. 299.

²³¹ QUIJANO, Carlos. ALALC y la unidad latinoamericana. Publicado originalmente em *Marcha*, 5 de novembro de 1965. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), pp. 196-197.

²³² QUIJANO, Carlos. Capitalismo, socialismo real y América Latina. Publicado originalmente em *Cuadernos de Marcha*, junho de 1985. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 300.

como as de seus colaboradores mais próximos, não importa o lugar e o momento em que tenham surgido, projetaram-se intertextualmente e afluíram explícita ou tacitamente para os textos publicados nos *Cuadernos de Marcha*. A integração latino-americana, na sua compreensão, como se pôde entrever, não denotava o nivelamento das identidades e a diluição do terrunho em um espaço geocultural maior, mas a coexistência do autóctone com o contíguo, posição ineludivelmente defendida pelo projeto político dos *Cuadernos*, como se percebe nestas considerções de Arturo Andrés Roig:

Cada vez estamos más convencidos de la unidad cultural que hace de Latinoamérica un continente con perfil propio, como también lo estamos de la rica diversidad que se integra armónicamente en aquella unidad. Grandes zonas culturales dan forma a este continente que ahora tal vez con más fuerza que nunca despierta con viva voluntad de darse una misión y un destino en la historia.²³³

Não poderia ser mais contundente a irradiação das idéias de Quijano nos *Cuadernos*, como ocorre nessa declaração de Andrés Roig, que defende dentro do mesmo movimento a perpetuação da diversidade no fortalecimento da unidade.

²³³ ROIG, Arturo Andrés. *Op.cit.*, p. 07.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis que chego ao fim de minha pesquisa, mas, antes de encerrar, quero ainda acrescentar nestas considerações finais um comentário de Real de Azúa sobre a personalidade de Quijano. Talvez, para uma investigação acadêmica, um comentário como esse não seja pertinente. Mesmo assim, insisto, irei incluí-lo aqui, apelando para a indulgência dos mais aferrados aos protocolos acadêmicos porque presumo que ele revela uma qualidade de Quijano que vai além daquilo que o tornou conhecido como um fleumático e rigoroso analista econômico e político:

Con todo esto ya se está apuntando a la incontrovertible carga pasional, afectiva, que la postura de Quijano porta, a su calidad de ser algo más que un frígido, desentendido ejercicio judicial. Si realismo y economismo sellan su labor periodística, también la marcan un emocionalismo que en los últimos tiempos ha ido acentuándose.²³⁴

O término de um estudo histórico sempre vem acompanhado de uma grande excitação: o *frisson* provocado por toda consciência que se depara com uma tarefa que conseguiu realizar. Penso que a agitação liberada por esse término é fruto de um arroubo intuitivo meramente ilusório. A investigação histórica, por ser muito mais curva do que linear, tem aquela qualidade inquietante da assíntota, isto é, por mais que o seu arco se lance arrebatadamente ao infinito jamais tocará no eixo do qual se aproxima de forma tão infalível. A investigação histórica é condicionada por uma busca sempiterna, que não tem começo e nem tem fim. O desenvolvimento de um estudo sobre a história costuma, com facilidade, tender para o inabarcável. Os marcos são apenas faróis norteadores, mas não blocos inamovíveis. Onde um estudo termina outro começa e vice-versa. O conhecimento histórico, portanto, constrói-se pelo encadeamento de interpretações esparsas, que, ao se engatarem, adquirem coerência e ampliam o entendimento da realidade. Cada interpretação que surge apresenta uma nova mirada. O conjunto delas, cada qual com seus instrumentos de análise e suas receitas próprias, mas todas munidas dos mesmos ingredientes, forma uma visão caleidoscópica, um mosaico, uma colcha de retalhos. Esta pesquisa sobre os *Cuadernos de Marcha* soma-se às outras que lhe antecederam e junto com elas forma uma referência para aquelas que lhes sucederão. Voltar aos *Cuadernos* não é um exercício especulativo desinteressado. Engrosso, sem o mínimo pudor, o mesmo caldo de Agambem, que, amparado

²³⁴ AZÚA, Carlos Real de. *Op. cit.*, (1964), pp. 319-328.

em Foucault, disse: “Para mim, assim como para Foucault, a investigação histórica do passado é apenas a sombra da interrogação histórica sobre o presente.”²³⁵

Os *Cuadernos de Marcha*, em sua Primeira Época (1967-1974), surgiram como aprofundamento do periodismo independente abraçado pelo “grupo do semanário *Marcha*”, periódico em formato de tablóide fundado em Montevideu por Carlos Quijano, em 23 de junho de 1939. Antes de mais nada, expressaram a defesa da nacionalidade, e, por conseguinte, considerando a manifestação dessa defesa no pensamento de Quijano, o embate antiimperialista, irmanando-se à linha que já havia sido traçada pela revista *Amauta*, “uma força beligerante e polêmica”²³⁶, conforme José Carlos Mariátegui (1894-1930), que a fundou em 1926.

Antes de *Marcha* e dos seus *Cuadernos*, Quijano fundara, em 1919, a revista *Ariel*, publicada até 1931. Mais tarde, atuou no jornal da ANDS, *El Nacional*, uma publicação de corte político vinculada à fração social-democrata do Partido Nacional, que circulou entre agosto de 1930 e novembro de 1931. Também fundado por Quijano, em março de 1932, pouco tempo depois da derrota eleitoral da ANDS, o semanário *Acción* foi uma trincheira contra a ditadura de Gabriel Terra, e alcançou cento e oitenta e quatro números. Circulou até abril de 1939, tendo sido transformado por Quijano no semanário *Marcha*, cujo primeiro número saiu em 23 de junho de 1939.

Os propósitos dos *Cuadernos* deram maior alento teórico ao projeto de *Marcha* e de todas essas publicações que lhe antecederam, no interior das quais Quijano havia tido um papel protagônico. Sua linha editorial atrelou-se à indagação sobre o ser nacional, pedra-de-toque de seu projeto político-cultural: “Y no se trata sólo del ser nacional uruguayo, sino, sobre todo, del ser nacional latinoamericano y de nuestra inevitable integración - seamos o no concientes de ella - con los otros países del Tercer Mundo.”²³⁷ Os *Cuadernos*, poderia dizer, surgiram com o anseio de desatar o “nó histórico da América Latina” para o qual Aníbal Quijano chamou a atenção.²³⁸ Como o sociólogo peruano, o diretor dos *Cuadernos*, embora

²³⁵ AGAMBEN, G. (2005, 18 de Setembro de). “A Política da profanação”. Entrevista concedida a Vladimir Safatle. In: *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!* [São Paulo].

²³⁶ AGGIO, Alberto. Um mundo complexo. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.unesp.br/aci/jornal/176/livros.htm>. Arquivo consultado em 21 de junho de 2008.

²³⁷ QUIJANO, Carlos *apud* BASSO, Luisa Peirano. *Op. cit.*, p. 99.

²³⁸ A sugestiva figura de linguagem utilizada pelo sociólogo peruano diz respeito às tópicas medulares do pensamento latino-americano: a identidade, a modernidade, a democracia, a unidade e o desenvolvimento. Em sua opinião, ninguém encarnou mais essas tópicas do que o seu conterrâneo, o escritor e antropólogo, José María

fiel à idéia de que as nações latino-americanas compartilham uma origem e um destino comuns, tinha consciência dos conflitos que fissuram as suas sociedades, conflitos negados pela ideologia nacional conservadora. O projeto dos *Cuadernos*, que ainda é defendido pela plataforma das esquerdas no subcontinente, refiro-me à integração latino-americana naquilo em que ela se relaciona com o tema do projeto identitário, permanece aberto e depende, como assinalou Aníbal Quijano, de rasgaduras e rompimentos:

[...] a questão da identidade na América Latina é, mais do que nunca, um projeto histórico, aberto e heterogêneo, não só e talvez nem tanto uma lealdade à memória e ao passado. Porque essa história permitiu ver que na verdade são muitas as lembranças e muitos os passados, sem contudo um caminho comum compartilhado. Nessa perspectiva e nesse sentido, a formação da identidade latino-americana implica, desde o início, uma trajetória de inevitável destruição da colonialidade do poder, uma forma muito específica de descolonização e liberação.²³⁹

- Entre Cila e Caribides -

(fragmento de entrevista de Carlos Quijano com Ana María Fagalde, México, junho de 1982)

A.M.F. Cambiemos entonces de tema. ¿Y su actividad periodística en México? *Cuadernos de Marcha* que ya hace dos años y medio que sale en México, me gustaría que dijera la línea que está siguiendo, cómo se compone, etcétera. Porque como al Uruguay no llegan, los amigos quieren saber sobre eso. Cuénteles sobre la experiencia de *Cuadernos de Marcha*.

C.Q. Mi hija querida, es muy sencillo, genio y figura hasta la sepultura. Cuando cerraron MARCHA definitivamente dije que estábamos atados al mástil de MARCHA. Aquí he tratado de que *Cuadernos*, en un medio distinto del Río de la Plata, del Uruguay, de la Argentina, siga la tradición latinoamericana de un socialismo democrático con modelos nacionales que durante tantos años mantuvo MARCHA y *Cuadernos de Marcha*. Es decir, sigo por el trillo, con la misma esperanza, tal vez más, y el deseo de que eso se traduzca en realidades. Creo que América tiene un gran reto por delante, nuestra América: la creación de un modelo que no la da ni el capitalismo y mucho menos el

Arguedas (1911-1969). Arguedas nasceu na província de Andahuaylas, no sul dos Andes peruanos, e cresceu entre o povo Quechua. Estudou antropologia na Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Predominou, em seus escritos, o tema da contradição entre a cultura ocidental e a cosmovisão dos povos originários. O nivelamento engendrado pelo capitalismo tornou-o pessimista. Em sua queda anímica, passou a considerar que essa contradição era insuperável. Convencido de que as duas visões de mundo eram inconciliáveis, sucumbiu ao desespero e cometeu suicídio. Aníbal Quijano identificou no destino trágico de Arguedas os dilemas da América Latina: “Porque nenhum Górdio pôde cortá-lo ainda e porque é provável que nenhum latino-americano ilustre o tenha vivido e *morrido* (não se diria o mesmo com *morto*) com mais intensidade que o peruano José María Arguedas, creio que é só pertinente chamá-lo *nó arguediano*.” Cf. QUIJANO, Aníbal. Os fantasmas da América Latina. In: NOVAES, Adauto (org.). *Op. cit.*, p. 77.

²³⁹ *Ibidem*, p. 85.

capitalismo reaganiano, ni lo da tampoco el socialismo real. Tenemos que buscar algo nuevo, ese es el gran reto que tenemos.²⁴⁰

²⁴⁰ QUIJANO, Carlos. Capitalismo, socialismo real y América Latina. Publicado originalmente en *Cuadernos de Marcha*, junho de 1985. In: QUIJANO, Carlos. *Op. cit.*, (1989), p. 297.

Fontes

AGAMBEN, G. (18 de Setembro de 2005). A Política da profanação. Entrevista concedida a Vladimir Safatle. In: *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!* [São Paulo].

ARDAO, Arturo. “Del Caliban de Renan al Caliban de Rodo”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 50, junio de 1971, pp. 25-36.

_____ “Rodó, su americanismo”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 50, junio de 1971, contratapa .

AZÚA, Carlos Real de. “El problema de la valoración de Rodó”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, pp. 71-80.

COLOMBO, Sylvia. “Obra de Benedetti traz melancolia uruguaia”. *Folha de São Paulo*, 21 de março de 2007.

FERREIRA, Carlos Vaz. “Nietzsche”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 64, agosto de 1972, pp. 43-64.

GONZÁLEZ, María Inés. “Eduardo Galeano - La escena americana”. *Página/12*, Colegio Nacional de Buenos Aires, nº 43, s/d, p. 675.

GROMPONE, Antonio M. “Carlos Vaz Ferreira”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 63, julio de 1972, pp. 09-26.

GUY, Alain. “Un filosofo de todas las horas: Carlos Vaz Ferreira”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 63, julio de 1972, pp. 03-06.

IANNI, Octavio. “A questão nacional na América Latina”. *Estudos Avançados*, Jan./Mar. 1988, vol.2, nº 1, pp. 05-40.

IBAÑEZ, Roberto. “El ciclo de Proteo”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, pp. 07-52.

_____ “En el primer centenario de Rodo”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 50, junio de 1971, pp. 15-24.

LÖWY, Michael & SADER, Eder. “La militarización del Estado en América Latina”. *Cuadernos Políticos*, México, nº 38, 1977.

MOURA, Julio. “El movimiento estudiantil brasileño: del reformismo a la revolución”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 38, junio de 1970, pp. 21-36.

MUÑOZ, Eugenio Petit. “El maestro de la juventud de América”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, nº 01, mayo de 1967, pp. 81-92.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, nº 10, 1993.

ONETTI, Juan Carlos. “Quijano era Marcha”. *Revista Proceso*, México, n° 398, 18 de junio de 1984, pp. 34-35.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. “Arte & Política: Portinari e a estética realista”. In: *Anais do VII Encontro da ANPHLAC*. Campinas, 2006.

PINO, Mirian. “El semanario Marcha de Uruguay: una genealogía de la crítica de la cultura en América Latina”. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, Año XXVIII, n° 56, 2° Semestre de 2002.

KERN, Maria Lúcia. “O mito da cidade moderna e a arte: Torres-García e Xul Solar”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXX, n° 2, 2004.

s/a. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 50, junio de 1971, p. 03.

s/a. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 38, junio de 1970, p. 03.

s/a. “El enfrentamiento Iglesia-militares”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 38, junio de 1970, pp. 03-20.

s/a. “Apuntes para la historia de las clases sociales en Brasil”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 38, junio de 1970, pp. 51-72.

ROCCA, Pablo. “La independencia y la crítica (Ardao antes y durante Marcha)”. *Anuario de Filosofía Argentina y Americana*. Mendoza, Instituto de Filosofía Argentina y Americana, vol. 20, 2002. [Impreso en 2005]

_____ “Libro sobre Cuadernos de Marcha: una investigación a contramano”. *El País Cultural*, Montevideo, Año XIII, n° 625, 26 de octubre de 2001.

ROIG, Arturo Andrés. “Elaboremos nuestro propio vino”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 63, julio de 1972, pp. 07-08.

RUSSEL, Bertrand. “Las circunstancias de la intervención de EE.UU. en Vietnam”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 02, junio de 1967, pp. 05-15.

_____ “Um apelo ao povo norte-americano: Johnson e seus cúmplices devem ser julgados como criminosos de guerra.” *Revista Civilização Brasileira*, n° 09/10, ANO I – set./nov. de 1966, pp. 65-74.

SANTIAGO, Silviano. “José no espelho”. *José – Literatura, crítica e arte*, Rio de Janeiro, n° 09, dezembro de 1977.

SANTOS, F. M. dos. “The battle of the heroes. Political leadership and American identity in Oliveira Lima and José Enrique Rodó”. *História*. São Paulo, v. 22, n° 2, 2003.

SANTOS, Luís Rodrigues dos. “Las corrientes políticas en el ejército brasileño”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 38, junio de 1970, pp. 73-79.

SCHILLING, Paulo R. “El militarismo en Brasil”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 37, mayo de 1970, pp. 05-13.

_____ “Presentación”. *Cuadernos de Marcha*. Montevideo, n° 37, mayo de 1970, p. 03.

S. P. MAMONTOV. “Jose Enrique Rodó y la formación de la conciencia nacional de los pueblos latinoamericanos en el transito del siglo XIX al XX”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 50, junio de 1971, pp. 63-80.

ZEA, Leopoldo. “Rodó y Nuestra América”. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n° 01, mayo de 1967, pp. 59-62.

WASSERMAN, Cláudia. “Percursos intelectuais latino-americanos: Nuestra América de José Martí, e Ariel de José Enrique Rodó - as condições de produção e o processo de repercussão”. *Intellèctus* (UERJ), v. I, 2006.

Páginas da Web visitadas

AGGIO, Alberto. Um mundo complexo. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.unesp.br/aci/jornal/176/livros.htm>. Arquivo consultado em 21 de junho de 2008.

ALEMÁN, Jorge e LACLAU, Ernesto. ¿Por qué los significantes vacíos son importantes para la política? [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.wapol.org/es/debates/Template.asp?intTipoPagina=1&intEdicion=1>. Arquivo consultado em setembro de 2007.

BRUNO, Paula G. La experiencia de los Cuadernos de Marcha. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.rodelu.net/lahoja/lahoja88_2.htm. Arquivo consultado em 29 de junho de 2005.

CAETANO, Gerardo. Uruguay y la integración regional: apuntes para una mirada histórica. [online] Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.rau.edu.uy/mercosur/caetano.htm>. Arquivo consultado em 29 de setembro de 2006.

Documento de Santa Fé II. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.geocities.com/proyectoemancipacion/documentossantafe/santafeii.doc>. Arquivo consultado em 21 de setembro de 2007.

GALVÃO JR, João C. Ordem e desordem nas intervenções norte-americanas em seus quintais. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.nplyriana.adv.br/link_geral2.php?item=historiacriminal4&titulo=Ordem+e+Desordem+nas+Interven%E7%F5es+Norte-americanas+em+seus+Quintais. Arquivo consultado em 09 de julho de 2008.

MONEGAL, Emir R. Prólogo e introducción de Literatura uruguaya del medio siglo. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://mll.cas.buffalo.edu/rodriguez-monegal/bibliografia/prologos/prol_08a.htm. Arquivo consultado em 08 de julho de 2005.

PAULA COUTO, Cristiano Pinheiro de. *Revista Civilização Brasileira*: a supremacia do intelectual engajado ou o império da história. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.cce.ufsc.br/~nelic/TCC_Cristiano/index_cristiano.htm. Arquivo consultado em: 09 de julho de 2008.

ROCA, Miguel Soler. Julio Castro, persona buscada a seguir buscando. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.juliocastro.edu.uy/24%20de%20julio/JULIO%20PARANINFOSoler.pdf>. Arquivo consultado em 09 de julho de 2008.

SCHILLING, Pedro e BARBOSA, Lucas. Paulo R. Schilling. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.pauloschilling.com/#>. Arquivo consultado em: 13 de maio de 2008.

Tratado de Petrópolis. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www2.mre.gov.br/dai/b_boli_11_927.htm. Arquivo consultado em 10 de julho de 2008.

Referências Bibliográficas

ACCIOLY, Hildebrando. *Manual de Direito Internacional Público*. São Paulo: Saraiva, 11ª ed., 1980.

ALFARO, Hugo R. *Navegar es necesario: Quijano y el Semanario Marcha*. Ed. de la Banda Oriental. Uruguay, 1985.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

AZÚA, Carlos Real de. *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo II. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Universidad de la República, 1964.

_____. *Montevideo: el peso de un destino*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1987.

_____. Prólogo a Ariel. In: RÓDO, José Enrique. *Ariel/ Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.

_____. *Tercera Posición, Nacionalismo Revolucionário y Tercer Mundo: una teoria de sus supuestos*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. I, 1996.

BASSO, Luisa Peirano. La primera época de los Cuadernos de Marcha. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Marcha y América Latina*. Universidade de Pittsburgh/ Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Biblioteca de América, 2003.

_____. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001.

BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. *Legisladores e intérpretes - Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

BRUSCHERA, Oscar. *Las décadas infames, 1967-1985*. Montevideo: Editorial Linardi, 1986.

CAETANO, Gerardo & RILLA, Leopoldo. *El joven Quijano (1900-1933) Izquierda nacional y conciencia crítica*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 14-15.

CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Lúgia (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, Centro Ángel Rama, 1993.

COBO BORDA, Juan Gustavo. *América Latina: un fracaso creativo*. Bucaramanga: Sic Editorial, 2004.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Micropolítica e Segmentaridade. Trad. Suely Rolnik. In: *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: 34, 1996.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo veinte. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Tomo I. 1ª ed., Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

DIAS, Simone. *Continuidades efêmeras: a crise do intelectual legislador e a ascensão do intérprete*. Chapecó: Argos, 2001.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GOLDSTEIN, Robert & KEOHANE, Judith. *Ideas and foreign policy. Beliefs, institutions and political changes*. New York: Cornell University Press, 1993.

HURTADO, Osvaldo. El pensamiento social de la Iglesia católica en los últimos cien años. In: *A cien años de la Rerum Novarum*. Seminario especial con motivo del centenario de la encíclica Rerum Novarum del papa Leon XIII, y de la publicación de la encíclica Centesimus Annus, del Papa Juan Pablo II. Naciones Unidas, Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 1991.

KERN, Maria Lúcia. Os artistas platinos e as vanguardas espanholas. In: *Jornadas de Teoria e História de las Artes*, Buenos Aires: UBA, 1992.

LACLAU, Ernesto. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e Memória*. São Paulo, Unicamp, 1990.

LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAGGI, Carlos. *El Uruguay de la tabla rasa*. Uruguay: Fin de Siglo, 1992.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *O General em seu labirinto*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARTÍ, José. *Nuestra America*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977.

MIGNOLO, Walter. *The idea of Latin America*. Blackwell Press, John Wiley Professio, 2005.

MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Marcha y América Latina*. Universidade de Pittsburgh/ Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Biblioteca de América, 2003.

NOVAES, Adauto (org.). *Oito visões da América Latina*. São Paulo: Editora do SENAC, 2006.

PETIT, María Angélica. De Marcha a Cuadernos de Marcha: Un proceso ideológico inscripto en el tiempo histórico. In: MORAÑA, Mabel & MACHÍN, Horacio (orgs.). *Marcha y América Latina*. Universidad de Pittsburgh/ Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Biblioteca de América, 2003, pp. 215-252.

PIZARRO, Ana. Ángel Rama: a lição intelectual latino-americana. In: AGUIAR, Flávio e CHIAPPINI, Ligia (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: Edusp, Centro Ángel Rama, 1993.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution a l'Histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Cahier de l'IHTP: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux*. Paris: IHTP/CNRS, n° 20, 1992.

QUIJANO, Carlos. *América Latina - Una nación de Repúblicas*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. III, Tomo 1, 1989.

_____ *Los golpes de Estado (1973)*. Montevideo: Cámara de Representantes de la República Oriental del Uruguay, V. II, 1988.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

_____ *La generación crítica 1939 - 1969*. Editorial Arca, Montevideo, 1972.

ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha (Crítica y Literatura en Marcha y en Uruguay 1939-1974)*. Montevideo: Intendencia Municipal de Montevideo, 1991.

- RODÓ, José Enrique. *Ariel/ Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.
- SABINE, George. *Historia de las ideas políticas*. México: Fondo de cultura económica. 11ª Ed. 1988.
- SAID, Edward W. *Representações do intelectual. As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2000.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- SIERRA, Carmen de. Marcha en el contexto político-económico internacional del siglo XX. In: MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (orgs.). *Marcha y América Latina*. Universidade de Pittsburgh/ Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Biblioteca de América, 2003.
- _____ El semanario Marcha: una conciencia de la fragilidad nacional en un contexto internacional amenazante (Uruguay 1939). In: *América*. Cahiers du CRICCAL, nº 4-5, Paris, 1990.
- SOSNOWSKI, Saúl (editor). *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*. Madrid - Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999.
- STEIN, Ernildo. *História e Ideologia*. Porto Alegre: Movimento, 1999
- VASCONCELOS, Jose. *La Raza Cósmica*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1979.
- WASSERMAN, Cláudia (org.). *História da América Latina: cinco séculos*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/d.
- WINOCK, Michael. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ANEXOS

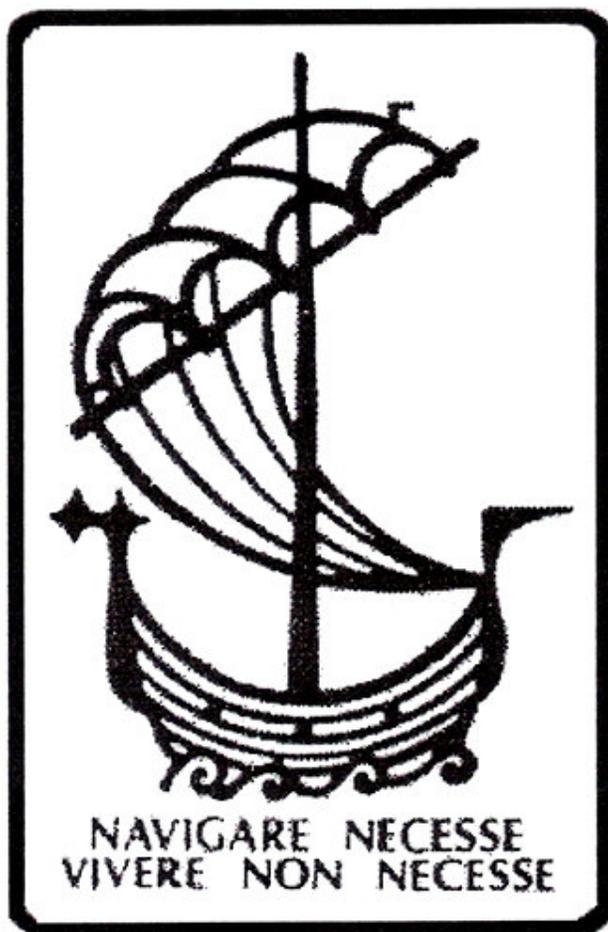


Fig. n° 6 – Logotipo de *Marcha*



Figura nº 7 – Capa do primeiro número dos *Cuadernos de Marcha* - Maio de 1967